
ANAIS
ISSN 2358-7717
ESCAVANDO HISTÓRIA:
São Raimundo Nonato
além dos cem anos
III EXPOSIÇÃO
II CICLO DE PALESTRAS
18 a 20 de setembro de 2014
Ministério da Educação
BRASIL
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PET
UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PET ARQUEOLOGIA
Grupo PET - Arqueologia / UNIVASF
petescavandohistoria@gmail.com

III Exposição
II Ciclo de Palestras

Realização
Grupo PET Arqueologia / UNIVASF
Campus Serra da Capivara

Organização
Celito Kestering

Colaboração
Janaína Carla dos Santos
Leandro Surya Carvalho de Oliveira Silva
Mauro Alexandre Farias Fontes
Nívia Paula Dias de Assis
Vivian Karla de Sena
Waldimir Maia Leite Neto
Gisele Daltrini Felice

Apoio Administrativo
José Hermes Carvalho Paes
Lívia de Oliveira e Lucas
Paulo Oliveira Silva
Sandro Ribeiro de Castro

Membros Externos
Alix Pereira Galvão – REEEPI
Ana Stela de Negreiros Oliveira – IPHAN
Déborah Gonsalves Silva – UESPI
Niède Guidon – FUMDHAM

Bolsistas
Ingrid Lopes de Oliveira
Leonardo Tomé de Souza
Rodrigo Bernardo da Silva
Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva
Amanda Nunes Cavalcante
Jaqueline Lima de Amorim
José Thiago Alves dos Santos Silva
Erivaldo Araújo Costa Júnior
Rômulo Timóteo Macêdo Barbosa
Mariana Zanchetta Otaviano
Regiana Coelho de Souza
Dalina Maria Rodrigues de Oliveira Diógenes

Voluntários
Michele Janes Braga
Rafaela Fonseca de Oliveira
Juliano Arão Pereira da Silva
Lucas Ribeiro dos Santos Assis
Ana Raquel Neves Maia
Alinny Paes Landim Alves
Augusto Moutinho Miranda
Marlene dos Santos Costa

ANAIS

ISSN 2358-7717

ESCAVANDO HISTÓRIA:
São Raimundo Nonato
além dos cem anos

III EXPOSIÇÃO

II CICLO DE PALESTRAS

18 a 20 de setembro de 2014

petescavandohistoria@gmail.com

Ministério da Educação

BRASIL

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL

UNIVASF

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL

ARQUEOLOGIA

SÃO RAIMUNDO NONATO - PIAUÍ
Setembro de 2014

ISSN 2358-7717

ANAIS DA III EXPOSIÇÃO – II CICLO DE PALESTRAS DO PROJETO ESCAVANDO HISTÓRIA: SÃO RAIMUNDO NONATO ALÉM DOS CEM ANOS

GRUPO PET ARQUEOLOGIA / UNIVASF
Rua João Ferreira dos Santos, S/N
Bairro Campestre – CEP: 64.770-000
E-mail: petescavandohistoria@gmail.com
São Raimundo Nonato – Piauí

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 8

PALESTRAS

01 **O Sítio Arqueológico Histórico Sobrado da Conceição** 9

Gisele Daltrini Felice, Adriana Mayra de Almeida Soares e Tânia Maria de Castro Santana

02 **Umbuzeiro dos Defuntos no Contexto da História de São Raimundo Nonato – PI** 10

Celito Kestering e Gizelle Santos de Sousa

03 **PET – Biomecânica: Educação Postural** 23

Marcelo de Maio Nascimento

COMUNICAÇÃO ORAL

01 **Memória e História de Jurema – PI: uma tentativa de resgate do patrimônio cultural desvalorizado** 24

Regiana Coelho de Souza e Celito Kestering

02 **Miscigenação Física e Cultural na Freguesia de Sento Sé – BA, durante a Segunda Metade do Século XVIII** 30

Celito Kestering e Amanda Nunes Cavalcante

03 **Cemitério Nossa Senhora de Lourdes: Lugar de Memória da Cidade de São Raimundo Nonato – PI** 36

Kelly Patrícia Nunes de Aquino e Raquel da Silva Santos

04 **Comunidades Esquecidas: Memória, História e Patrimônio dos Quilombos do Sudeste do Piauí** 47

Augusto Moutinho Miranda e Celito Kestering

05 **Educação Patrimonial: Um Diálogo entre o Passado e o Presente em Busca da Valorização e Preservação do Patrimônio Cultural da Cidade de São Raimundo Nonato – PI** 51

Marlene dos Santos Costa e Celito Kestering

06 **Comida na Rua: Comida pelas Ruas de São Raimundo Nonato – PI** 53

Domingos Alves de Carvalho Júnior, Miqueliny da Costa Santos e Renata Santana Paz Landim Negreiros

07 **Acervo Fúnebre: Arquitetura e Informação nos Cemitérios de São Raimundo Nonato – PI** 54

Domingos Alves de Carvalho Júnior, Alessandra de Araújo Bastos, Marina Silva Carvalho, Tainara de Santana Castro e Antônio Josinaldo Silva Bitencourt

08 **A Nova História e sua Contribuição para a Teoria e Metodologia da Arqueologia Pública no Brasil** 55

Jaime de Santana Oliveira

09 **O Cais, as Embarcações e a Economia de Remanso Velho e Remanso Novo – BA** 59
Alessandra Rocha da Silva e Celito Kestering

10 **Identificação da Paleofauna Pleistocênica e Holocênica nas Pinturas Rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara e Entorno** 66
Iderlan de Souza, Celito Kestering e Eliete de Sousa Silva

11 **Rio e Vegetação: Um Estudo de Caso do Rio Piauí na Área Urbana de São Raimundo Nonato – PI** 78
Ingrid Lopes de Oliveira e Celito Kestering

12 **Turismo e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural como Instrumentos de Revitalização Urbana: Um Olhar sobre o Centro Histórico de São Raimundo Nonato – PI** 81
Vanessa da Silva Belarmino e Celito Kestering

13 **A Incógnita da Presença Indígena na História de Jurema – PI** 89
Aldemir Monteiro de Assis, Regiana Coelho de Souza e Celito Kestering

14 **Atributos Conservados e Modificados nos Cemitérios Submerso e Atual da Cidade de Remanso – BA** 94
Sara Oliveira de Souza e Celito Kestering

15 **Relação entre o Patrimônio Humano e o Patrimônio Cultural no Parque Nacional Serra da Capivara** 102
Rômulo Timóteo Macêdo Barbosa e Celito Kestering

16 **Açude das Nações em São Raimundo Nonato – PI** 108
Lucas Ribeiro dos Santos Assis e Celito Kestering

17 **História, Memória e Conservação do Patrimônio Natural na Fazenda Itaú em Remanso – BA** 114
Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy, Ana Caroline Texeira Maciel, Augusto Cesar, Erivaldo Araújo Costa Júnior, Rafael Gonçalves e Celito Kestering

18 **O Folclore e as Festas Populares de Remanso – BA** 123
Ítalo Barbosa de Souza e Celito Kestering

19 **São Raimundo Nonato Além dos Cem Anos: Um Levantamento Etno-Histórico** 127
Mariana Zanchetta Otaviano e Celito Kestering

20 **Cultura imaterial agregada ao Carreiro dos Meninos** 131
Alan Alves Ribeiro e Sarah Tayran Guerra de Araújo

21 **Folia de Reis em Jurema – PI (1950-1990): Cantos como Testemunho Histórico** 138
Eilane de Castro Cavalcante e Kalliany Moreira Menezes

22 **Memórias de Carnaval: São Raimundo Nonato – PI (1970-1990)** 142
Jeisa de Sousa França e Francisco Chagas Oliveira Atanásio

23 **Retalhos Históricos e Vestígios Arqueológicos do Sobrado da Conceição em Bonfim do Piauí** 146
Dalina Maria Rodrigues de Oliveira Diógenes e Celito Kestering

24 **Entendendo a Ocupação Colonial do Piauí a Partir de um Documento Histórico: O Diário de Antônio do Rego Castelo Branco** 149
Mariana Zanchetta Otaviano e Celito Kestering

25 **Contexto Geoambiental da Lagoa da Ponta Baixa, em Jaguarari – BA** 155
Tamires Daniele de Jesus e Celito Kestering

26 **Construção de Terra Crua: Uma Introdução à Pesquisa da Taipa de Mão na Cidade de São Raimundo Nonato – PI** 163
Iderlan de Souza, Sara Oliveira de Souza, Semírames Santos Freire e Leonardo de Farias Leal

27 **Sob a Ótica Arqueológica: Arquitetura Popular, Memória e Patrimônio em São Raimundo Nonato – PI** 164
Jaqueline Lima de Amorim e Celito Kestering

E-PÔSTER

01 **Memórias e Histórias da Apicultura na Região Sudeste do Piauí** 166
Erivaldo Araújo Costa Júnior e Celito Kestering

02 **História e Memória das Máquinas de Datilografia do Museu do Sertão Antônio Coelho, em Remanso – BA** 168
Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy e Celito Kestering

EXPOSIÇÃO

01 **Índios de Sento Sé – BA na Segunda metade do Século XVIII** 171
Celito Kestering e Amanda Nunes Cavalcante

02 **Indicativos da Sobrevivência Física e Cultural da Nação Sento Sé no Serrote da Gameleirinha, Fazenda São Romão** 180
Leylianny Mara Oliveira Paes e Celito Kestering

PROGRAMAÇÃO

Dia 18/09/2014

08h00min	Recepção e credenciamento
11h00min	**Palestra: O Sítio Arqueológico Histórico Sobrado da Conceição**
12h00min	Almoço
14h00min	**Comunicações orais:**
1	Memória e História de Jurema – PI: uma tentativa de resgate do patrimônio cultural desvalorizado
2	Miscigenação Física e Cultural na Freguesia de Sento Sé – BA, durante a Segunda Metade do Século XVIII
3	Cemitério Nossa Senhora de Lourdes: Lugar de Memória da Cidade de São Raimundo Nonato – PI
4	Comunidades Esquecidas: Memória, História e Patrimônio dos Quilombos do Sudeste do Piauí
5	Educação Patrimonial: Um Diálogo entre o Passado e o Presente em Busca da Valorização e Preservação do Patrimônio Cultural da Cidade de São Raimundo Nonato
6	Comida na Rua: Comida pelas Ruas de São Raimundo Nonato – PI
16h00min	Lanche
16h20min	**Comunicações orais:**
7	Acervo Fúnebre: Arquitetura e Informação nos Cemitérios de São Raimundo Nonato – PI
8	A Nova História e sua Contribuição para a Teoria e Metodologia da Arqueologia Pública no Brasil
9	O Cais, as Embarcações e a Economia de Remanso Velho e Remanso Novo – BA
10	Identificação da Paleofauna Pleistocênica e Holocênica nas Pinturas Rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara e Entorno
11	Rio e Vegetação: Um Estudo de Caso do Rio Piauí na Área Urbana de São Raimundo Nonato – PI

Dia 19/09/2014

08h00min	**Palestra: Umbuzeiro dos Defuntos no Contexto da História de São Raimundo Nonato – PI**
09h00min	**Comunicações orais:**
12	Turismo e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural como Instrumentos de Revitalização Urbana: Um Olhar sobre o Centro Histórico de São Raimundo Nonato – PI
13	A Incógnita da Presença Indígena na História de Jurema – PI
14	Atributos Conservados e Modificados nos Cemitérios Submerso e Atual da Cidade de Remanso - BA
10h00min	Lanche
10h20min	**Comunicações orais:**
15	Relação entre o Patrimônio Humano e o Patrimônio Cultural no Parque Nacional Serra da Capivara
16	Açude das Nações em São Raimundo Nonato – PI
17	História, Memória e Conservação do Patrimônio Natural na Fazenda Itaú em Remanso – BA
18	O Folclore e as Festas Populares de Remanso – BA
19	São Raimundo Nonato Além dos Cem Anos: Um Levantamento Etno-Histórico
12h00min	Almoço
14h00min	**Palestra: PET – Biomecânica: Educação Postural**
15h00min	**Comunicações orais:**
20	Cultura imaterial agregada ao Carreiro dos Meninos
21	Folia de Reis em Jurema – PI (1950-1990): Cantos como Testemunho Histórico
16h00min	Lanche
16h:20min	**Comunicações orais:**
22	Memórias de Carnaval: São Raimundo Nonato – PI (1970-1990)
23	Retalhos Históricos e Vestígios Arqueológicos do Sobrado da Conceição em Bonfim do Piauí
24	Entendendo a Ocupação Colonial do Piauí a Partir de um Documento Histórico: O Diário de Antônio do Rego Castelo Branco
25	Contexto Geoambiental da Lagoa da Ponta Baixa, em Jaguarari – BA
26	Construção de Terra Crua: Uma Introdução à Pesquisa da Taipa de Mão na Cidade de São Raimundo Nonato – PI
27	Sob a Ótica Arqueológica: Arquitetura Popular, Memória e Patrimônio em São Raimundo Nonato - PI

Dia 20/09/2014

09h00min	**E-pôsteres:**
1	Memórias e Histórias da Apicultura na Região Sudeste do Piauí
2	História e Memória das Máquinas de Datilografia do Museu do Sertão Antônio Coelho, em Remanso – BA
09h40min	**Exposições:**
1	Índios de Sento Sé – BA na Segunda metade do Século XVIII
2	Indicativos da Sobrevivência Física e Cultural da Nação Sento Sé no Serrote da Gameleirinha, Fazenda São Romão
10h00min	Visita ao Museu
11h00min	Encerramento com entrega de certificados

APRESENTAÇÃO

O Grupo PET – Arqueologia da UNIVASF realiza, anualmente, uma exposição e um ciclo de palestras. Nesse evento, constituído de palestras, comunicações orais, e-pôsteres e exposições, apresentam-se os resultados dos trabalhos de pesquisa que se fazem na região Sudeste do Piauí e no Submédio São Francisco, preferencialmente sobre temas relacionados ao Projeto **Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos**.

Neste ano o evento aconteceu no período de 18 a 20 de setembro. Participaram dele estudantes do curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), dos cursos de graduação em História e Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) – *Campus* São Raimundo Nonato, de Guia de Turismo do Instituto Federal do Piauí (IFPI) – *Campus* São Raimundo Nonato, bem como de Arqueologia e Preservação Patrimonial e Ciências da Natureza da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) – *Campus* Serra da Capivara.

Observou-se que os trabalhos, apresentados de acordo com o que se estabeleceu na circular, contribuíram na construção de um diálogo plural e democrático que aproximou professores e estudantes das instituições públicas de ensino superior da região Sudeste do Piauí. Constatou-se que, nas pesquisas realizadas, os pesquisadores integraram-se com a sociedade nas atividades de resgate de fragmentos relativos à História Oral, à Memória, ao Patrimônio e à Arqueologia. Os dados obtidos e compartilhados fortalecem a estima coletiva dos sertanejos a quem a historiografia oficial marginalizou durante séculos.

Nos vestígios e artefatos arqueológicos, professores e estudantes contribuíram com a sociedade de São Raimundo Nonato que os abriga com sua tradicional e peculiar hospitalidade sertaneja, resgatando a voz e os feitos de muitos personagens que morreram sem contar o que sabiam sobre a epopeia dos seus ancestrais índios, negros e portugueses.

Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO SOBRADO DA CONCEIÇÃO

Gisele Daltrini Felice (Fig. 1)
Adriana Mayra de Almeida Soares
Tânia Maria de Castro Santana

Doutora em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professora Adjunta na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: gdfelice@yahoo.com.br
Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail:
Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail:

RESUMO

O Sítio Sobrado da Conceição faz parte dos sítios históricos da região sudeste do Piauí. Em 2014, esse sítio foi submetido a duas campanhas de escavação, sendo a segunda realizada pelos alunos da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Durante os trabalhos encontraram-se vestígios da cultura material pré-histórica associada a estruturas construtivas de arquitetura vernácula. Com a palestra pretende-se apresentar os resultados preliminares dessa pesquisa.

Palavras-chaves: Sobrado da Conceição. Arquitetura vernácula. Cultura material.

Figura 1 – Proferição da palestra por Gisele Daltrini Felice e Tânia Maria de Castro Santana



Foto: Celito Kestering (2014)

UMBUZEIRO DOS DEFUNTOS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Celito Kestering
Gizelle Santos de Sousa

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor adjunto 4 na Universidade Federal do VBale do São Francisco e Tutor do grupo PET – Arqueologia / UNIVASF. E-mail: celito.kestering@gmail.com

Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela UNIVASF. Rua João Ferreira dos Santos, S/N; Bairro Campestre; São Raimundo Nonato – PI; CEP: 64.770-000. E-mail: gizellesantossl@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa que se faz junto ao umbuzeiro dos defuntos, marco histórico do município de São Lourenço do Piauí. Sabe-se pela história oral que, próximo a um frondoso umbuzeiro, foram enterrados muitos índios que não aceitaram ser escravos nas fazendas da região Sudeste do Piauí. Formula-se a hipótese de que ali foram sepultados quase quinhentos índios assassinados pelos portugueses na segunda metade do século XVII, conforme relato do padre Martinho de Nantes. Entrevistaram-se pessoas idosas da cidade de São Lourenço para resgatar fragmentos da tradição oral a respeito do umbuzeiro dos defuntos e da origem da atual cidade de São Lourenço. Não se encontraram informações da hecatombe narrada pelo missionário franciscano, porém, indicativos de que ali jazem os corpos de muitos índios mortos em situação de extremo desespero. Diz-se que o alto stress vivido no instante de seu assassinato se conserva e se manifesta em assombrações que se traduzem, regionalmente, como aleivosias. Espera-se que, com a abertura de sondagens e escavações, encontrem-se restos orgânicos e da cultura material que corroborem a hipótese que se formula no estágio atual da pesquisa.

Palavras-chaves: Umbuzeiro dos Defuntos. Tradição oral. Cultura material. São Lourenço do Piauí.

1 INTRODUÇÃO

Dos vestígios da presença de nativos na região Sudeste do Piauí tem destaque a história oral referente ao umbuzeiro dos defuntos onde teriam sido enterrados muitos índios mortos pelos portugueses quando se implantaram a primeiras fazendas de gado.

2 OBJETIVO DA PESQUISA

Registrar uma versão da historia que poucas pessoas conhecem a respeito dos primeiros habitantes da cidade de São Lourenço do Piauí
Evitar que se perca, na esteira do tempo, a história e a memória transmitidas de geração em geração até os mais velhos.

3 METODOLOGIA

Para levantar dados concernentes ao tema da pesquisa, faz-se uso da história oral. Com esse método pode-se documentar experiências vivenciadas por muitas pessoas do meio popular que a historiografia oficial não contempla. Serve-se dela para registrar e compartilhar biografias, testemunhos, vivências, lembranças, impressões, interpretações e/ou versões de fatos. Dessa forma, se produz conhecimento rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, nem sequer se fariam conhecidas.

4 RESULTADOS

O umbuzeiro dos defuntos fica a dois quilômetros a leste do centro da cidade de São Lourenço (Fig. 1 e 2). Segundo se sabe, esse nome foi dado pelos primeiros habitantes dessa cidade. As pessoas mais velhas dizem que, junto a esse umbuzeiro, os índios que habitavam área da fazenda que deu origem à cidade sepultaram muitos de seus mortos, colocando matacões sobre as covas para marcar, assim, o local do enterramento.

Figura 1 – São Lourenço do Piauí



Fonte: Wikipedia (2013)

Figura 2 – São Lourenço do Piauí



Fonte: Google Earth (2013)

5 DEPOIMENTOS

Maria Belém Vilanova Santos, Florinda Ferreira dos Santos e Andrelino Farias Damasceno

6 PROSPECÇÃO

Há, ali, muitos ossos humanos (Fig. 3), fragmentos de cerâmica (Fig. 4) e artefatos da indústria lítica (Fig. 5), junto a um centenário juazeiro (*Ziziphus juazeiro*) na margem esquerda do rio São Lourenço. Há, também, fragmentos de ossos humanos, cerâmica, louça e talheres, espalhados na superfície do terreno nas proximidades de um lajedo de granito que aflora nas duas margens do mesmo rio (Fig. 6). Um pouco afastado dali, nas adjacências de dois frondosos umbuzeiros do terraço fluvial antigo, na margem direita do rio, há concentração de matacões, ossos humanos e carapaças de tatu (Fig. 7 a 20).

7 DISCUSSÕES

Os depoimentos e os dados obtidos na prospecção induzem a pensar que o umbuzeiro dos defuntos seja o lugar onde foram assassinados e sepultados quase quinhentos índios mortos na segunda metade do século XVII, conforme relata Martinho de Nantes (1708, p. 53):

Dessa praia, atravessaram diante de nós o resto do rio e, temendo que nós os seguíssemos, se continuassem pela margem do rio, enveredaram pelos matos, para alcançarem um certo pequeno lago, a seis ou sete jornadas desse lugar.

Depois dessa expedição, havia que prover às necessidades urgentes de nossa gente, que nas últimas trinta e seis horas só havia feito uma refeição insuficiente e estava muito cansada. Procurou-se algum gado, que se matou durante a noite. No dia seguinte, atravessou-se o riacho Dosré e acharam-se, no campo do inimigo, muitos bois mortos e retalhados e muitas cabras, algumas já meio assadas. Mas, como tudo isso já tinha um dia

de permeio e ficara exposto ao sol, tudo apodrecera e deixara emanações, que dificultavam a nossa presença. Fomos, então, a três léguas daí, a uma fazenda que os inimigos haviam incendiado depois de haver matado o dono e um negro, de que vimos os cadáveres. Encontramos muitos bois, que matamos e fizemos secar, para poder seguir o inimigo.
Depois de cinco dias de descanso, atravessou-se o rio, os portugueses em pequenas canoas que encontraram e os índios e cavalos a nado. Acompanhamos as pegadas do inimigo, que foi encontrado nesse pequeno lago, ou brejo, no interior da terra. Estava quase sem armas e morto de fome. Renderam-se todos, sob condição de que lhes poupassem a vida. Mas os portugueses, obrigando-os a entregar as armas, os amarraram e dois dias depois mataram, a sangue frio, todos os homens de arma, em número de quase quinhentos, e fizeram escravos seus filhos e mulheres. Por minha felicidade, não assisti a essa carnificina; não a teria suportado, por injusta e cruel, depois de se haver dada a palavra de que lhes seria poupada a vida.

Figura 3 – Ossos humanos na superfície do terreno



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 4 – Fragmento de cerâmica pré-colonial



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 5 – Artefato da indústria lítica em sílex



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 6 – Afloramento rochoso



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 7 – Pilão em rocha

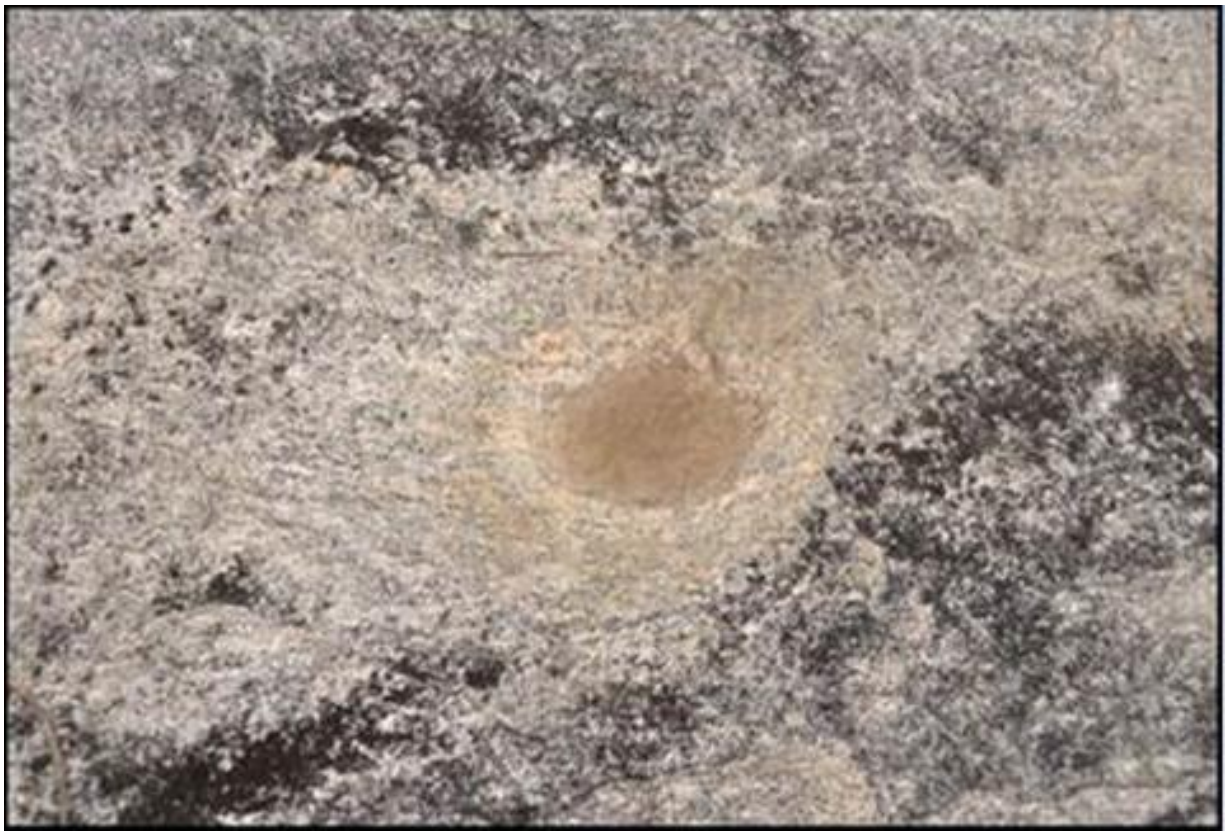


Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 8 – Pilão em rocha



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 9 – Cabo de talher que se presume ser do período colonial



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 10 – Fragmentos de louça



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 11 – Restos de uma barragem no leito do Rio São Lourenço



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 12 – Matacões da antiga barragem rejuntados com argila



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 13 – Umbuzeiro dos defuntos



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 14 – Concentração de matacões junto ao umbuzeiro dos defuntos



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 15 - Ossos humanos e de outras espécies animais junto ao umbuzeiro dos defuntos



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 16 – Figura de um brejo em cuja paisagem destaca-se a carnaúba



Fonte: Google (2013)

Figura 17 - Brejo de São Lourenço do Piauí



Fonte: Google Earth (2013), modificado pelos autores

Figura 18 – Brejo de São Lourenço do Piauí, próximo ao umbuzeiro dos defuntos



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 19 - Provável caminho utilizado por índios e portugueses no final do século XVII.



Fonte: Carta de W. Faden (1807), modificada pelos autores

Figura 20 - Provável caminho onde os portugueses perseguiram os índios fugitivos



Fonte: Google Earth (2013), modificado pelos autores

8 ALEIVOSIA OU POLTERGEIST

Aleivosia estende-se por muitos anos e manifesta-se a diferentes pessoas, sempre na mesma área.
Poltergeist está sempre relacionado a um indivíduo e tem curta duração

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os parcos dados da historia oral que se obteve foram contados por apenas três entrevistados. Existem, contudo, na cidade de São Lourenço, muitas outras pessoas que sabem, contam e repetem milhares de vezes ao longo de suas vidas, as mesmas histórias sobre o umbuzeiro dos defuntos.
Propõe-se, por isso, que esse umbuzeiro seja um marco histórico com função mnemônica (marcador de memória) da cidade de São Lourenço do Piauí.
É muito provável que boa parte do povo que nela habita seja descendente das mulheres e dos filhos sobreviventes na hecatombe relatada por Frei Martinho de Nantes. Não se quer, por isso, esquecer jamais, o quanto foram tiranos os curraleiros e missionários colonizadores que implantaram as primeiras fazendas de gado na região Sudeste do Piauí.

REFERÊNCIAS

BREJO. Disponível em: <http://goo.gl/JIkc9X>. Acesso em 25/10/2013.

FADEN, W. **Colombia Pima or South America: from the Original Manuscript of this Excellency Chevalier Pinto**. 1807.

GOOGLE EARTH. US Dept of State Geographer. Inav / Geosistemas SRL. MapLink. Data SIO, NOAA, U.S. Navy, NGA, GEBCO. 2013.

KESTERING, Celito. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

_____. **Índios da Área de Sobradinho – BA**. Disponível em: <http://goo.gl/CHlmuK>. Acessado em 05/11/2013.

KNOX, M.B. **O Piauí na primeira metade do século XIX**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

MOTT, L.R.B. **Piauí Colonial – População, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

NANTES, F.M. **Relação de uma Missão no Rio São Francisco**. Disponível em <http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco>. Acesso em 24/10/2013.

SANTANA, T.M.C.; NASCIMENTO, P.M.S. **Guerra da Telha: Memória, História, Arqueologia e Patrimônio**. In: KESTERING, Celito (Org.). *Escavando a História de São Raimundo Nonato – PI*. 2013, p. 195-255.

SÃO LOURENÇO DO PIAUÍ. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Piaui>. Acesso em 19/10/2013.

PET – BIOMECÂNICA: EDUCAÇÃO POSTURAL

Marcelo de Maio Nascimento

Professor do Colegiado de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (/UNIVASF) no Campus de Petrolina – PE. E-mail: Marcelo.nascimento@univasf.edu.br

RESUMO

Já em 2012, 80% da população mundial manifestava dores lombares. Entre as distintas causas para tal acometimento se salienta as atividades corporais – com má – postura, as quais são repetidas diariamente por várias horas. Nesse sentido, manter uma postura correta no ambiente de trabalho ou estudo consiste em medida importantíssima à prevenção de problemas posturais. Pois a má postura não só influencia o sistema músculo-esquelético, causando dores, mas atinge, igualmente, os órgãos internos, como os pulmões, prejudicando a vascularização e oxigenação de todo o corpo: o que diminui a qualidade do sono e a capacidade funcional da pessoa. A presente palestra tem por fim apresentar e discutir princípios anatômicos e funcionais da boa e má postura corporal no âmbito escolar e laboral, apresentando também medidas práticas à adoção de bons hábitos posturais.

Palavras-chaves: Dor lombar. Postura correta. Atividade Corporal.

MEMÓRIA E HISTÓRIA DE JUREMA - PI: UMA TENTATIVA DE RESGATE DO PATRIMÔNIO CULTURAL DESVALORIZADO

Regiana Coelho de Souza (Fig. 1)
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF. E-mail: regiana11@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF.
E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Com o presente trabalho pretende-se apresentar informes referentes ao início da pesquisa que se está realizando no município de Jurema – PI, com o intuito de promover uma conexão entre a História e a Memória dessa cidade sob a perspectiva da Arqueologia e da Preservação Patrimonial. Com base em dados materiais, imateriais e documentos históricos procura-se resgatar a cultura, o patrimônio e a memória adormecida da região sudeste do Piauí. Entrevistam-se pessoas idosas da região e faz-se um levantamento de documentação primária e secundária para a obtenção de dados que permitam relatar histórias conservadas na memória, nos artefatos e nos documentos eclesiásticos. Este trabalho contribuirá para uma releitura acadêmica da memória coletiva e do passado histórico de Jurema – PI que é desconhecido por grande parte de seus moradores porque não há relatos de pesquisas com este enfoque até o presente momento. Apresenta-se a formação histórica do município, assim como todos os dados arqueológicos e históricos que surgem no decorrer da pesquisa. Utiliza-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e a pesquisa direta. A pesquisa bibliográfica é necessária para subsidiar as discussões das temáticas e como embasamento para inferir os resultados. A pesquisa direta tem a finalidade de analisar *in situ* a área objeto de estudo e possibilitar o registro audiovisual que consiste em fotografias e entrevistas. Com o decorrer da pesquisa, procura-se verticalizar os estudos e construir um arcabouço teórico acerca de diferentes temas que aparecem, como memória coletiva, memória individual, História Oral e outros assuntos. Nesse contexto, buscam-se referências teóricas, para colaborar no entendimento do trabalho de campo e na análise dos resultados.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. História. Memória. Jurema - PI.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Regiana Coelho de Souza



Foto: Celito Kestering (2014)

1 OBJETIVOS

Promover a conexão entre a História e a Memória para resgatar o patrimônio cultural na cidade de Jurema - PI.
Resgatar a história adormecida na memória dos moradores mais velhos e torná-la conhecida pelo público regional.
Fazer um paralelo entre a forma como cada geração enxerga e valoriza a cultura regional e o que cada um conhece sobre a história da cidade de Jurema.

2 JUSTIFICATIVA

Necessidade de compreender e conhecer a história e a cultura pretérita que deu origem à atual cidade de Jurema, que é desconhecida por grande parte dos moradores.

3 METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica para subsidiar as discussões das temáticas e fornecer embasamento para inferir os resultados.
Pesquisa direta para analisar *in situ* a área e o objeto de estudo e possibilitar o registro audiovisual das entrevistas.

4 JUREMA – PI

O município Foi criado em 26/01/1994 e instalado em 01/01/1997, sendo sua área proveniente dos municípios de Anísio de Abreu e Caracol. O primeiro nome da região foi Lagoa do Bonsucesso, porém seu nome foi mudado para vila de Jurema em homenagem a uma índia chamada Jurema que havia sido capturada por um comerciante e que era admirada por todos os coronéis da região por sua beleza. Com o falecimento desta decidiram mudar o nome para Vila de Jurema (Fig. 2).

Figura 2 – Localização do município de Jurema no Piauí



Fonte: CPRM (2013)

5 A PESQUISA

Entrevistas com senhoras da terceira idade, representantes educacionais, estudantes do primeiro e do segundo grau.
Registro de artefatos de manufatura local que eram bastante utilizados em tempos passados e que as gerações atuais desconhecem seu uso: Folia de Reis (Fig. 3); Roda de São Gonçalo (Fig. 4); Quadrilha junina e comida regional.

Figura 3 – Folia de Reis



Foto: Regiana Coelho de Souza (2014)

Figura 4 – Roda de São Gonçalo



Foto: Regiana Coelho de Souza (2014)

6 A VISÃO DOS ALUNOS E REPRESENTANTES EDUCACIONAIS

Qual a importância dos eventos culturais realizados pelas escolas?
Uma forma de relembrar, preservar as culturas criadas por eles próprios (Manoela Neves, 15 anos. Estudante do segundo grau).
Como estudante e participante ativa da escola que promoveu o evento, qual a visão que você tem sobre esse tipo de evento?
Além de mostrar para os que não conhecem esses costumes, mostra para as pessoas mais velhas que o que eles faziam não foi esquecido (Gerlane Silva, 14 anos. Estudante do primeiro grau).

7 ENTREVISTAS COM OS MORADORES MAIS VELHOS

Desde quando a senhora canta São Gonçalo?
Faz muito tempo, eu tinha uns 20 anos quando aprendi com minha tia (Fig. 5). Só tem eu aqui na região que sabe cantar (Antônia Pereira, 72 anos).

A senhora sabe fiar algodão para fazer linha, como faziam em tempos passados?
Sei, até eu ainda faço pra passar o tempo (Fig. 6 e 7). Estou fiando para fazer um “culchunilo”. Minha vó que me ensinou (D. Antônia, 85 anos).

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebeu-se que há um patrimônio cultural bastante diversificado e que está cada vez mais desaparecendo, devido ao descaso das ultimas gerações. Saberes que foram passados de geração em geração estão se perdendo. Os eventos promovidos pelas escolas ainda não são suficientes para resgatar a cultura popular local, que se encontra preservada apenas na memória de alguns poucos moradores.

Figura 5 – Roda de São Gonçalo cantada por Antônia Pereira



Foto: Regiana Coelho de Souza (2014)

Figura 6 – Dona Antônia fiando algodão



Foto: Regiana Coelho de Souza (2014)

Figura 7 – Fuso de fiar algodão



Foto: Regiana Coelho de Souza (2014)

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados foram bastante satisfatórios. Conseguiu-se fazer o levantamento de muitas informações e conhecer parte de uma história que até então se encontrava invisível.
Ao final desta etapa da pesquisa, percebeu-se a necessidade de registrar e tornar públicas essas informações é de caráter urgente, devido às informações serem mais escassas a cada dia.
Pretende-se dar continuidade à pesquisa para que seja possível elaborar um dossiê o mais abrangente possível sobre a história e a cultura do povo juremense.

REFERÊNCIAS

DIAS, William Palha. **Caracol na história do Piauí**. 4 ed. Teresina – PI, 2003.

DIAS, William Palha. **Vila de Jurema**. 2 ed. Teresina – PI, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1994.

ODAIR, José da Silva. **Mito, memória e História Oral**. São Bernardo do Campo: Chamas, 2003.

MISCIGENAÇÃO FÍSICA E CULTURAL NA FREGUESIA DE SENTO SÉ – BA DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII

Celito Kestering
Amanda Nunes Cavalcante

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL - 1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF - 1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Tutor do grupo PET – Arqueologia; E-mail: celito.kestering@gmail.com

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia da UNIVASF; E-mail: amnuca@gmail.com

RESUMO

Até recentemente, prevalecia a concepção da historiografia oficial de que os índios da região semiárida do Nordeste do Brasil teriam sido dizimados, quando se implantaram as fazendas para a criação de animais domésticos. Novas abordagens da história sugerem que, no processo colonizador europeu, os povos indígenas tiveram participação ativa. Defende-se a proposição de que eles garantiram a sua sobrevivência física e cultural pela estratégia da negociação, relegando a sua identidade étnica. Com o presente trabalho, pretende-se apresentar dados documentais para mostrar que os tapuias do Médio e do Submédio São Francisco miscigenaram-se e fizeram-se vaqueiros, sem abandonarem as crenças, os rituais e as práticas milenares da caça, da pesca e da agricultura de subsistência. São fortes os indicativos de que sobreviveram, assim, muitas famílias cujos ancestrais participaram efetivamente na produção do abundante patrimônio cultural pré-colonial do Médio e do Submédio São Francisco.

Palavras-chaves: Identidade. Índio. Tapuia. Sento Sé – BA.

1 INTRODUÇÃO

Na região do Médio e do Submédio São Francisco, existem muitas pessoas com feições e costumes indígenas. Quase todas dizem nada saber sobre o passado de seu grupo familiar. Há muitas que confirmam descender de índios, mas não reconhecem a sua identidade indígena. Este não é um problema exclusivo dessa região. Amplos setores da sociedade brasileira atual, embora tenham origem indígena, não reconhecem sua identidade indígena porque não possuem atributos que correspondem aos critérios e padrões de indianidade convencionalmente aceitos. Aprende-se, desde pequeno, que a realidade indígena brasileira é passada e pré-histórica. Aos nativos nega-se, inclusive, a possibilidade de integrarem-se, como índios, no processo de evolução e de construção da história brasileira.

2 OBJETIVOS

Levantar informações históricas e dados arqueológicos para resgatar atributos da identidade indígena de parcela significativa da população sertaneja que preserva genomas e traços culturais dos índios tapuias da região semiárida em que se insere o Médio e o Submédio São Francisco. Quer-se destruir imagens estereotipadas, para ajudar na construção de uma ponte entre a história etnicida e o passado desconhecido do índio brasileiro.

3 METODOLOGIA

Para concretizar o objetivo proposto, buscaram-se, nos livros eclesiásticos e cartoriais da região semiárida do Nordeste, informações que contribuam para o resgate de atributos da sua identidade indígena tapuia. Para destruir imagens estereotipadas e visões destorcidas da historiografia oficial, mostram-se fragmentos documentais que comprovam como se deu a prática etnicida e, paradoxalmente, a resistência e a sobrevivência do índio tapuia.

4 RESULTADOS

No primeiro livro eclesiástico da Freguesia de Sento Sé, Arcebispado da Bahia (1752-1783), há registros de que, na segunda metade do Século XVIII havia índios de nações conhecidas. Há referências da nação Caimbé cujas tribos ocupavam as Serras do Assuruhá, território do atual Município de Gentio do Ouro – BA e o Sítio do Brejo Novo, território do atual Município de Boa Vista do Tupim – BA.
Havia, também, índios da nação Guaesguae (Guegue ou guega). Estes viviam na condição de escravos, na Fazenda das Carnaíbas, atual povoado do Município de Campo Formoso – BA. A maioria deles, porém, não tinha mais nação definida. Eram caboclos genéricos. Há registros desses índios no Sítio São Pedro, atual povoado do Município de Sento Sé, na antiga fazenda de Utinga, hoje município homônimo.

5 DISCUSSÃO

Para sobreviver, o índio do Médio e do Submédio São Francisco teve que se adaptar às exigências colonialistas. Sobreviveu como escravo, caçador, coletor, pescador, ceramista, horticultor, criador, vaqueiro ou militar. Tornou-se relativamente sedentário. As condições climáticas exigiram que mantivesse sua tradicional mobilidade sazonal. Hoje, participando da evolução do sistema de comunicação e de transporte, ampliou seus horizontes. Nos períodos de crise, migra, temporária ou definitivamente, para outras regiões do Nordeste ou do Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

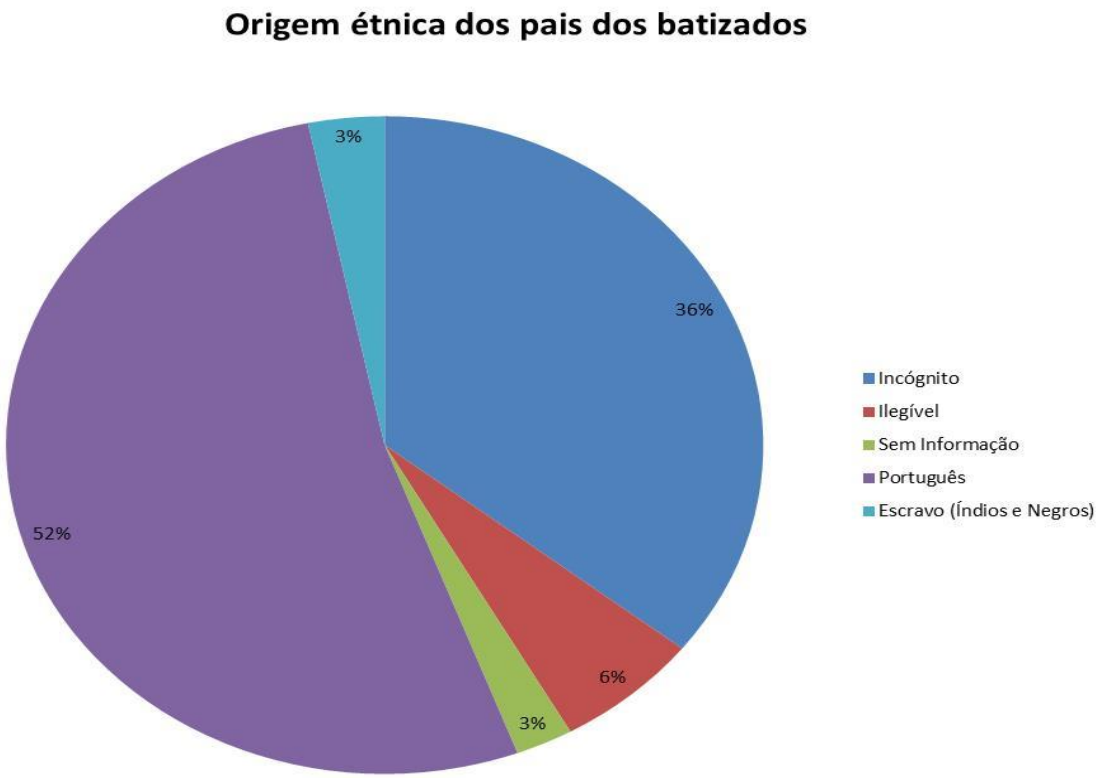
As informações a respeito dos índios da região são vestigiais e, por isso, limitadas. Espera-se que possam, mesmo assim, contribuir nas pesquisas que visem identificar, na relação filogenética (antecessor – sucessor), a ligação genética (genomas) e cultural (mitos e ritos) das populações atuais com as tribos ou as nações das quais se têm registros históricos e/ou vestígios arqueológicos. Os dados corroboram a hipótese do genocídio étnico fomentado, inicialmente, pelos tupis e, depois, pelos portugueses e por quem se locupletou e se locupleta, apropriando-se do que, por herança, pertenceria aos tapuias genéricos e sem nação definida. São fortes os indicativos de que, na região Semiárida sobrevivem muitas famílias cujos ancestrais participaram da mestiçagem, bem como da edificação do patrimônio cultural pré-histórico. Recomenda-se, por isso, o incremento de pesquisas arqueológicas de prospecção e de escavação para evidenciar o seu patrimônio cultural (Tab. 1 e 2; Fig. 1 e 2).

Tabela 1 - Origem étnica dos pais dos batizados

Variável	Origem étnica dos pais dos batizados
Incógnito	624
Ilegível	109
Sem Informação	43
Português	919
Escravo (Índios e Negros)	57

Autoria: Kestering e Cavalcante (2014)

Figura 1 – Gráfico referente à origem étnica dos batizados



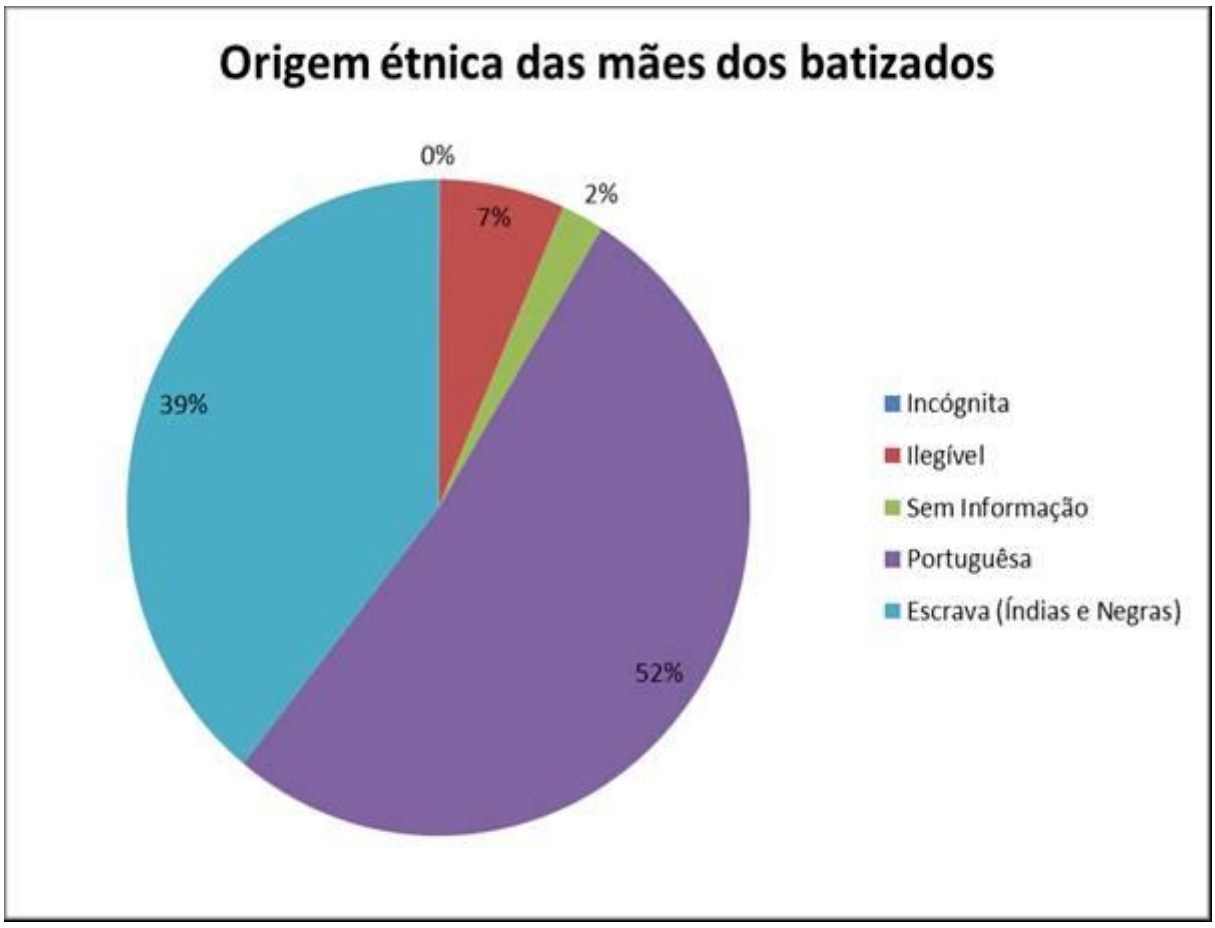
Autoria: Kestering e Cavalcante (2014)

Tabela 2 - Origem étnica das mães dos batizados

Variável	Origem étnica das mães dos batizados
Incógnito	1
Ilegível	114
Sem Informação	39
Português	911
Escravo (Índios e Negros)	687

Autoria: Kestering e Cavalcante (2014)

Figura 2 – Gráfico referente à origem étnica das mães dos batizados



Autoria: Kestering e Cavalcante (2014)

7 RESULTADO DAS UNIÕES ESTÁVEIS E FORTUITAS

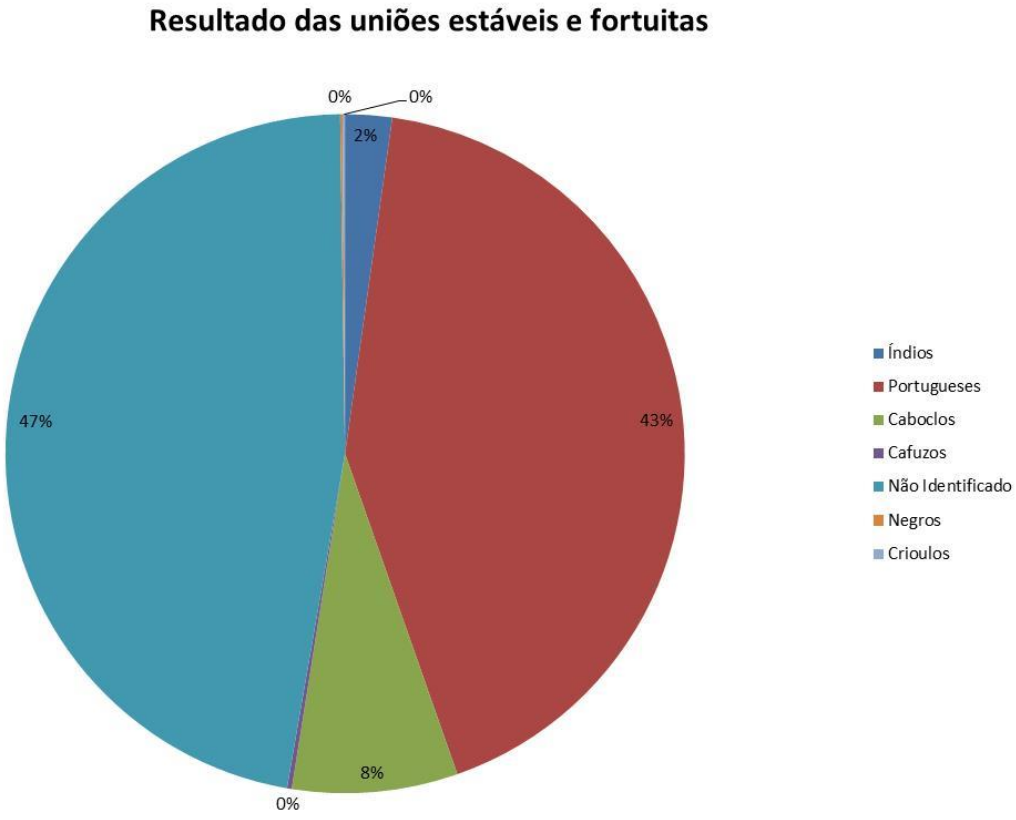
Índio: oriundo do cruzamento de índio com índio.
Português: Branco, o europeu imigrado para o Brasil e seu cruzamento.
Caboclo: oriundo do cruzamento do branco com o índio.
Cafuzo: oriundo do cruzamento do índio com o negro.
Mulato: oriundo do cruzamento do branco com o negro.
Negro: oriundo do cruzamento de negro com negro, nascido na África.
Crioulo: oriundo do cruzamento de negro com negro; Negro nascido aqui (Tab. 3; Fig. 3).

Tabela 3 – Resultado das uniões estáveis e fortuitas

Variável	Resultado das uniões estáveis e fortuitas
Índios	39
Portugueses	743
Caboclos	138
Cafuzos	4
Não Identificados	824
Negros	2
Crioulos	2

Autoria: Kestering e Cavalcante (2014)

Figura 3 – Gráfico referente ao resultado das uniões estáveis e fortuitas



Autoria: Kestering e Cavalcante (2014)

REFERÊNCIAS

ALVES, José de Arimatéa Nogueira. **Índios em Salvador (identidade, memória e alteridade**). IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. 2008.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. (Orgs.). Rio de Janeiro: Campus. 1997.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Política e legislação indigenista no século XIX**. Páginas 133 a 154. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP. 1992.

HERNÂNI, Donato. **Brasil 5 séculos**. São Paulo: Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes. 2000, 421 p.

KESTERING, Celito. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho – BA** (Tese). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. 2007, 298 p.

LIVRO DE REGISTRO DE BATIZADOS DA FREGUESIA DE SENTO SÉ (1752 – 1783). Cúria da Diocese de Juazeiro – BA.

MONTEIRO, John Manoel. **Armas e Armadilhas: história e resistência dos índios**. Páginas 237 a 249. In NOVAES, Adauto (Org.); **A Outra Margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista no período colonial (séculos XVI a XVIII)**. Páginas 115 a 132. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP. 1992.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Aldeias indígenas e povoamento do Nordeste no final do Século XVIII: aspectos demográficos da "Cultura de Contato"**. Páginas 195 a 218. In: DINIZ, E. et al. (Orgs.). São Paulo: Ciências Sociais Hoje; 1993. ANPOCS/Hucitec. 1993.

CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DE LOURDES: LUGAR DE MEMÓRIA DA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Kelly Patrícia Nunes de Aquino (Fig. 1)
Raquel da Silva Santos

Graduanda do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: kellypna-18@hotmail.com

Graduanda do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: raquelss2009@yahoo.com.br

RESUMO

A antiga vila de São Raimundo Nonato foi construída na margem esquerda do rio Piauí. Durante a segunda metade do século XIX, mais precisamente no ano de 1876, chegou à vila o padre Henrique José Cavalcante, natural de Saboeiro – CE. Conhecido popularmente como Frei Henrique, esse sacerdote determinado fez parte do cotidiano dos sertanejos. Construiu muitas obras entre as quais o cemitério Nossa Senhora de Lourdes e a igreja matriz da cidade de São Raimundo Nonato – PI. O cemitério que ele construiu a leste da então vila de São Raimundo Nonato – PI encontra – se em completo estado de abandono. Partindo da ideia de Milton Santos (1994) de que o lugar é a extensão do acontecer solidário, o *locus* do coletivo, do intersubjetivo, estabelece-se, para o presente trabalho, o objetivo de resgatar a memória coletiva e compartilhada desse cemitério. Ele configura-se como um patrimônio edificado, um lugar de memória para a história da cidade e das pessoas que nele enterraram seus amigos e parentes. Realizaram-se idas a campo, entrevistas com moradores da cidade e análises bibliográficas para se compreender a relação coletiva das pessoas com o local e seu papel na historia da cidade. A pesquisa encontra-se em andamento. No levantamento preliminar identificou-se o túmulo de um importante fazendeiro da região. Diz-se que ele teve papel importante na construção do cemitério. Analisa-se a sua tumba para identificar a técnica construtiva que se utilizou na sua edificação.

Palavras-chaves: Cemitério. Lugar de memória. Frei Henrique. Patrimônio. São Raimundo Nonato - PI.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Kelly Patrícia Nunes de Aquino



Foto: Celito Kestering (2014)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva resgatar a memória coletiva, a memória compartilhada do cemitério Nossa Senhora de Lourdes, localizado em São Raimundo Nonato - PI. O mesmo se configura como um patrimônio edificado, um lugar de memória para a história da cidade e das pessoas que lá possuem entes enterrados.
Ele foi o primeiro cemitério da cidade, implantado em 1876, de acordo com fontes bibliográficas. É atualmente conhecido como Cemitério do Junco. A construção foi feita pelo Frei Henrique que aqui chegou a convite de importantes fazendeiros da região, entre eles, Dionizio Gomes Ferreira que se encontra enterrado no cemitério. O jazigo mais antigo ainda existente data do ano de 1886.

2 METODOLOGIA

Levantamento preliminar com idas ao campo; entrevistas com moradores da cidade e análise de bibliografias.

3 HISTÓRICO DA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO

A cidade de São Raimundo Nonato situa-se no sudeste do estado do Piauí, distando 576 km da capital Teresina e possui uma população atual de 31.744 habitantes (IBGE) (Fig. 2).
Em meados de 1832, o decreto regencial faz referência à localidade conhecida por Confusões que logo foi elevada a distrito eclesiástico com o nome de Freguesia de São Raimundo Nonato, desmembrado dos municípios de Jerumenha e Jaicós.
Em 1836 a sede do Distrito foi transferida para localidade Jenipapo que, na época, era um prospero núcleo populacional com ruas alinhadas, com feira semanal e igreja matriz em processo de construção, que veio a ser concluída em 1876. Em 12 de agosto de 1850 São Raimundo Nonato é elevado a categoria de vila, pela Lei Provincial n° 257. Em 1912 São Raimundo Nonato conquista a sua emancipação, através da Lei Estadual n° 669 de 25 de junho.

4 FREI HENRIQUE

O padre Henrique José Cavalcante, conhecido popularmente como Frei Henrique, natural de Saboeiro – CE construiu inúmeras obras entre as quais igrejas, cemitérios e açudes. Frei Henrique tinha noção de arquitetura. A tradição oral e os registros eclesiásticos e históricos dão conta de um homem competente e determinado (Fig. 3).

5 TRAJETÓRIA DE FREI HENRIQUE

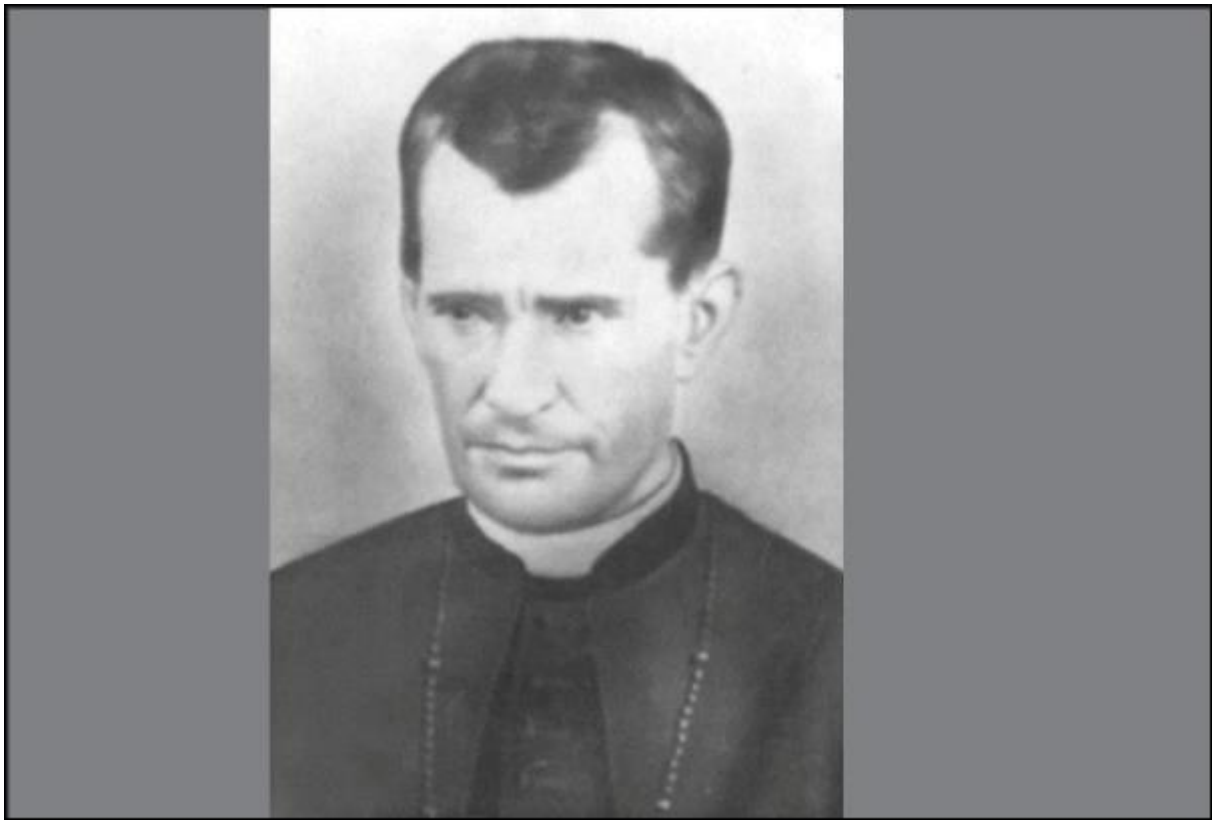
Frei Henrique foi ordenado em 1862, para a cidade de Missão Velha - CE, de 1866 a 1867 (DAMASCENO, 2013). Em 1867 ele era pároco na Matriz de Santana, uma cidade pernambucana. Dirigiu as casas de Caridade de Missão Velha - CE em 1868, e posteriormente foi capelão da Casa de Caridade do Crato - CE.
Em fevereiro de 1870, ele larga a missão e assume outra árdua missão: percorrer o Sertão e construir obras. (DAMASCENO, 2013).
Damasceno aborda que a decisão de percorrer o sertão, Frei Henrique atribuía a um chamado de Deus em benefício dos povos. Os lugares por onde ele passou foi Ceará, Pernambuco, Bahia, e Piauí. O trabalho de Frei Henrique Cavalcante teve papel decisivo para o desenvolvimento de algumas regiões. Nessas construções, o Frei mobilizava a população onde realizava mutirões. Segundo relatos o Frei ensinava sempre a prática da caridade, e em toda a sua missão sertaneja ele sempre contava com o apoio financeiro dos ricos.
Outro fato interessante, é que sempre buscava uma aproximação com os descendentes do patriarca do Sertão, Valério Coelho Rodrigues.

Figura 2 – Localização do município de São Raimundo Nonato no esatado do Piauí



Fonte: IBGE (2013)

Figura 3 – Frei Henrique Cavalcante



Fonte: Google Imagem (2014)

6 CHEGADA DE FREI HENRIQUE Á VILA DE SÃO RAIMUNDO NONATO

No ano de 1876, Frei Henrique segue para a então Vila de São Raimundo Nonato - PI. Sua vinda teria sido motivada também pelo convite de alguns fazendeiros de São Raimundo, dentre eles Dionísio Gomes Ferreira, descendente de Valério Coelho (DAMASCENO, 2013). As posses de terra de Dionizio Gomes iam do Olho D Água - PI até limitar com a então Vila de São Raimundo Nonato (DAMASCENO, 2013). Seu casamento foi realizado pelo Frei Henrique, na inauguração da Igreja de Ponta da Serra - PI (DAMASCENO, 2013).
Em 1876 Frei Henrique constrói, com a participação do povo da região, a igreja matriz de São Raimundo Nonato (Fig. 4). Também em 1876 ele constrói o cemitério Nossa Senhora de Lourdes. O acesso ao cemitério é feito pela Avenida Prof. João Meneses, seguido por um trecho de 430 metros sem asfalto. Esta fica no bairro COHAB dos Juncos, a 700 metros da Igreja Matriz, próximo ao bairro Paraiso das Aves (Fig. 5). Lima (1994) define os cemitérios como espaços funerários cercados, bem delimitados, murados e gradeados.

Figura 4 – Igreja Matriz de São Raimundo Nonato



Fonte: Almeida Neto e Kestering (2013, p. 265)

Figura 5 – Cemitério Nossa Senhora de Lourdes



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

7 DIONÍSIO GOMES FERREIRA

Dionizio Gomes Ferreira nasceu no dia 20 de abril de 1833 e faleceu no ano de 1915. Está sepultado no cemitério Nossa Senhora de Lourdes, em São Raimundo Nonato, cemitério este que foi construído pelo Frei Henrique em 1876 (Fig. 6).

Figura 6 – Dionízio Gomes Ferreira



Fonte: Acervo pessoal de Raimundo de Castro Macêdo

8 TIPOS DE JAZIGOS

No cemitério Nossa Senhora de Lourdes identificam-se três categorias de jazigos ou sepulturas: mausoléus, túmulos e covas rasas (Fig. 7 a 10).
Mausoléu: Lima (1994) descreve os mausoléus a partir da forma. Trata-se de uma edificação de grande porte, de caráter monumental, muitas vezes suntuosa. Alguns deles reproduzem uma pequena igreja
Túmulo: A autora conceitua como o jazigo onde foram realizados um ou mais sepultamentos primários. Local onde foram dispostos os corpos articulados de um ou mais indivíduos, em posição distendida, normalmente, em caixões.

9 LUGAR DE MEMÓRIA

Considera-se a ideia de Milton Santos (1994) de que o lugar é a extensão do acontecer solidário, é o *locus* do coletivo e do intersubjetivo. Por definição subjetiva, a memória de um lugar, de uma cidade, é, portanto, uma memória coletiva.
Maurício de Almeida Abreu aborda que a memória tem uma dimensão individual, mas muitos dos seus referentes são sociais. São eles que permitem que, além da memória individual que é por definição única, tenhamos também uma memória intersubjetiva, uma memória compartilhada, uma memória coletiva.
Assim buscou-se resgatar a memória coletiva do cemitério, pois o mesmo faz parte da memória, da historia, da cidade de São Raimundo Nonato – PI (Fig. 11).

Figura 7 – Categorias de jazigos



Fonte: Matos (2009)

Figura 8 – Mausoléu de Dionízio Gomes Ferreira



Fotos: Raquel da Silva Santos (2014)

Figura 9 - Jazigo mais antigo com data do ano de 1886



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

Figura 10 – Data do jazigo mais antigo do cemitério Nossa Senhora de Lourdes



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

Figura 11 – Jazigos com coroas de flores e garrafas pet com água





Fotos: Raquel da Silva Santos (2014)

10 TÉCNICA CONSTRUTIVA

Foi possível identificar alguns padrões construtivos relativos aos diferentes tipos de revestimento nos jazigos: azulejo, na cor azul ou branca; cerâmica; cimento na cor cinza; cimento coberto com cal; sem revestimento, sendo apenas identificados através de montículos de terra com uma cruz fincada na cabeceira e cerca ao seu redor (Fig. 12 a 16). Segundo seu Raimundo de Castro Macêdo (Raimundo do Pombo) o murro do cemitério assim como os mausoléus era construído com “Aloque” (mistura de cal batido no cacete e areia).

11 SITUAÇÃO ATUAL DO CEMITÉRIO

A responsabilidade de manutenção do cemitério fica a cargo da Prefeitura Municipal de São Raimundo Nonato. Devido ao abandono ocorrem novos sepultamentos de forma desordenada que vêm causando uma maior concentração de jazigos sobrepostos aos outros, dificultando o acesso no seu interior.

Figura 12 – Entrada do cemitério



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

Figura 13 – Conjunto de mausoléus



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

Figura 14 – Mausoléu danificado



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

Figura 15 – Mausoléus danificados



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

Figura 16 – Covas e túmulos sobrepostos



Foto: Raquel da Silva Santos (2014)

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, Marcos Oliveira**. Guerra do Pau de Colher: massacre à sombra da Ditatura Vargas.** Dom Inocêncio – PI: Produtora Sertão, 2013.

DIAS, William Palha. **São Raimundo Nonato de Distrito - Freguesia a Vila**. Teresina, 2001.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICOS E ARTÍSTICO NACIONAL. **São Raimundo Nonato: Memoria e Patrimônio –** Serra da Capivara*/* Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Teresina: IPHAN, 2007.

LIMA, Tânia Andrade (1994). In: **Análise Tipológica das Lápides do Cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato - PI**. Matos, Shirlene Marques De, 2009.

MACEDO, Raimundo de Castro, 82 anos, **entrevista concedida** a Raquel da Silva Santos e Kelly Patrícia Nunes de Aquino, no dia 23 de Julho 2014.

MATOS, Shirlene Marques de. **Análise Tipológica das Lápides do Cemitério Nossa Senhora de Lourdes da cidade de São Raimundo Nonato - PI,** 2009.

SANTOS, Milton (1994). In: **Sobre a Memória das cidades.** Abreu, Maurício de Almeida, 1998.

COMUNIDADES ESQUECIDAS: MEMÓRIA, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO DOS QUILOMBOS DO SUDESTE DO PIAUÍ

Augusto Moutinho Miranda (Fig. 1)
Celito Kestering

Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e bacharelando em Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: guto_moutinho@yahoo.com.br

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL - 1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF - 1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Tutor do grupo PET – Arqueologia. E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

A pesquisa, ainda em andamento, tem seu foco dirigido às comunidades remanescentes de quilombolas do Sudeste do Piauí, porque hoje essa região concentra uma das maiores áreas quilombolas do País. A área em estudo é a comunidade do quilombo Lagoa, com mais de 1.490 famílias que ocupam um território identificado e delimitado de mais de 62 mil hectares, distribuídos pelos municípios de São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, Bonfim do Piauí, Várzea Branca, Dirceu Arcoverde e São Lourenço. O objetivo deste estudo é apresentar o levantamento preliminar e os primeiros dados referentes à sua História, à sua Memória e ao seu Patrimônio. Uma das preocupações desta pesquisa é analisar os dados referentes ao sistema de parentesco, à posse da terra e ao sistema de produção interna. Como procedimento metodológico optou-se por um levantamento bibliográfico e documental que possibilite a construção de um protocolo de investigação. Além da pesquisa bibliográfica, também se utiliza a pesquisa direta, principalmente a História Oral. O levantamento bibliográfico faz-se indispensável para auxiliar as análises e as discussões. Ele fornece um arcabouço teórico para inferir os resultados. Com relação à pesquisa direta, esboça-se um banco de dados, com um ensaio fotográfico e levantamento oral (registro audiovisual). A opção pelo uso da História Oral se dá por se compreender que esse método permite dar voz a grupos excluídos, revelar realidades não relatadas e revelar situações de abandono. A partir das informações e do aprofundamento da pesquisa, percebe-se a riqueza e as contribuições de olhares alternativos, até o momento esquecidos pela Memória, pela História e pelo Patrimônio dessas comunidades.

Palavras-chaves: Comunidade remanescente. Quilombo. Memória. História Oral.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Augusto Moutinho Miranda



Foto: Celito Kestering (2014)

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é apresentar o levantamento preliminar e os primeiros dados referentes à História, Memória e o Patrimônio de algumas comunidades remanescentes de quilombolas do Sudeste do Piauí.

2 JUSTIFICATIVA

Ausência de estudos em uma região que concentra uma das maiores áreas quilombolas do País, além da necessidade de conhecer a história de uma parcela da sociedade até então pouco (re)conhecida.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Pesquisa bibliográfica e documental: auxílio à discussão acerca do tema e recuperação de informações que possam ser eventualmente esquecidas nas entrevistas.
Pesquisa direta: História oral para dar voz aos grupos excluídos.

4 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Memória: Chagas (2005), Halbwachs (2004), Le Goff (1994), Nora (1998), Pollack (1989; 1992). “É a função que permite lembrar ou esquecer as informações do passado, possibilitando assim que determinados dados/fatos sejam comemorados, rememorados, reinterpretados ou até mesmo omitidos.”
Quilombos: Acevedo & Castro (1998), Bezerra Neto (2001), Falci (1995), O’dwyer (2002), Santos (2006). “As lacunas existentes na História dos quilombos, devem ser recuperadas, já

que é um capítulo importante para a História do Brasil, além de ser uma forma de reparar erros, garantido a conquista de cidadania, a grupos esquecidos."

5 ÁREA EM ESTUDO

Comunidade remanescente do quilombo Lagoa: mais de 1.490 famílias; território identificado e delimitado de mais de 62 mil hectares; municípios de São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, Bonfim do Piauí, Várzea Branca, Dirceu Arcoverde e São Lourenço.

6 RESULTADOS PRELIMINARES

Memória da comunidade: Antepassados chegaram à terra; escravos fugidos; Lei do Ventre Livre (1871) e sentimento de pertencimento ao território.

7 DISCUSSÃO

Dados referentes a sistema de parentesco, posse da terra, sistema de produção interna e religiosidade e educação.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios**. Belém: 2ª ed. Cejup/ UFPA-NAEA, 1998.

BEZERRA NETO, José Maia. **Escravidão negra na Amazônia (sécs. XCII –XIX)**. Belém: Paka-Tatu, 2001.

CHAGAS, Mário. **Casas e portas da memória e do patrimônio**. In: Gondar, Jô e Dodebei, Vera (Orgs). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: contracapa, 2005.
FALCI, Miridan Britto Knox. **Escravos do sertão**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves,1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Revista Projeto História – História e Cultura. PUC-SP, nº 17, 1998.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Socia**l. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10. 1992.

_____. **Memória, esquecimento e silêncio**. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

SANTOS, Carlos Alexandre Barboza Plínio dos. **Quilombo Tapuio (PI): Terra de memória e identidade** . Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UM DIÁLOGO, ENTRE O PASSADO E O PRESENTE EM BUSCA DA VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Marlene dos Santos Costa (Fig. 1)
Celito Kestering

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); graduanda em Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) Campus Serra da Capivara. E-mail: costamarlene90@gmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL - 1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF - 1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Tutor do grupo PET – Arqueologia. E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mediar atividades em educação patrimonial. Pretende tecer, fundamentar e compartilhar metodologias em busca da valorização e preservação do patrimônio cultural da cidade de São Raimundo Nonato – PI. Visa estabelecer um diálogo que insira passado e presente de forma expressiva, simbólica e correlacionada, para que as gerações presentes apropriem-se de forma consciente, e apreciem a cultura e o patrimônio remoto desta região como marcas evolutivas do progresso. Quer-se fomentar o surgimento de um novo desenvolvimento em que a comunidade local sinta-se guardiã desses patrimônios, visto que a preservação e valorização dependem daquilo que se conhece. A pesquisa em si tem caráter descritivo. Adota-se a metodologia de analise documental, bem como a observação participativa. Busca-se como resultado o estímulo e o protagonismo dos indivíduos como sujeitos participativos do processo de preservação e valorização do patrimônio cultural, em âmbito local, regional, nacional e internacional.

Palavras-chaves: Educação patrimonial. Valorização. Preservação cultural. Diálogo. Patrimônio.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Marlene dos Santos Costa



Foto: Celito Kestering (2014)

1 PROBLEMA

Identificar as possíveis causas que geram o distanciamento entre os sanraimundenses e o patrimônio cultural da cidade de São Raimundo nonato, com o intuito em verificar o que leva a não valorização e preservação de tais patrimônios.

2 HIPÓTESE

Tendo identificado as causas que geram o distanciamento entre a população e o patrimônio é possível viabilizar atividades que instigaram ao reconhecimento do que é patrimônio cultural e o seu real valor perante a comunidade sensibilizando-a quanto a sua preservação.

3 OBJETIVO GERAL

Mediar atividades em educação patrimonial, tecendo, fundamentando e compartilhando, metodologias em busca da valorização e preservação do patrimônio cultural na cidade de São Raimundo Nonato - PI.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Fazer um levantamento de como a educação patrimonial pode auxiliar as gerações atuais, ir à busca de significados para aquilo que não se (re) conhece, como e o caso do patrimônio histórico arqueológico e do patrimônio cultural da cidade de São Raimundo Nonato;
Inserir a educação patrimonial como propulsora ao encontro dos significados patrimoniais (histórico, arqueológico e cultural);
Instigar metodologias pratica e teóricas onde possa correlacionar passado e presente, no sentido de retratar a identidade sanraimundenses, com ênfase em atividades de pesquisa, registro e apropriação simbólica.

5 JUSTIFICATIVAS

Falar de patrimônio é algo que remete a pensar em bens, heranças, valores, que são legados a uma geração, e que possam ser repassados a outra.
Quanto à educação, sua definição baseia-se no repasse daquilo que uma pessoa sabe e rememora, ou utiliza perante a alguém ou a algo.
Portanto falar de educação patrimonial é juntar esses valores e conduzir no sentido de revitalizar, preservar, conservar e difundir os seus significados tanto cultural, ambiental, artístico, histórico, arqueológico, etc.
De acordo com Horta, *"A Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático centrado no patrimônio cultural, como instrumento de afirmação da cidadania".* É Essa cidadania que objetiva a comunidade na gestão, no usufruto e difusão desse patrimônio, identificando os seus valores e fortalecendo os seus vínculos.

6 METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica, análise documental, caráter descritivo e observação participante.

7 RESULTADOS ESPERADOS

Estimular o protagonismo dos indivíduos com relação a sujeitos participativos do processo de preservação e valorização do patrimônio cultural, em âmbito local, regional, nacional e internacional.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colaborar para a inserção do tema da Educação Patrimonial no processo de ensino e aprendizagem. Viabilizar metodologias contemporâneas voltadas sobretudo para os professores, sejam no ensino formal ou não formal, de modo a auxiliarem em seus trabalhos desenvolvidos em aula, embora possam ser uma referência para outros profissionais que atuam no tema ou pesquisadores interessados na área.

REFERÊNCIAS

CARTAS PATRIMONIAIS

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.

DIAS. C. M; Sousa, S. P.; **Historia dos índios do Piauí**. Teresina: Gráfica do povo, 2011.

LEI Nº 3.924, DE 26 DE JULHO DE 1961.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

LEI Nº 10.639, DE 09 DE JANEIRO DE 2003.

LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Universitária - UFPE, 2005.

PCNS - pluralidade cultural.

VIANA, Uheliton Fonseca. **Patrimônio e educação: desafios para o processo de ensino-aprendizagem**. 2009. (Dissertação de mestrado). Universidade Fluminense.

COMIDA NA RUA: COMIDA PELAS RUAS DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Domingos Alves de Carvalho Júnior
Miqueliny da Costa Santos
Renata Santana Paz Landim Negreiros

Mestre e Antropologia e Arqueologia, professor do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São Raimundo Nonato. E-mail: domingosjr@ifpi.edu.br

Aluna do Curso Técnico Integrado em Guia de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São Raimundo Nonato. E-mail: miqueliny.costa06@hotmail.com

Aluna do Curso Técnico Integrado em Guia de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São Raimundo Nonato. E-mail: renata_spnegreiros@hotmail.com

RESUMO

Para Damatta (1986) a sociedade manifesta-se por meio de muitos espelhos e vários idiomas. Um dos mais importantes no caso do Brasil é, sem dúvidas, o código da comida. Neste intento, descortinam os processos de permanências históricas e culturais na presença de certos alimentos do cardápio do piauiense. A farinha de mandioca, a carne seca, os doces de frutas tropicais, os bolos, a cajuína, etc. Sem dúvidas, o forte de culinária piauiense tem por base o boi e a farinha, pois a forma como cada sociedade se alimenta diz muito sobre a cultura e a história, o que é servido na mesa piauiense está ligado diretamente aos hábitos e costumes adquiridos pelo povo ao longo do tempo. Observando a cidade de São Raimundo Nonato, no sudeste do Piauí identificaram-se inúmeros locais pela cidade de produção e comercialização de pratos nas calçadas, praças, ruas. Dessa forma o objetivo desse texto é refletir sobre a cozinha piauiense e sua ligação com a história. Mesmo no espaço urbano permanece uma herança rural que constitui parte de uma história maior a própria história do estado. O percurso metodológico partiu de uma pesquisa bibliográfica sobre a gastronomia e história, que forneceu esteio para a pesquisa, além de pesquisa de campo etnográfica. Os resultados, ainda que parciais, demonstraram que as práticas alimentares dos sanraimundenses e de visitantes esporádicos, ainda apresentam traços sertanejos que são fortemente influenciadas pelo carácter popular. Que embora se apresente com diferenças regionais a essência permanece semelhante em diferentes regiões do estado. A comida servida/comercializada em locais simples espalhados por diferentes pontos da cidade, servida nas ruas e pelas ruas da cidade atrai um público fiel para os espetinhos, panelada, galinha caipira e bolos.

Palavras-chaves: Cozinha piauiense. História. São Raimundo Nonato.

ACERVO FÚNEBRE: ARQUITETURA E INFORMAÇÃO NOS CEMITÉRIOS DE SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

Domingos Alves de Carvalho Júnior
Alessandra de Araújo Bastos
Marina Silva Carvalho
Tainara de Santana Castro
Antônio Josinaldo Silva Bitencourt

Mestre em Antropologia e Arqueologia, professor do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São Raimundo Nonato. E-mail: domingosjr@ifpi.edu.br

Aluna do Curso Técnico Integrado em Guia de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São Raimundo Nonato.

Aluna do Curso Técnico Integrado em Guia de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São Raimundo Nonato.

Mestrando em Arqueologia UFPI, consultor do Projeto. E-mail: Josinaldobitencourt@hotmail.com

RESUMO

O cemitério é antes de tudo uma forma de preservação da memória individual e coletiva dos indivíduos e de uma sociedade. A morte está diretamente ligada à vida do ser humano, dessa maneira, não tem como separá-la da história. E com isso é possível analisar a partir de seu conjunto de cemitérios que estão ligados a uma história comum. Os cemitérios de São Raimundo Nonato têm seus acervos já em estado bastante precário, situação constada nas pesquisas de campo. Porém, mesmo danificado ainda guardam um importante acervo a ser estudado e muito tem a revelar sobre a história local e sobre o sudeste do Piauí. Vale ressaltar que esses sítios são locais raramente alvos de pesquisas e visitação. Esta pesquisa buscou inventariar os cemitérios (Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora de Lourdes) ambos localizados na área urbana de São Raimundo Nonato. O inventário de bens são ferramentas que a Constituição de 1988 destacou como instrumento de promoção e preservação do patrimônio cultural. De acordo com Castro (2008) o valor de proteção ou preservação está na salvaguarda das informações contidas. O percurso metodológico partiu de uma pesquisa bibliográfica e de campo. Os resultados demonstraram que as lápides, esculturas, arquitetura muito tem a revelar histórias e estórias da sociedade sanraimundense. O recorte temporal foi delimitado entre 1900 – 1950, época da borracha de maniçoba na região.

Palavras-chaves: Cemitério. Patrimônio histórico. São Raimundo Nonato.

A NOVA HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA E METODOLOGIA DA ARQUEOLOGIA PÚBLICA NO BRASIL

Jaime de Santana Oliveira (Fig. 1)

Mestrando em arqueologia na Universidade Federal do Piauí (UFPI).
E-mail: jaimesantana19@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a abordagem da Nova História e sua contribuição para a teoria e metodologia da Arqueologia Pública no Brasil. Partindo desta perspectiva justifica-se que é importante refletir sobre uma arqueologia que tenha preocupações com as comunidades e a valorização dos diferentes tipos de saberes. Realizada mediante uma revisão bibliográfica a pesquisa foi divida em duas partes: primeira uma reflexão sobre a ciência histórica, com maior ênfase na corrente de pensamento denomina Nova História e a segunda parte segue um estudo dos autores que buscam discutir em pesquisas cientificas ou realizar a praticar Arqueologia Pública no Brasil. Dentre as discussões levantados destacamos que a expressão “a nova história” e bem conhecido na França *Lá nouve histoire* a partir de 1970 sendo um de seus contribuintes Jacque Le Goff, este é movimento que rompe com o paradigma tradicional e traz novas abordagens como a micro história, a história da vida cotidiana etc. outro ponto de avanço ocorre na medida em que a história vai busca dialogar com diferentes tipos de fontes e buscar grupos até então desconsiderados nos processos históricos. No campo da arqueologia brasileira pode-se observar que arqueólogos, alguns com formação inicial em história, no final do século XX, e inicio do século XXI seguem uma tendência pós-processual, que é uma corrente teórica com estreita ligação de pensamentos com Nova história. Portanto constrói-se uma arqueologia que busca cada vez mais interagir com as comunidades do entorno, sejam essas comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas ou comunidades tradicionais. Partindo de uma discussão que concilia a Nova História e em uma arqueologia pós-processual é construída uma noção de arqueologia pública que se forma como uma arqueologia preocupada com interação das pesquisas e a sociedade.

Palavras-chaves: Arqueologia. História. Arqueologia Pública. Nova História.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Jaime de Santana



Foto: Celito Kestering (2014)

1 A NOVA HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA E METODOLOGIA DA ARQUEOLOGIA PÚBLICA NO BRASIL

Esta pesquisa tem por objetivo discutir a abordagem da Nova História e sua contribuição para a teoria e metodologia da Arqueologia Pública no Brasil. Partindo desta perspectiva justifica-se que é importante refletir sobre uma arqueologia que tenha preocupações com a comunidade e a valorização dos diferentes tipos de saberes.
Realizada mediante uma revisão bibliográfica a pesquisa foi divida em três partes:

. Levantamento bibliográfico: produção de fichamentos e resenhas críticas;
. reflexão historiográfica, com maior ênfase na corrente de pensamento denomina Nova História e
. estudo dos autores que buscam discutir em pesquisas científicas ou praticar a Arqueologia Pública no Brasil.

2 A NOVA HISTÓRIA

Dentre as discussões levantadas destacamos que a expressão “a Nova História” é bem conhecida na França (Lá nouve histoire) a partir de 1970 sendo um de seus contribuintes Jacque Le Goff.
De acordo com Barros, (2010) o movimento da Nouvelle Histoire, inaugurado na França pela Escola dos *Annales*, constitui certamente uma das influências mais emblemáticas e duradouras sobre a historiografia ocidental, provocando assim também uma mudança na forma de olhar os fatos que descentraliza do eixo dominante.
Conforme Barros (2010), a partir de então, dois autores trabalham a continuidade dessa corrente em perspectivas diferentes. Partindo da visão de Burke, o autor procura enxergar uma significativa continuidade entre novos historiadores franceses como Jacques Le Goff ou Georges Duby e nomes já clássicos como Marc Bloch e Fernando Braudel (representantes

das duas primeiras gerações dos Annales). François Dosse postula que existem drásticas rupturas entre o projeto historiográfico dos historiadores que dominam a atual Nouvelle Histoire e o projeto de história global que era sustentado pelos fundadores da Escola dos Annales até 1968 (DOSSE, 1987 *apud* BARROS 2010).
Refletindo sobre os temas apresentados pela Nova História, este é um momento em que a historiadores têm a necessidade de discutir questões, antes não abordadas como: micro história, o modo de vida de sertanejos, ribeirinhos e comunidades quilombolas, valorizando o conhecimento desses grupos.

3 PROBLEMA

Considerando que alguns arqueólogos têm sua formação inicial em história já que as graduações em arqueologia no país são recentes, pode-se inferir que existe uma contribuição da Nova História para a construção de uma teoria e metodologia da arqueologia pública no Brasil?

4 RESULTADOS

A arqueologia pública enquanto campo de interesse acadêmico está atrelada ao reconhecimento da profissão, envolvida a fatores históricos, políticos e socais anglo-saxões, também ao desenvolvimento contemporâneo dos pensamentos arqueológicos e aos novos posicionamentos teóricos da disciplina (FERNANDES, 2007).
Essa parte da pesquisa propõe-se a fazer uma reflexão sobre arqueologia pública que, em concordância com (Funari, 2008) é entendida como a interação da disciplina com a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que há um estreito diálogo entre a corrente de pensamento da nova história, com as pesquisas de arqueologia pública e arqueologia indisciplinada, propostas por Haber (2011). Ambas reforçam uma discussão pós-colonial e passam a valorizar as comunidades locais e grupos que são minorias no processo histórico.
Não se pode deixar de considerar que a arqueologia pública é também indisciplina nos campos de conhecimentos. Ela objetiva romper com a noção tradicional de arqueologia que se fundamenta nos estudos de restos materiais e passa a trabalhar com memória e oralidade.
Portanto, neste ponto vê-se uma relação maior entre estes vários campos, pois para se trabalhar memória e oralidade de comunidades sejam elas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas ou tracionais necessita-se de um ferramental metodológico da história oral.
Ressalta-se que existe uma contribuição da nova história para arqueologia pública. É uma contribuição que a arqueologia pós-disciplinaria tem como herança não somente da história, mas também da antropologia, da arte e da filosofia entre outras áreas.

REFERÊNCIAS

ALLEM, Scott. **Arqueologia na região Serrana Quilombola, Alagoas, 2008-2009**. *Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica – Vestígio*. V. 2 Nº 1, 2008.

ALMEIDA, Márcia Bezerra. **O australopiteco corcunda: as crianças e a arqueologia em um projeto de arqueologia pública na escola**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – MAE, Universidade de São Paulo, 2002.

_____. “**As moedas dos índios”: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. v. 6, n. 1, Belém. 2011.

BARROS, José D'Assunção. **A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento**. In:<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/953/588> acessado em: 10 de jan 2011.

BLOCH, Marc. **Introdução a Historia***. Portugal*: Publicações. Europa-América, s/d.

BURKE, Peter. **Abertura: a nova história seu passado seu futuro.** In: BURKE, Peter. **Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tra. Magda Lopes. São Paulo. UNESP, 1992.

CARNEIRO, Carla Gibertoni. **Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: Uma proposta para Amazônia**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – MAE, Universidade de São Paulo, 2009.

CHALMERS, Alan F. **O que é ciência afinal?** Tradução: Raul Filker. Editora Brasiliense. 1993.

FUNARI, P. Paulo & GONZÁLEZ, EriKa. **Ética, Capitalismo e Arqueologia Pública no Brasil.** História, São Paulo, 27 (2). 2008.

HABER, Alejandro F. **Arqueologia, Fronteira e Indisciplina**. Revista Habitus. vol. 9, Goiânia, 2011.

HALL, Tim Schadla. **European Journal of Archaeology**. Vol. 2(2): 147-158, London 1999.

LIMA, Tânia Andrade. **Arqueologia como ação sociopolítica: O caso do cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX**. Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica – Vestígio. V. 7 Nº 1, 2013.

FERNANDES, Tatiana Costa. **Vamos criar um sentimento?! um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Jorge E. **Por uma arqueologia socialmente engajada: arqueologia pública, universidade pública e cidadania**. In: FUNARI, P. P. A.; ORSER, C. Jr; SCHIAVETTO, S. N. O. (Org.). **Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea**. Editora Annablume, São Paulo, 2005; pp. 117-132.

RIJKS MUSEUM. Disponível em: <https://www.rijksmuseum.nl/en/explore-the-collection/overview/vincent-van-gogh/objects#/RP-P-1912-609,5>.

TRIGGER Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico***.* (Tradução: Ordep Trindade Serra) São Paulo, Odysseus Editora, 2004.

O CAIS, AS EMBARCAÇÕES E A ECONOMIA DE REMANSO VELHO E REMANSO NOVO - BA

Alessandra Rocha da Silva
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: alessandrarocha302@yahoo.com.br

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF.E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de resgatar aspectos da memória e do sentimento de pertencimento em relação ao patrimônio de Remanso - BA. Focam-se aspectos relevantes do cais, a sua importância e os benefícios que ele trouxe e traz para a sociedade. O cais atual foi construído pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), no período em que foram executadas as obras de construção civil da nova cidade. Essa obra consiste em uma banca que avança em direção ao Lago de Sobradinho. No cais antigo, muito mais que no atual, evidenciava-se toda a economia da cidade, da região norte da Bahia e do sudeste do Piauí. Por ele escoava-se toda a produção agrícola e pecuária da região. Era, por ele, também, que se importava a maior parte dos bens de consumo de Remanso, Campo Alegre de Lourdes e São Raimundo Nonato - PI.

Palavras-chaves: Cais. Remanso – BA. Memória. Pertencimento. Patrimônio.

1 ORIGEM DE REMANSO

Remanso teve sua origem na Fazenda Arraial, arrematada de Manoel Félix da Veiga por Joaquim Gonçalves, para pagamento da exequente Dona Maria Francisca da Conceição Aragão.

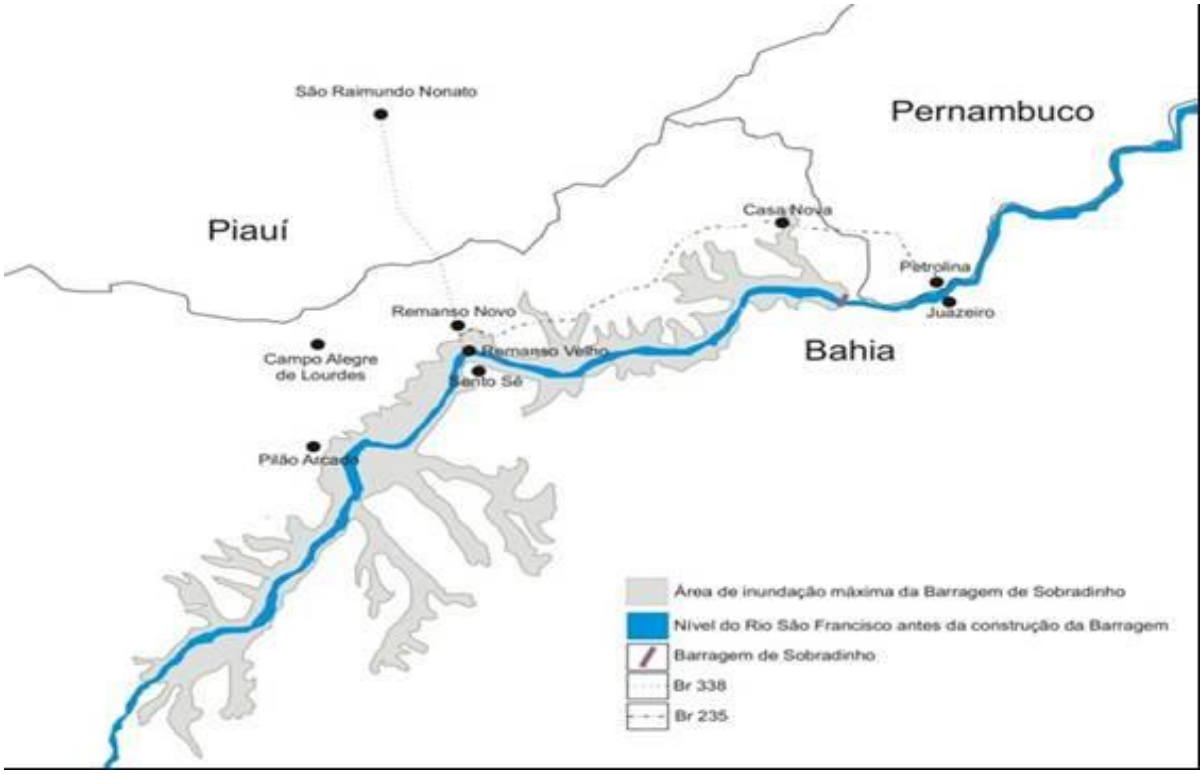
2 HISTÓRIA DE REMANSO

A região era primitivamente habitada pelos índios acoroás. No começo de século XVII, o território integrava a sesmaria do Conde da Ponte. O povoamento se iniciou no final do século XVIII, na fazenda Arraial, pertencente a Manoel Félix da Veiga e arrematada por Joaquim José Gonçalves, em 1829. Estabeleceram-se ali famílias retirantes de Pilão Arcado, onde havia lutas armadas entre Guerreiros e os Militão.

3 INTERFERÊNCIA DA CHESF

Concluída as obras do complexo de Paulo Afonso, era imperioso regularizar a descarga do rio São Francisco, que apresentava enorme variação entre o período de cheias e o de seca. A solução encontrada foi a construção de um reservatório de acumulação, no qual o volume de água represado pudesse ser descarregado ao longo do ano, de forma controlada, garantindo assim, a regularização definitiva do rio (Fig. 1).

Figura 1 – Remanso Velha e Remanso Nova



Fonte:

4 O CAIS

É o porto fluvial da cidade, construído pela CHESF no período em que foram executadas as obras de construção civil. Essa obra consiste numa banca que avança em direção ao Lago de Sobradinho. A pista até os dias hoje não é pavimenta e pedras de grandes dimensões ladeiam a banca, para funcionando como barreiras de proteção (Fig. 2 a 4).

Figura 2 – O cais atual de Remanso



Foto: Alessandra Rocha da Silva (2014)

Figura 3 – O cais atual de Remanso



Foto: Alessandra Rocha da Silva (2014)

Figura 4 – Estação de bombeamento do SAAE, junto ao cais atual de Remanso



Foto: Tovinho Régis (2014)

5 ANTIGO CAIS

O porto continua com suas embarcações, não como no tempo da cidade velha, onde muitos vapores, barcas, lanchas, balsas, aportavam para trazer e levar mercadorias e pessoas para outras cidades (Fig. 5 a 7).

Figura 5 – Antigo cais de Remanso



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Remanso

Figura 6 – Antigo cais de Remanso



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Remanso

Figura 7 – Antigo cais de Remanso



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Remanso

6 O RIO SÃO FRANCISCO E AS EMBARCAÇÕES

O Rio São Francisco, nasce na Serra da Canastra no município de São Roque – MG. Percorre os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. É o único rio genuinamente brasileiro, pois nasce e deságua em território nacional.
Ainda na cidade velha o Rio São Francisco era navegado por inúmeros vapores, barcas, canoas, paquetes, balsas, lancha ônibus, que levaram pessoas, cargas e mercadorias rio abaixo e rio acima.
A indústria de construção de barcos teve início na antiga Remanso. Ainda hoje, se continua a fabricar todos os tipos de barcos para uso no Rio São Francisco. Firmas como o Estaleiro São Lucas, de Everaldo Muniz e o de José Branco, empregam 35 pessoas (Fig. 8).
O barco mais famoso foi o vapor Benjamim Guimarães. Ele foi construído em Pirapora – MG. Transportava 400 passageiros na 1ª classe, 100 na 2ª e 200 na 3ª. Era conhecido como Carretão Veloz.
As cargas mais transportadas eram: rapadura, cachaça, fumo e mantimentos (feijão, arroz, milho, farinha, etc.). Hoje se baseia na pesca, já que o Lago de Sobradinho oferece um campo propício à pescaria, com mais de 800 pescadores que utilizam o Velho Chico para sobreviver.

Figura 8 – Barcos ancorados no atual cais de Remanso



Foto: Alessandra Rocha da Silva (2014)

7 A VELHA CIDADE DE REMANSO

Quando diminui o volume de água do reservatório de Sobradinho, a cidade velha aparece. Os remansenses e os turistas visitam, então, o local para matar a saudade e admirar algumas ruínas e construções que ainda resistem à ação do tempo e das águas (Fig. 9).

Figura 9 – A velha cidade de Remanso



Fonte: Pinheiro (2009)

REFERÊNCIAS

CALADO, Maria (coord.) (S/d). **Estudo sobre o patrimônio Cultural e natural na perspectiva de sua valorização turística**. Centro Nacional de Cultura.

FIGUEIREDO, Maria Beatriz Braga. **Viajando com o passado pela história de Remanso**, 2002.

MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO. Documentário (2000).

PINHEIRO, Karol Jarryer de Jesus. **O Uso e transformação do espaço urbano: um estudo arqueológico da cidade de Remanso velho, BA**. (Monografia). São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. SP: Hucitec, 1993.

SANTOS, Severino Ferreira dos. **Remanso: Passado e Presente**. Salvador - BA: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005.

SOARES, Maria Zuleide. **Estudo preliminar sobre o movimento migratório das famílias da área de caatinga, aternando com as atividades agrícolas nas margens do lago Sobradinho e seu contexto ambiental**. 2001.

IDENTIFICAÇÃO DA PALEOFAUNA PLEISTOCÊNICA E HOLOCÊNICA NAS PINTURAS RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA E ENTORNO

Iderlan de Souza (Fig. 1)
Celito Kestering
Eliete de Sousa Silva

Bacharelando Arqueologia e Preservação Patrimonial
Na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: iderlanz@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF.E-mail: celito.kestering@gmail.com

Licencianda em Ciências da Natureza na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail:

RESUMO

A pesquisa que se realiza tem como principal objetivo identificar a paleofauna extinta nos períodos pleistocênicos e holocênicos nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno. Utilizam - se restos paleofaunísticos fossilizados como parâmetros para análise comparativa com figuras rupestres e suas representações esboçadas pelos paleoartistas com base nos fosseis destes animais, conhecidos atualmente como megafauna, que se encontrou em quatro décadas de escavações, hoje acondicionados no laboratório da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). Através deste estudo comparativo das formas dos animais, projetados a partir dos ossos encontrados nas escavações arqueológicas e paleontológicas, identificam-se representações rupestres de espécies da fauna extinta do continente americano e da região local, quais sejam, *Glyptodontes, Toxodontes, Camelideos, Hidrocerus, Cervídeos, Equídeos, Macrauchenideo, Felideos e* Preguiças terrícolas gigantes*.* Com fundamento nessa constatação propõe-se a adoção de procedimentos metodológicos que contemplem a interpretação dos registros rupestres. São conhecíveis, portanto interpretáveis, as figuras que representam realidades que eram conhecidas pelos autores dos registros rupestres e o são pelos pesquisadores. Para a identificação de grafismos reconhecíveis, que representam realidades conhecidas pelos autores, porém não pelos pesquisadores, considera-se unidade gráfica um signo ou todo o conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não são identificadas ocorrências de figuras semelhantes em outros painéis. Eles são reconhecíveis, por isso, nas recorrências. A cognoscibilidade depende da relação dialógica entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. Existem objetos que, por sua natureza (essência ou estrutura) e por seus atributos (aparência) são facilmente identificados. Outros dependem da intenção dos autores, do conjunto de conhecimentos, da capacidade de percepção ou do grau de aprimoramento técnico do sujeito cognoscente. Muitas figuras, reconhecíveis para alguns pesquisadores podem ser conhecíveis para outros com maior amplitude de referências ou disponibilidade de recursos técnicos. Através da comparação da morfologia entre as cenas em estudo identificam-se cenas de *Gliptodontideos* (tatus pré-coloniais gigantes), *Toxondon*, *Equídeos* (cavalo), *Rodentia* (capivara - *Hidrocerus*), *Blastocerus dichotomos (veado galheiro), Palaeolama,* (camelideo) *Macraunquenideo* e preguiças gigantes.

Palavras-chave: Pintura rupestre. Cognoscibilidade. Interpretação. Zoomorfo. Paleofauna.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Iderlan de Souza



Foto: Celito Kestering (2014)

1 PALEONTOLOGIA

A Paleontologia (do grego *palaiós*, antigo + *óntos*, ser + *lógos*, estudo) é a ciência natural que estuda a vida do passado da Terra e o seu desenvolvimento ao longo do tempo geológico, bem como os processos de integração da informação biológica no registro geológico, isto é, a formação dos fósseis.

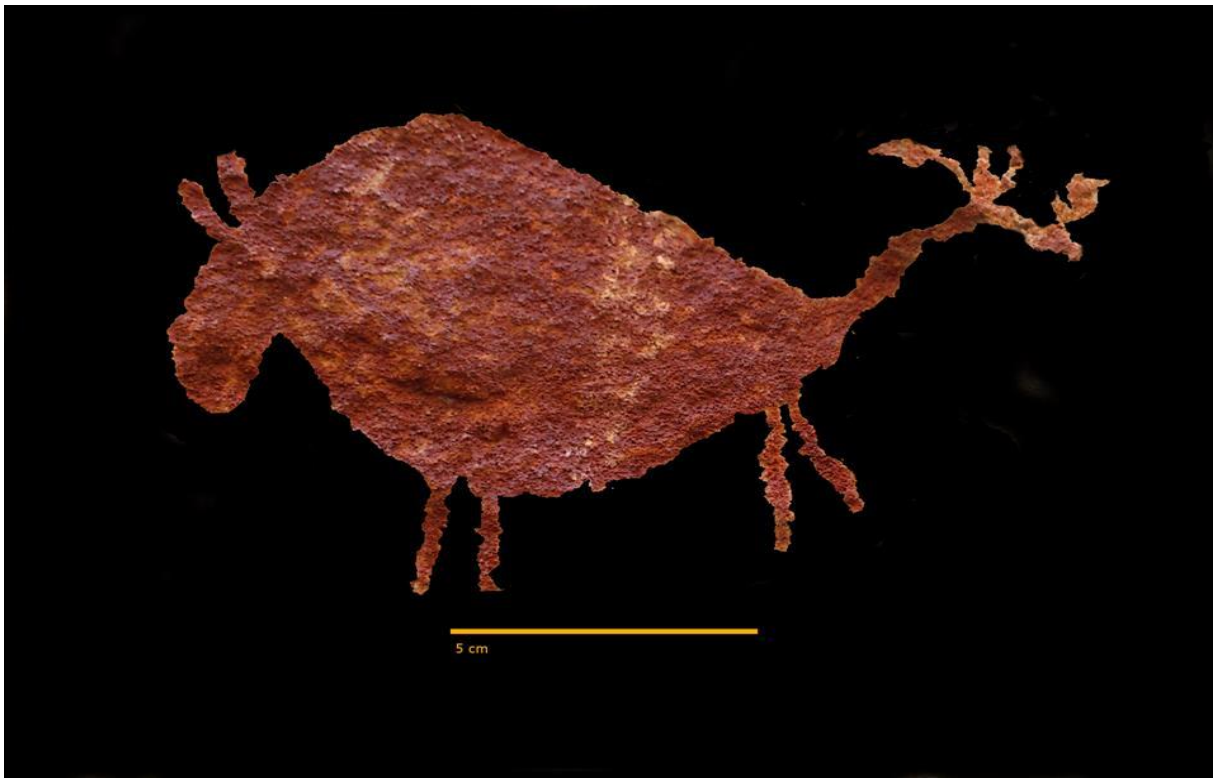
2 FÓSSEIS

Os fósseis (palavra derivada do termo latino *fossilis* que significa "desenterrado" ou "extraído da terra") são restos de seres vivos ou evidências de suas atividades biológicas preservados em diversos materiais.

3 MORFOLOGIA

Morfologia é o estudo da forma dos seres vivos, ou de parte dele. Este estudo pode ser dividido em duas partes: Anatomia (visão macroscópica) e Histologia (visão microscópica). É uma ferramenta fundamental para a identificação e classificação das espécies. A descrição morfológica baseia-se na observação das estruturas presentes no corpo dos seres, o que direciona o estudo das organizações estruturais dos organismos, possibilitando comparações entre os diferentes tipos de organizações estruturais, ou seja, a anatomia comparativa (Fig. 2 a 21).

Figura 2 – Figura rupestre vetorizada de um Glyptodontideo daToca da Entrada do Baixão da Vaca



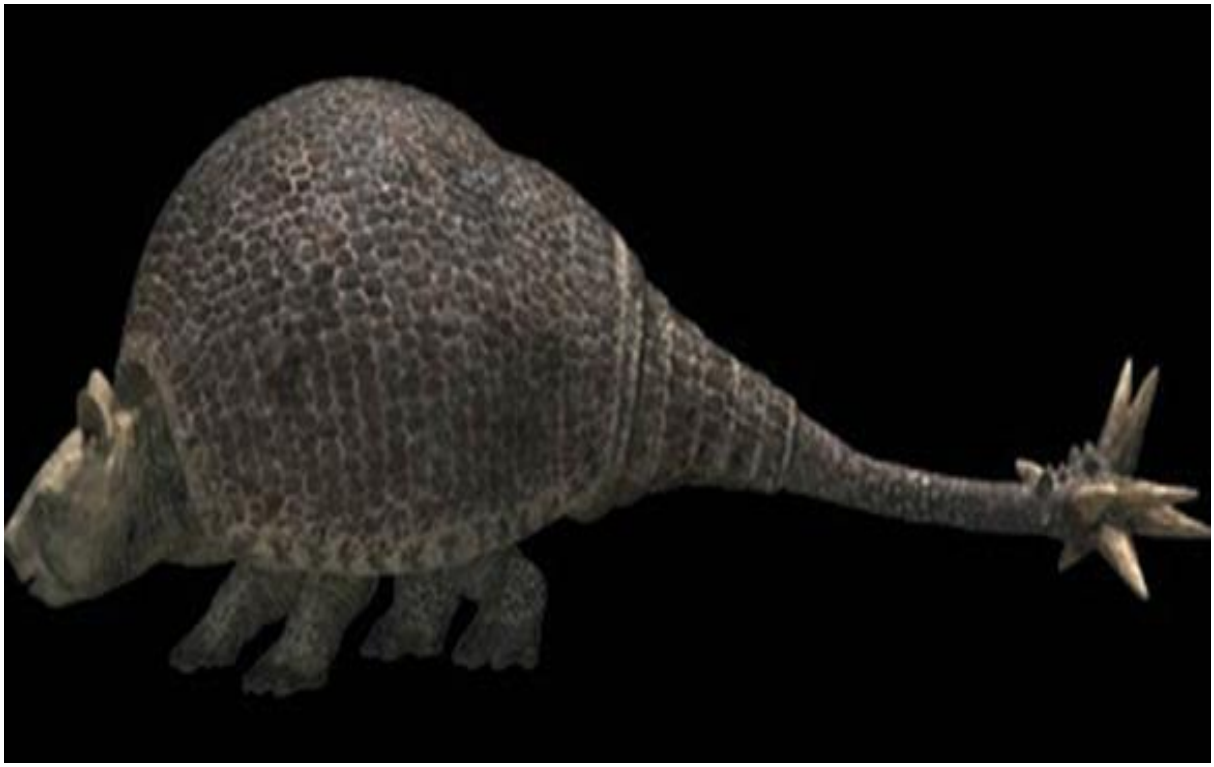
Autoria: Iderlan de Souza (2014)

Figura 3 – Figura rupestre vetorizada de um Glyptodontideo da Toca do Salitre



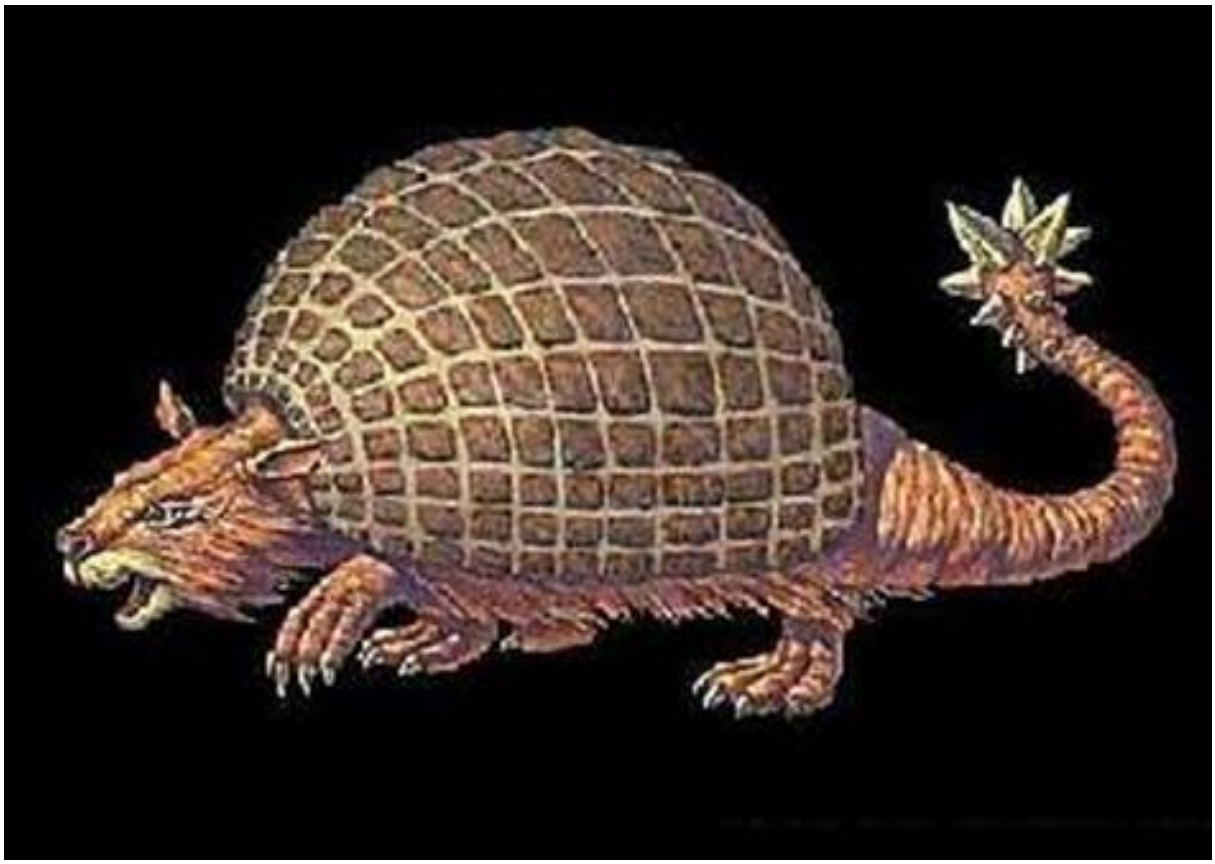
Autoria: Iderlan de Souza (2014)

Figura 4 – Representação gráfica de um Gliptogdontideo (*Glyptodon clavips*) a partir de vestígios paleontológicos



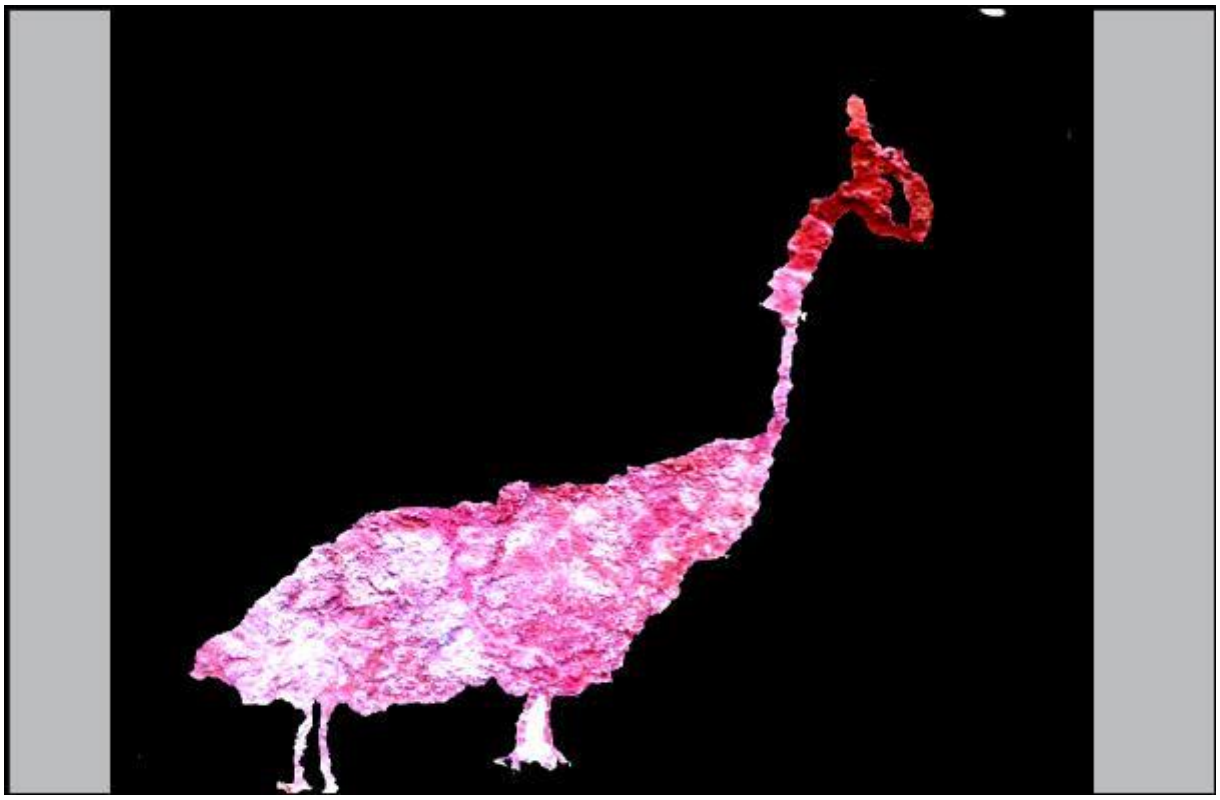
Fonte:

Figura 5 – Representação gráfica de um Gliptogdontideo (*Hoplophorus euphactus*)



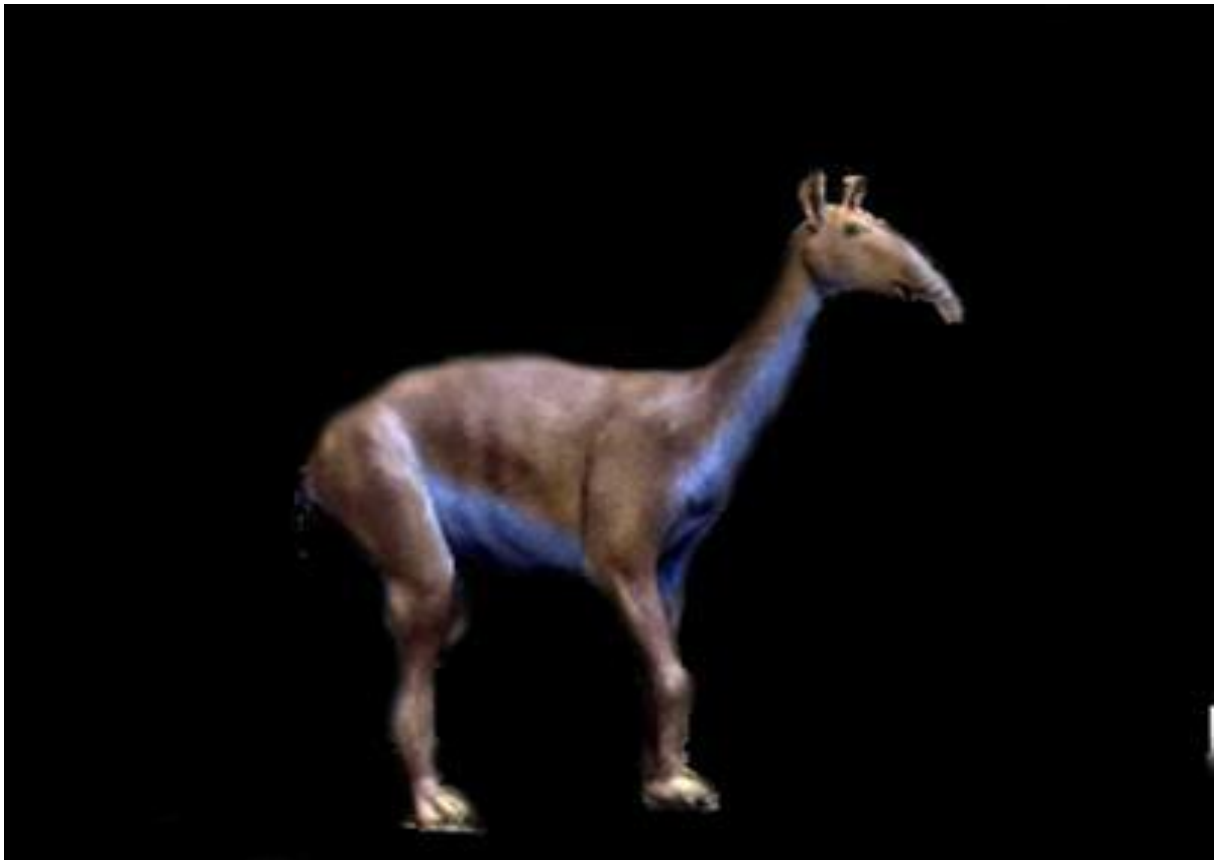
Fonte:

Figura 6 – Figura rupestre vetorizada de *Macraochenia patachonica*) da Toca do BPF



Autoria: Iderlan de Souza (2014)

Figura 7 – Representação gráfica de *Macrauchenia patachonica*



Fonte:

Figura 8 – Pintura rupestre representando Hippidion



Fonte:

Figura 9 – Vetorização do painel de pintura rupestre



Autoria: Iderlan de Souza

Figura 10 – Representação gráfica do Hippidion a partir de restos paleontológicos



Fonte:

Figura 11 – Figura rupestre de Preguiças (*Scelidodon*) na Toca do Serrote da Bastiana ()



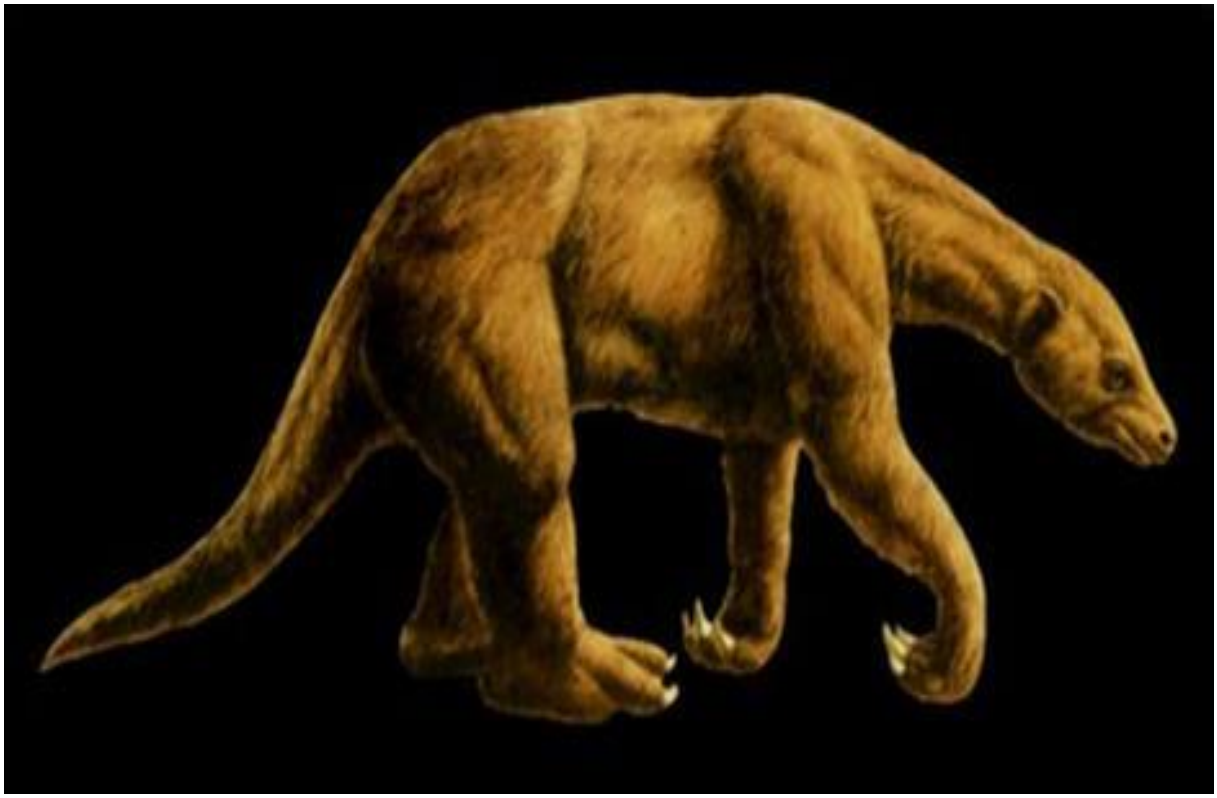
Fonte:

Figura 12 – Vetorização do painel de pintura rupestre



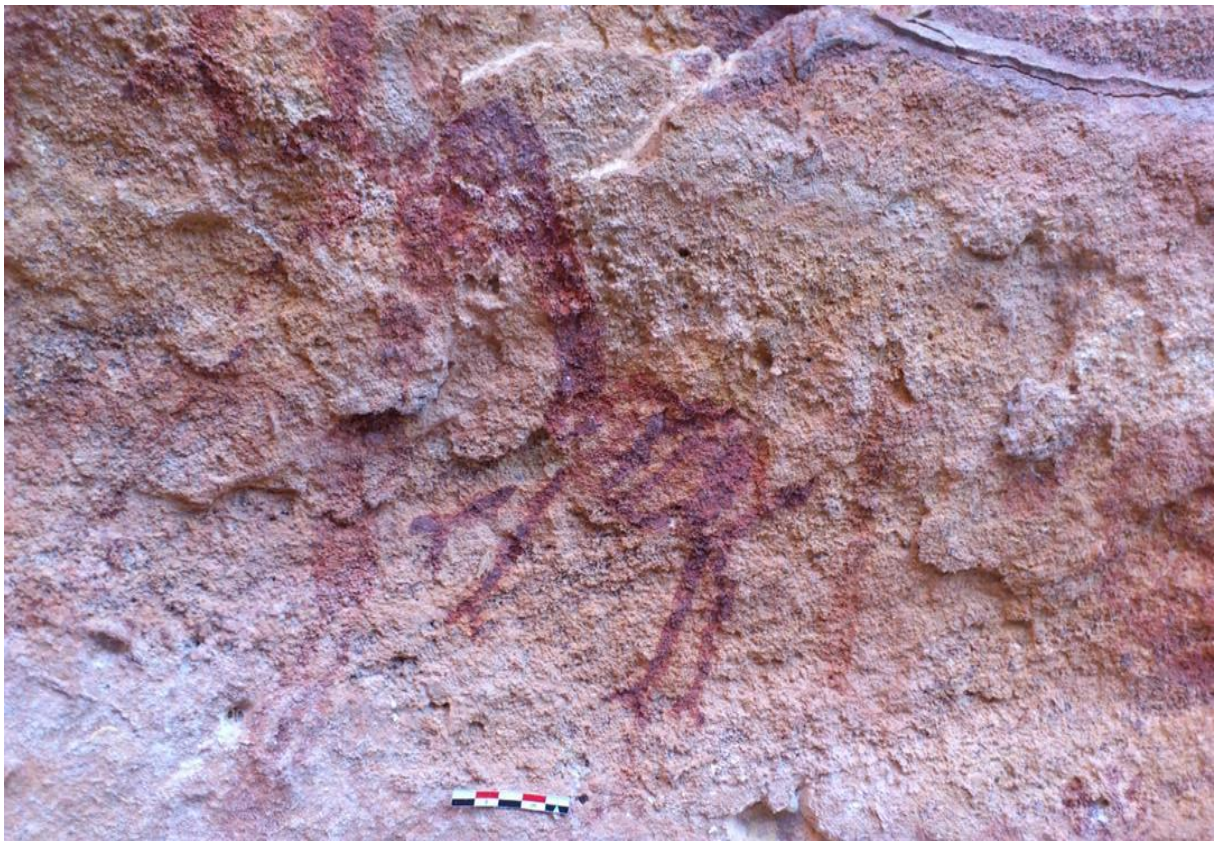
Autoria: Iderlan de Souza

Figura 13 – Representação gráfica do Scelidodon a partir de restos paleontológicos



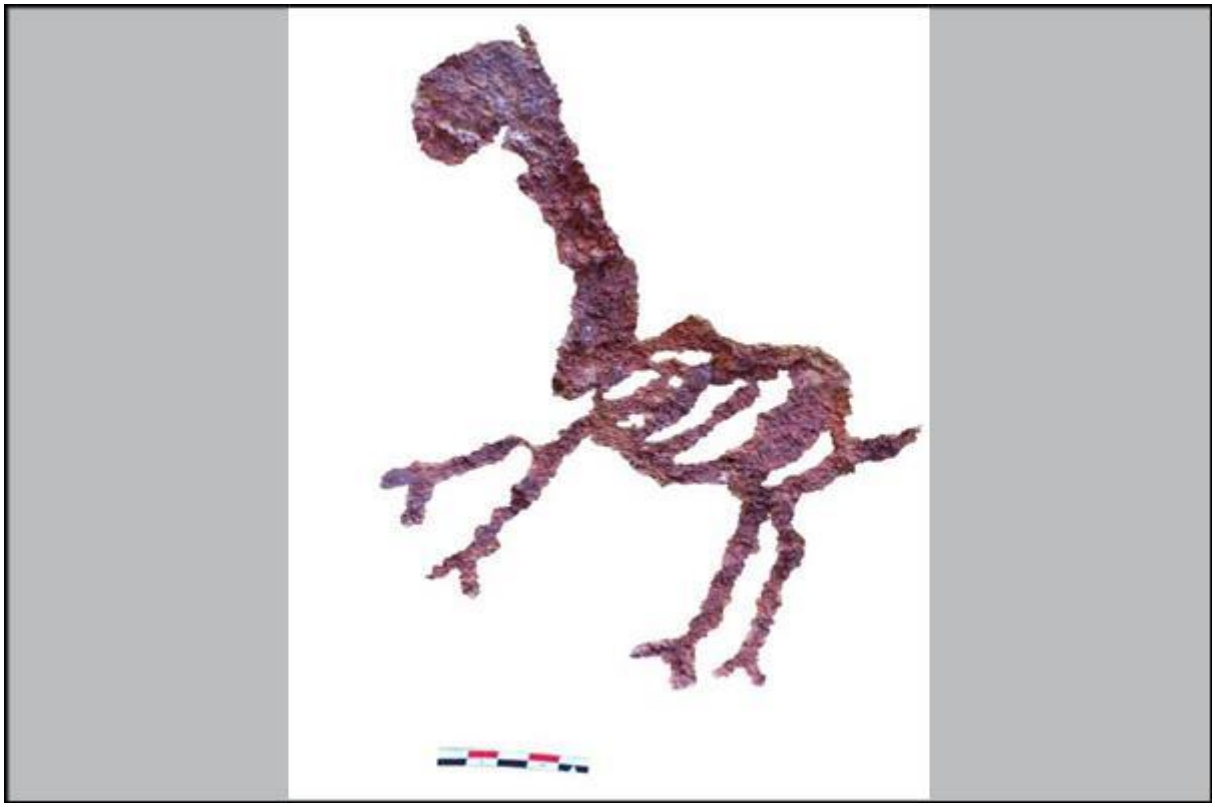
Fonte:

Figura 14 – Figura rupestre de uma *Palaeolama* na Toca do Boqueirão da Pedra Furada



Fonte:

Figura 15 – Vetorização da figura rupestre da paleolama da Toca do Boqueirão da Pedra Furada



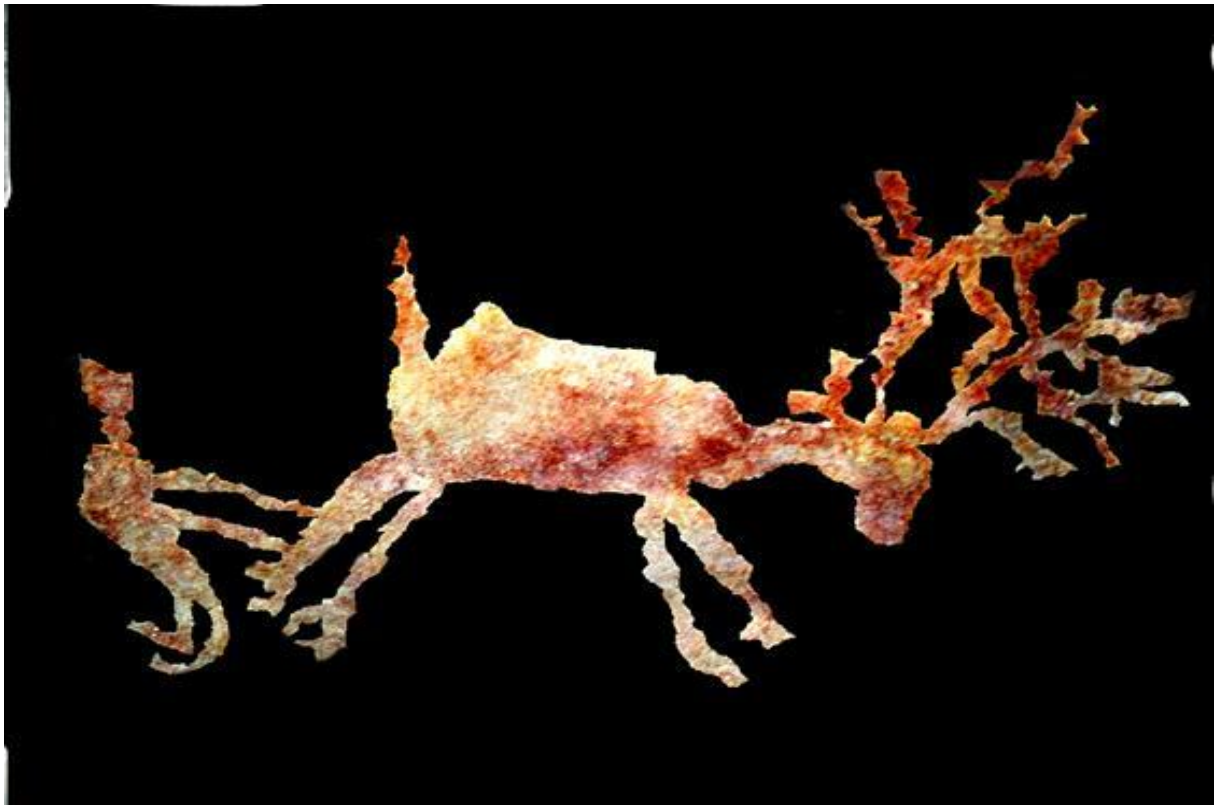
Autoria: Iderlan de Souza

Figura 16 – Representação gráfica da Paleolama a partir de vestígios paleontológicos



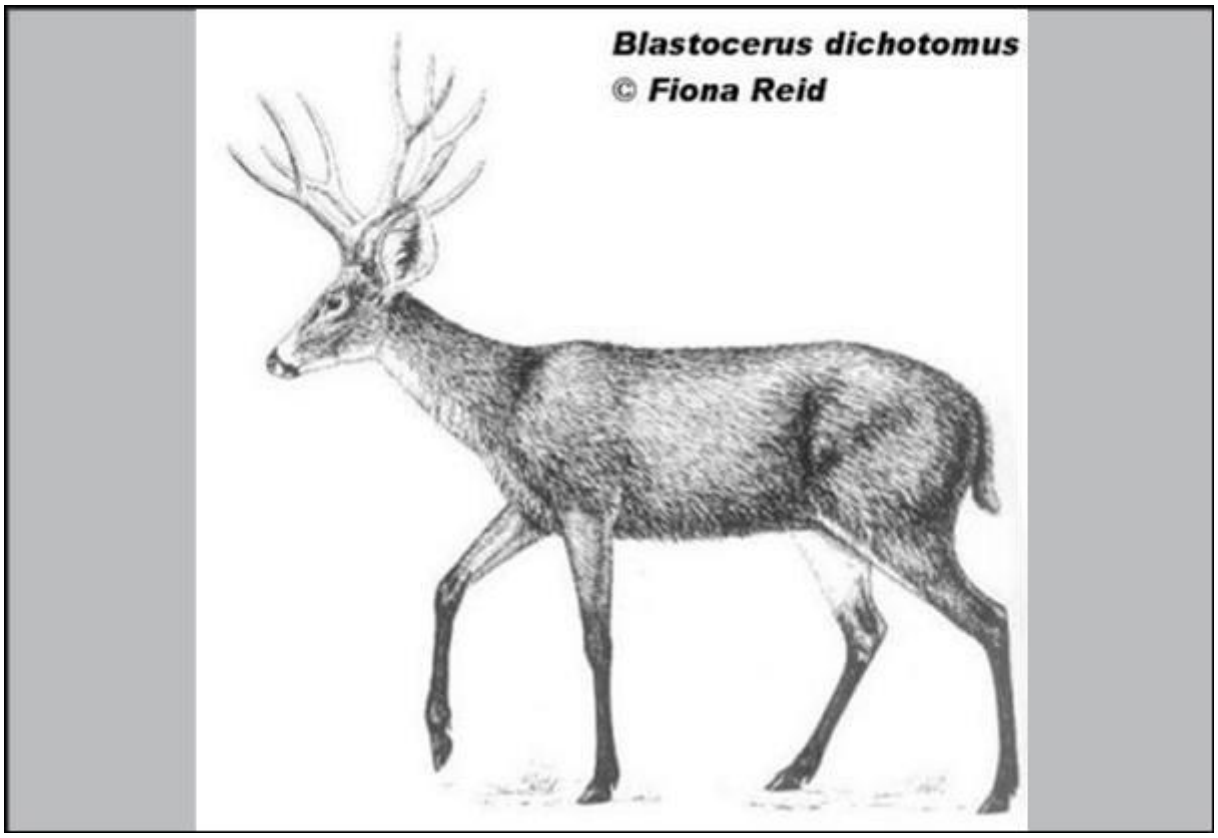
Fonte:

Figura 17 – Vetorização Figura rupestre de veado galheiro (*Blastocerus dichotomus*) da Toca da Pedra Una II



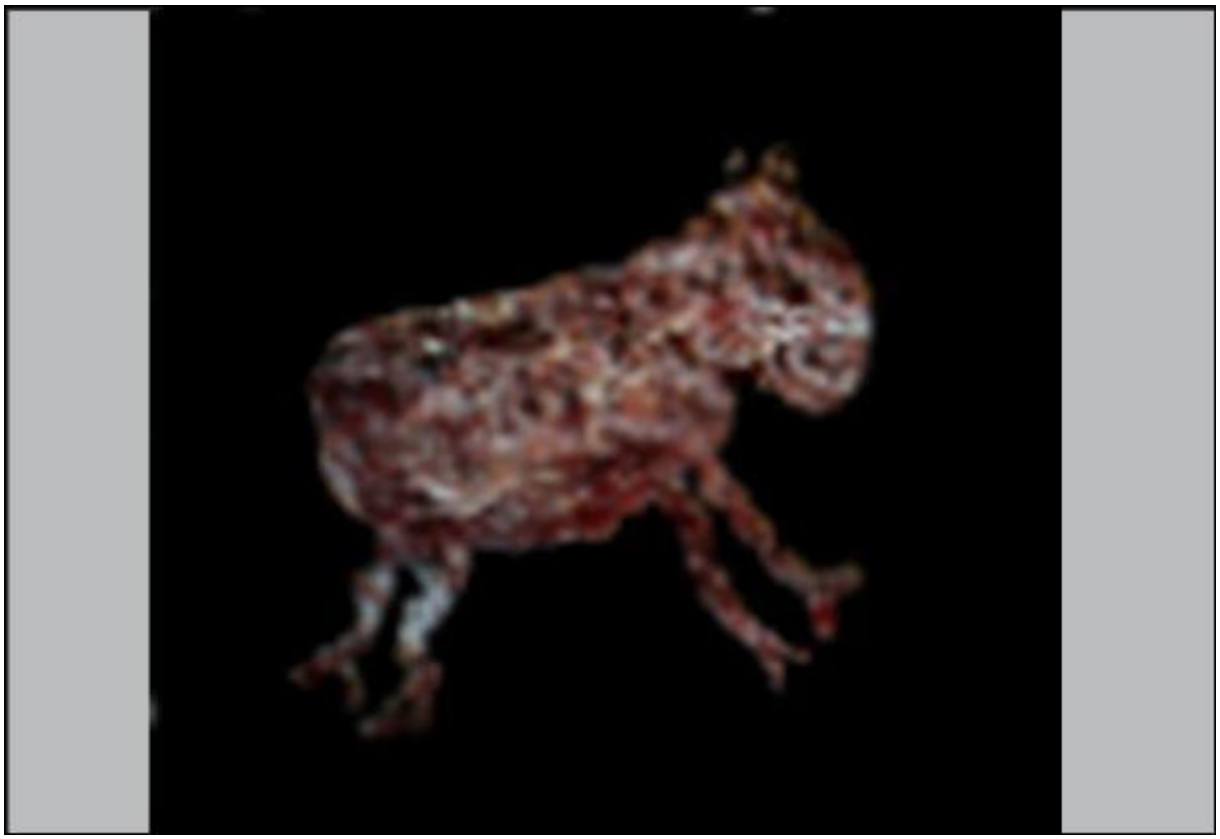
Autoria: Iderlan de Souza

Figura 18 – Representação de um veado galheiro



Fonte:

Figura 19 – Figura zoomorfa vetorizada *Hydrochoerus sp. Na* ***Toca da Pedra UnA II***



Autoria: Iderlan de Souza (2014)

Figura 20 – Figura de uma capivara



Fonte:

RIO E VEGETAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO RIO PIAUÍ NA ÁREA URBANA DE SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

Ingrid Lopes de Oliveira (Fig. 1)
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET – Arqueologia). E-mail: Ingridlopes92@gmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF.E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Diante das inúmeras transformações ocorridas no meio rural, baseadas nas melhorias das atividades do Semiárido, a introdução da algaroba (*Prosopis juliflora*) levou a uma série de mudanças no meio social, político e econômico da região Nordeste desde a década de 1940. É neste âmbito que este trabalho de pesquisa tem o objetivo de realizar um levantamento histórico sobre a importância da história do Rio Piauí e a importância desta espécie no recorte do Rio pertencente à região de São Raimundo Nonato – PI. Os dados que se apresentam são o resultado de estudos em acervos locais, relatos orais, além de consultas bibliográficas e idas a campo.

Palavras-chaves: Rio Piauí. Patrimônio ambiental. Vegetação. História oral. São Raimundo Nonato – PI.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Ingrid Lopes de Oliveira



Foto: Celito Kestering (2014)

1 INTRODUÇÃO

O rio Piauí é um sub-afluente do Parnaíba. Ele nasce a 600 m de altitude na aba da Serra das Confusões, zona rural do município de Caracol. Atravessa o município de São Raimundo Nonato – PI, nas zonas rural e urbana, e passa por vários municípios do estado, desaguando no Canindé a 7 km de Francisco Aires. (SANTOS, 2010).
A parte do rio que corta a área urbana de São Raimundo Nonato, encontra-se atualmente assoreada e poluída (Fig. 2).

Figura 2 – Poluição do Rio Piauí, na cidade de São Raimundo Nonato



Foto: Diego Monteiro (2014).

2 HISTÓRIA

Contexto histórico do Rio Piauí e contexto histórico da algaroba (*Prosopis juliflora*) na região do Rio Piauí.

3 METODOLOGIA

Registro fotográfico; georreferenciamento (GPS, estação total); imaginário coletivo (registro oral); prospecção de superfícies; pesquisas bibliográficas; levantamento do material acumulado (resíduos); educação patrimonial e limpeza da área.

4 RESULTADOS

Mudanças nos aspectos culturais; degradação do Rio Piauí e educação patrimonial na região.
A algaroba é a planta mais presente no curso do rio (Fig. 3). Ela é benéfica ou maléfica?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falta de importância do recorte do Rio Piauí para a cidade de São Raimundo Nonato;
Carência de informações e estímulos;
O rio como patrimônio ambiental

Figura 3 – A algaroba domina a paisagem do Rio Piauí n a cidade de São Raimundo Nonato



Foto: Diego Monteiro

REFERÊNCIAS

DIONISIO, Magro Luís Gustavo; DIONISIO, Barbosa, Renata. **Lixo Urbano: Descarte e Reciclagem de Materiais.**

GOMES, R. E BARBOSA, A. G. **A ecologia política da algaroba: uma análise das relações de poder e mudança ambiental no Cariri Ocidental – PB**. 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia. 2008.

LIMA, P. C. F **Manejo de áreas individuais de algaroba**. RELATÓRIO PROBIO – PETROLINA. 2005.

LIMA, P. C. F e SILVA, M. A. **Ocorrência sub-espontânea de uma algaroba no nordeste do Brasil. Boletim de pesquisa florestal.** Colombo, n. 22/23, p.91-95, jan./dez. 1991.

NASCIMENTO, M. F. **Emprego da algaroba (*Prosopolis juliflora*) na produção de chapas de partículas homogêneas**. MINERVA, 4(1): 51-56

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: Indígenas e Colonizadores, Conflitos e Resistência.** Universidade Federal de Pernambuco Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de pós-graduação em história. Recife, 2007.

SANTOS, Glaucia Barradas. **A poluição do Rio Piauí no Perímetro Urbano de São Raimundo Nonato.** Monografia apresentado a Universidade Estadual do Piauí- São Raimundo Nonato, Piauí. Janeiro de 2010.

SILVA, M. de A. **Taxonomia e distribuição de gênero** *Prosopis* L. Recife: [s.n.], 1986, 19p. (Trabalho apresentado no Encontro Nacional sobre *Prosopis*, 2., 1986, Recife).

TURISMO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL COMO INSTRUMENTOS DE REVITALIZAÇÃO URBANA: UM OLHAR SOBRE O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Vanessa da Silva Belarmino (Fig. 1)
Celito Kestering

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI – SRN); Especialista no Ensino da Geografia pela FLATED- SRN; Graduanda no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do São Francisco (UNIVASF); Graduanda no curso de Guia de Turismo no Instituto Federal do Piauí (IFPI - SRN); Estagiária no Laboratório de Cerâmica e de Orgânico na Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). E-mail: vanessabela18@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF.E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

O município de São Raimundo Nonato destaca-se por suas potencialidades turísticas, especialmente no Parque Nacional Serra da Capivara, declarado Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1991. Contudo, a sua história e a sua memória continuam relegadas. Nesse sentido, não se pode esquecer as edificações que representam e atualizam o passado histórico. O presente trabalho tem por finalidade discutir a importância do turismo histórico cultural como instrumento de revitalização urbana. O objeto de análise desta pesquisa é o centro histórico da cidade, com seus casarões, praças e outras edificações relevantes para o resgate da memória. Não se busca hierarquizar ou valorizar determinado patrimônio, mas neutralizar a dicotomia entre a preservação histórico-arquitetônica da cidade e a preservação do patrimônio arqueológico do entorno. Com a destruição do patrimônio histórico-arquitetônico da cidade, destroem-se atributos da identidade dos habitantes de São Raimundo Nonato – PI. Cada casa ou edifício é a representação física de memórias compartilhadas pelo seu povo. A conservação dessa mediação faz-se necessária para o próprio desenvolvimento local. Aplicam-se questionários com a finalidade de aferir o nível de percepção da importância dos prédios históricos para os residentes. Objetiva-se despertar São Raimundo Nonato – PI para políticas públicas de preservação e restauração do seu patrimônio histórico-arquitetônico que, durante séculos, promoveu o desenvolvimento regional. Quer-se resgatar a memória e a valorização da identidade local, através do seu patrimônio histórico para integrar a cidade de São Raimundo Nonato - PI nos roteiros turísticos regionais.

Palavras-chaves: São Raimundo Nonato – PI. História. Memória. Patrimônio. Identidade.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Vanessa da Silva Belarmino



Foto: Celito Kestering (2014)

1 OBJETIVO

Resgatar a memória e a valorização da identidade local, através do seu patrimônio histórico para integrar a cidade de São Raimundo Nonato nos roteiros turísticos regionais.

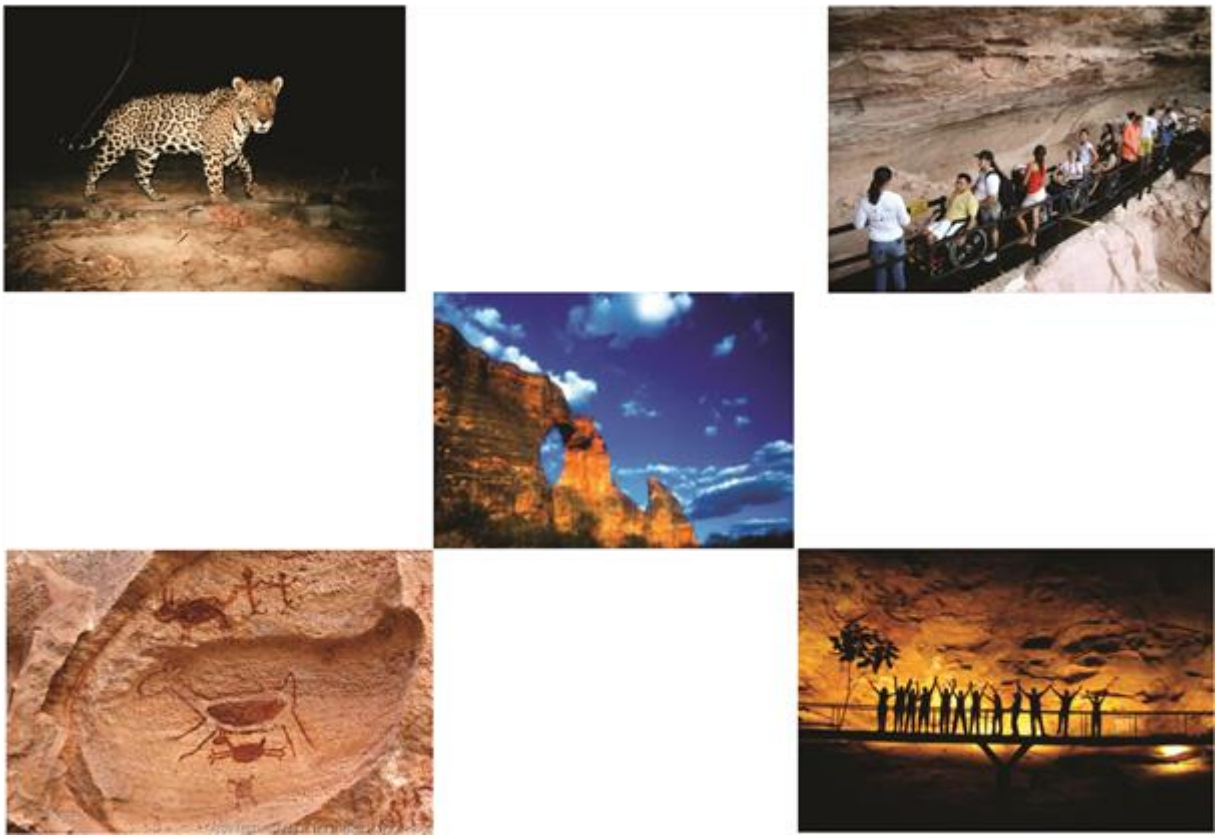
2 CONCEITOS

Turismo: Dá-se o nome de turismo ao conjunto de atividades realizadas pelos indivíduos durante as suas viagens e estadias em lugares diferentes daqueles do seu entorno habitual por um período de tempo consecutivo inferior a um ano.
O turismo traz consigo dinâmicas características da modernidade, embaladas na busca pelo novo, num eterno vir a ser. Isso incide diretamente sobre a produção do espaço. Um espaço agora produzido pelo e para o consumo. Espaço valorizado, não apenas por novos usos, mas por seu valor de troca.
São Raimundo está inserido no “Polo das Origens” e no Plano Nacional do Turismo (Fig. 2).

3 PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Segundo Choay, a expressão patrimônio histórico designa um bem destinado a usufruto de uma comunidade, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum. Patrimônio histórico remete a uma instituição e a uma mentalidade. Segundo a o autor entre os bens ligados ao patrimônio histórico o que relaciona mais diretamente com a vida de todos é o representado pelas **edificações** (Fig. 3 a 11).

Figura 2 – O Parque Nacional Serra da Capivara é patrimônio cultural da humanidade



Fonte: Acervo da FUMDHAM (2014)

Figura 3 – Edificações históricas de São Raimundo Nonato



Fotos: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 4 – Benvindo a São Raimundo Nonato



Fotos: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 5 – Benvindos a São Raimundo Nonato



Foto: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 6 – Área de desembarque do Aeroporto internacional de São Raimundo Nonato



Foto: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 7 – Benvindos ao centro da cidade de São Raimundo Nonato



Foto: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 8 – Benvindos a São Raimundo Nonato



Foto: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 9 – Benvindos a São Raimundo Nonato



Foto: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 10 – Benvindos a São Raimundo Nonato



Foto: Vanessa Belarmino (2014)

Figura 11 – Benvindos a São Raimundo Nonato



Foto: Vanessa Belarmino (2014)

4 REVITALIZAÇÃO

“O termo revitalização remete a um conjunto de medidas que visam criar nova vitalidade, a dar novo grau de eficiência a alguma coisa, em suma, reabilitar”. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda). “Este processo incide sobre um objeto previamente definido”. (VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard).

“O processo de revitalização está ligado à produção cultural das cidades, sendo importante fator da evolução urbana, atuando, por exemplo, na transformação dos núcleos urbanos em cidade-empresa-cultura.” (ARANTES, Otília Beatriz Fiori; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos B).

“Portanto, se de um lado essa transformação é de ordem formal e se refere à possibilidade das possíveis reestruturações das formas espaciais urbanas. Por outro, o processo é fundamentalmente de ordem social – excludente e segregador - e, nesse caso, podemos atentar para novos sentidos de apropriação do espaço pela sociedade”. (CARLOS, 2007, p. 90)

"Precisamos ganhar de volta nossas cidades. Restaurar, reativar a dialética entre espaço, tempo memória". (Samuel Kruchin, 2013).

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Eedições, 2007 [2004]. 123p

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. 5 ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2006.

CONCEITO DE TURISMO. Disponível em: <http://conceito.de/turismo#ixzz3DaPGP6SI>. Acesso em: 15 set 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. Versão 3.0. Editora Nova.

FRONTEIRA, 1999. **Verbete “revitalização”**.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luísa Howard de. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. Barueri, SP: Manoele, 2006, 58p.

A INCÓGNITA DA PRESENÇA INDÍGENA NA HISTÓRIA DE JUREMA - PI

Aldemir Monteiro de Assis
Regiana Coelho de Souza
Celito Kestering

Estudante do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: amonteirodeassis@gmail.com

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF. E-mail: *regiana11@hotmail.com*

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF. E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho trata da pesquisa que está sendo realizada no município de Jurema – PI. Tem-se a pretensão de contribuir na discussão sobre a presença indígena no território piauiense e especificamente no recorte espacial da região de Jurema – PI, com base em dados históricos, orais, geográficos e arqueológicos. Este trabalho surgiu da necessidade de registrar e tornar conhecida pelo público em geral, principalmente pela comunidade local, a história da presença indígena em Jurema - PI, dado que a mesma é desconhecida pela maioria de seus moradores. Utiliza-se como metodologia principal a História Oral, visto que esta é essencial quando se tem como objetivo resgatar uma história que é invisível na história oficial. Realizam-se entrevistas com pessoas idosas que, mesmo de forma tímida, falam de ancestrais indígenas na família e mencionam vários episódios da presença deles na região. São histórias que vem sendo contadas de geração em geração e hoje só se encontram armazenadas na memória de algumas pessoas. Com o tempo podem desaparecer devido ao descaso da comunidade acadêmica para com este tipo de conhecimento. Utiliza-se, também, a pesquisa bibliográfica referente à colonização do Sudeste do Piauí, como mecanismo de amarração dos dados da História Oral. Este trabalho colabora para a preservação e resgate do passado histórico de um povo que ali esteve presente e deixou descendentes que reconhecem sua relação filogenética. Apresenta-se a formação histórica do município, para a compreensão dos processos de ocupação e configuração do espaço geográfico em questão, assim como todos os dados que surgem no decorrer da pesquisa. Procura-se, também, fazer o elo entre os relatos orais e os dados históricos, com o objetivo de enriquecer o banco dados para o esclarecimento da incógnita da presença indígena nesta região.

Palavras-chave: História Oral. Indígena. Jurema - PI.

1 JUREMA - PI

O município foi criado em 26/01/1994 e instalado em 01/01/1997, sendo sua área proveniente dos municípios de Anísio de Abreu e Caracol.
O primeiro nome foi Lagoa do Bonsucesso, porém seu nome foi mudado para vila de Jurema em homenagem a uma índia chamada Jurema que havia sido capturada por um comerciante e que era admirada por todos os coronéis da região por sua beleza. Com o falecimento desta decidiram mudar o nome para Vila de Jurema.
De acordo com alguns relatos, a região era habitada somente por indígenas até mais ou menos 1913. Os primeiros homens brancos se instalaram no que é hoje Caracol e Anísio de Abreu. Somente por volta de 1935 é que o coronel José Valério Paes Ribeiro instalou-se no que é hoje Jurema. Os coronéis que vieram para essa região eram provenientes de outras capitanias do nordeste tais como: Pernambuco, Ceará e Bahia (Fig. 1).

Figura 1 – Localização do município de Jurema - PI.



Fonte: CPRM (2013)

2 OBJETIVOS

Fazer o levantamento do histórico da presença indígena no território juremense.
Resgatar a história da presença indígena na região da atual cidade de jurema que não é conhecida pela maioria de seus moradores.
Tornar acessível e conhecida pelo público em geral e principalmente pelos moradores locais a história dos primórdios da cidade de Jurema.

3 JUSTIFICATIVA

Necessidade de registrar e tornar conhecida pelo público em geral, principalmente pela comunidade local, a história da presença indígena em solo juremense, dado que esta é desconhecida pela maioria de seus moradores.

4 METODOLOGIA

História Oral: entrevistas com representantes educacionais, estudantes e pessoas idosas
Pesquisa bibliográfica.

5 A PESQUISA

Entrevista com estudantes de primeiro grau:
Você conhece alguma historia de índio aqui na região, ou já ouviu na escola, ou de alguém mais velho?
Não, aqui não tem índio não. (14 anos).
Eu já ouvi um professor comentar sobre isso, mas ele só disse que tinha e não explicou, não lembro. (11 anos).

Entrevista com diretor de escola de primeiro grau:
O senhor tem conhecimento de relatos sobre a presença indígena em território juremense?
Teve índio sim.
Na escola esses relatos são de alguma forma, passados aos alunos? Eles têm conhecimento da história da presença de índios aqui na região?
Não, até o momento não foi feito nada aqui na escola sobre a história de índio da região.

Entrevistas com pessoas idosas:
A senhora sabe se existia índio aqui na região em tempos passados, ou conhece alguém que é descendente de índio?
Não conheço nenhum parente de índio não, mas dizem que antigamente aqui tinha índio, tinha ema, aqui tinha um bocado de bicho que não existe mais (D. Antônia, 85 anos; Fig. 2).
No outro tempo tinha índio aqui, mas num foi do meu tempo não. Eu nem existia ainda (Antônia Pereira, 72 anos; Fig. 3).
Eu ouvi alguns relatos de pessoas na região que falam que não conheceram, mas a avó ou bisavó era parente de índio.
Minha vó foi parente de índio, mas num é de meu tempo não. Ela que conheceu os índios que chama caboco brabo (Antônia pereira, 72 anos).

6 DISCUSSÕES E RESULTADOS

As informações se contradizem, provavelmente alguns não se sintam confortável ao falar de uma história que às vezes é negada por ser vista por alguns como motivo de vergonha o parentesco indígena. São histórias que hoje só se encontram armazenadas na memória de pessoas que vem sendo contada de geração em geração e que com o tempo podem desaparecer devido ao descaso da comunidade acadêmica.

Figura 2 – Dona Antônia, 85 anos



Foto: Regiana Souza (2014)

Figura 3 – Antônia Pereira, 72 anos



Foto: Regiana Souza (2014)

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As informações são desencontradas. Provavelmente alguns não se sintam confortáveis ao falar de uma história que às vezes é negada por ser visto por alguns como motivo de vergonha o parentesco indígena. São histórias que hoje só se encontram armazenadas na memória de pessoas que vem sendo contada de geração em geração e que com o tempo podem desaparecer devido ao descaso da comunidade acadêmica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa conseguiu-se atingir resultados bastante satisfatórios, que responderam além do esperado.
Constatou-se que a história indígena está “viva” na memória de seus moradores mais velhos e que poucos da última geração têm conhecimento desta.
Dado o caráter preliminar da pesquisa, as proposições são muito limitadas. Pretende-se dar continuidade aos trabalhos, para que seja possível um maior levantamento de informações e consequentemente resultados mais esclarecedores.

REFERÊNCIAS

DIAS, William Palha. **Caracol na história do Piauí**. 4 ed. Teresina – PI, 2003.

DIAS, William Palha. **Vila de Jurema**. 2 ed. Teresina – PI, 1996.

ODAIR, José da Silva. **Mito, memória e História Oral**. São Bernardo do Campo: Chamas, 2003.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **Povos indígenas do sudeste do Piauí: conflitos e resistências nos séculos XVIII e XIX.**

ATRIBUTOS CONSERVADOS E MODIFICADOS NOS CEMITÉRIOS SUBMERSO E ATUAL DA CIDADE DE REMANSO – BA

Sara Oliveira de Souza (Fig. 1)
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: sara.souza@gmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF. E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Com o presente trabalho apresenta-se a relação entre o cemitério do município de Remanso Velho, ao norte da Bahia, inundado na década de 1970, durante a construção da Barragem Hidrelétrica de Sobradinho. Esse cemitério permanece imerso durante a maior parte do tempo. Ele emerge em tempos de seca, quando recuam as águas do lago. Há outro cemitério, na nova cidade de Remanso, construído pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF). Com base no pressuposto teórico de que existem atributos sociais e individuais que permanecem ao longo do tempo e outros que se modificam, faz-se a identificação de atributos do cemitério antigo que se conservaram no novo cemitério. Faz-se, também, o reconhecimento de atributos que se modificaram. Utilizam-se como parâmetros a escolha do lugar e o alinhamento dos túmulos e do próprio cemitério. Verificam-se as formas dos túmulos e as técnicas utilizadas na sua construção. Com isso identificam-se atributos da identidade do grupo social que habitou a velha cidade e do grupo que hoje ocupa a nova cidade.

Palavras-chaves: Remanso – BA. Cemitério. Identidade. Atributo.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Sara Oliveira de Souza



Foto: Celito Kestering (2014)

1 A VELHA CIDADE DE REMANSO

Localizada no médio São Francisco, norte do estado da Bahia, margem esquerda do rio São Francisco (Fig. 2). Foi designada cidade em 1900. Era constituída de cinco bairros: Capão de Cima, Capão do Meio, Capão de Baixo, Pizeiro e Remanso. Foi inundada pela construção da Hidroelétrica de Sobradinho.

Figura 2 – Localização de Remanso no estado da Bahia



Fonte: Wikipedia (2014)

2 CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE SOBRADINHO

Em 1972, chego a noticia para os moradores que haveria a construção da barragem de sobradinho. Foram inundados os municípios de Casa Nova, Remanso, Sento Sé e Pilão Arcado. No ano de 1977, a cidade de Remanso foi transferida para a nova sede. Um total de 7.337 pessoas foi levado para a nova cidade (CHESF, 1973). A cidade antiga emerge em tempos de seca, geralmente entre os meses de setembro a janeiro, quando as águas recuam.

3 CEMITÉRIO DA VELHA CIDADE DE REMANSO

Localizado no bairro Capão do Meio, à rua Emílio Sá que possuía limites com as ruas Anfilófio Castelo Branco e Conselheiro Dantas. Media 150 metros de comprimento por 45 metros de largura. Identificaram-se dez catacumbas que foram analisadas para este trabalho em comparação ao cemitério da nova cidade.
O cemitério da antiga cidade ficava bem distante do centro comercial e da igreja, bem como, de toda a parte próxima ao rio São Francisco (Fig. 3).

Figura 3 – Planta Baixa da antiga cidade de Remanso



Fonte: Acervo da CHESF (1976)

4 CEMITÉRIO DA NOVA CIDADE

Foi construído no mesmo tempo que a cidade, entre os anos de 1972 e 1977. Localizado na quadra 16, distante das águas do rio, à rua Otávio Mangabeira, que hoje por motivos políticos passou a se chamar de Avenida vereador Paulo Ferreira (Fig. 4).

5 PARÂMETROS

Alinhamento e portão principal dos cemitérios antigo e novo, O que se conservou nos dois cemitérios e o que modificou.
O cemitério antigo era cercado por paredes não muito altas com uma entrada não muito convencional, pois há uma espécie de “capelinha”, uma entrada coberta. O portão central está no sentido rio e igreja (Fig. 5).
Apesar de ter sido construído no mesmo alinhamento que o antigo, o cemitério da cidade nova tem o portão central no sentido lateral (Fig. 6).

Figura 4 – Vista aérea do cemitério da nova cidade de Remanso



Fonte: Google Earth (2014)

Figura 5 – Entrada do cemitério antigo



Fonte: Acervo de Marisa Muniz

Figura 6 – Entrada do cemitério novo



Foto: Sara Souza (2014)

6 O QUE SE CONSERVOU NOS DOIS CEMITÉRIOS

Túmulos no sentido nordeste – sudoeste; Revestimento dos túmulos; Azulejo e mármore como forma de decoração e colocação de cruzes em cada túmulo com o nome do falecido, a data de nascimento e de falecimento (Fig. 7 a 10).

7 O QUE SE MODIFICOU

Arquitetura bem definida; lápides na maioria dos túmulos; túmulos visivelmente belos, alguns inclusive com estátuas acima das mesmas e mausoléus preparados pelas pessoas antes de sua morte (identidade) (Fig. 11).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a identidade dos moradores de “Remanso Velho” e as do atual Remanso, que se modificariam com o tempo, foram aceleradas por um projeto de futuro promissor que não existiu.
Não houve a preocupação por parte das autoridades e até mesmo por parte dos moradores em relação a manter a identidade na cidade nova.
Pouco se manteve em relação ao cemitério.

Figura 7 – Túmulo do cemitério antigo



Foto: Sara Souza (2013)

Figura 8 – Túmulos do novo cemitério



Foto: Sara Souza (2014)

Figura 9 – Túmulo do antigo cemitério



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 10 – Túmulo do novo cemitério



Foto: Sara Souza (2014)

Figura 11 – Vista geral do antigo cemitério



Fonte: Acervo pessoal de Lúcia Libório

REFERÊNCIAS

FOCHI, G. CARELLI, M. **Cultura da morte: um estudo do cemitério municipal de Joinville/SC**.

PINHEIRO, Jarryer de Jesus. **O uso e transformação do espaço urbano: um estudo arqueológico da cidade de Remanso velho, BA**. 2009. 60 f. Monografia apresentada à UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco para a obtenção do título em bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial.

REZENDE, Eduardo C. M. O **céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios na geografia urbana de São Paulo.** São Paulo, 2006, p. 49.

LIMA, Tania Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)**. Anais do Museu Paulista. N. Ser, V. 2, p. 87-150. Jan/dez 1994, p. 87.

RELAÇÃO ENTRE O PATRIMÔNIO HUMANO E O PATRIMÔNIO CULTURAL NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

Rômulo Timóteo Macêdo Barbosa (Fig. 1)
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET. E-mail: romulortmb@gmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF.
E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Com o presente trabalho procura-se resgatar a memória e a história do povoado Zabelê que se localizava na área onde se implantou o Parque Nacional Serra da Capivara. Esse local que o povo Zabelê habitou foi escolhido pelos ancestrais porque tinha terras boas para manejo, e férteis para o plantio de culturas permanentes e temporárias. Era, por isso, chamada de “terra abençoada”. Dizem os mais velhos que o antigo povoado do Zabelê foi fundado por maniçobeiros e índios pimenteiras da nação Acoroá, migrantes da região dos atuais municípios baianos de Remanso, Pilão Arcado e Campo Alegre de Lourdes. Não se sabe se o nome Zabelê se deve ao pássaro *Crypturellus noctivagus zabelê (Spix, 1825)*, abundante na região, ou à tribo migrante. Formula-se a hipótese de que tenha sido o nome de uma tribo da grande nação Acoroá que, em meados do século XVIII, ocupava toda a região Sudeste do Piauí. Nas terras em que muita gente fez sua vida, sua historia, sua essência, sua cultura, tudo era melhor. Ninguém as quis abandonar porque lá “tudo era felicidade”. O povo Zabelê foi obrigado a se retirar de suas propriedades, a deixar sua historia, sua memória e seu mundo para sobreviver, mudando, radicalmente, a sua vida. Esse povo guerreiro foi expurgado de suas terras. Teve uma reviravolta na vida, de um dia para o outro, da fartura de alimentos a quase mendigos. Esse trabalho visa mostrar que além do zabelê outros grupos que lá abitavam também poderiam ser considerados patrimônios por ter vivido e convivido durante muito tempo nessas áreas, local onde criaram grande afeto pela mesma que ao passar dos anos foi virando uma parte de sua história, ficando na memória as lembranças de um grande passado. E do mesmo modo que uma construção pode ser considerada um patrimônio, por que o homem que possui uma história e memória naquele lugar não pode ser?

Palavras-chaves: Parque Nacional Serra da Capivara. Zabelê. História. Memória. Patrimônio.

Figura 1 – Comunicação oral proferida por Rômulo Timóteo Macêdo Barbosa



Foto: Celito Kestering (2014)

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho vê-se como foi a origem do povoado Zabelê. É um pequeno retrospecto dos 100 anos de historia do povo que lá viveu e de seus ancestrais.
Tenta-se voltar um pouco no passado desse povo, mostrando os momentos de glória, fartura e tristeza, o que se perdeu e o que se ganhou, o sofrimento da perda das terras e a volta por cima. Revivem-se os seus patrimônios imateriais e materiais perdidos com o tempo, as danças, festas, crenças e sociedade.
Pergunta-se: Por que não houve interesse em se preservar a cultura desse povo?

2 ORIGEM DO ZABELÊ

Segundo relatos orais, o povoado Zabelê foi criado em meados de 1902. Surgiu junto ao ciclo da maniçoba (1897-1913), quando os três irmãos João Bernardo, Antônio Maroto e Manuel Roberto depararam-se com essas terras propicias ao cultivo de alimentos. Tomaram posse das mesmas e abriram roças nas quais passaram a cultivar alguns alimentos para o seu consumo.
Um dia, estavam na roça, quando se depararam com uma zabelê enganchada numa moita de garranchos que eles tinham feito para limpar a terra. A zabelê se debatia e não conseguia se soltar. Então Zé Roberto pulou na Zabelê e a pegou. Daí surgiu a ideia de que aquele lugar se chamaria Zabelê.
A partir desse episódio, formou-se ali um povoado. A notícia da fertilidade do solo e abundância de caça, somada à grande quantidade de maniçoba na área recém descoberta, despertou o interesse de outras famílias em se mudarem para esta nova localidade. Eram descendentes de Vitorino, que moravam no Barrerinho e Barreiro Grande, imediação da

atual cidade de Coronel José Dias. Devido à movimentação das pessoas em busca de maniçoba, vieram também pessoas de povoados vizinhos como do Alegre, região de João Costa, e de outros estados, como Ceará, Pernambuco e Bahia.
*O Zabe*lê por muito tempo foi um dos principais centros de concentração dos sertanejos maltratados pela seca.
Algumas pessoas mais velhas do povoado de Zabelê dizem que suas bisavós ou parentes distantes foram pegas no mato, a dente de cachorro. Ninguém sabe a que grupo esses índios pertenciam. Supõe-se que sejam pimenteiras da nação Acoroá, migrantes da região dos atuais municípios baianos de Remanso, Pilão Arcado e Campo Alegre de Lourdes.
"[...] povos nativos do Piauí, notadamente as nações indígenas 'Gilboé', 'Gueguê', 'Acoroá', 'Paracaty' e 'Timbira', todos disseminados pelo vasto sertão que abrange desde a margem esquerda do rio São Francisco até a direita do rio Parnaíba, com seus principais afluentes do lado direito: Uruçuí, Piauí, Itaueira, Gurguéia, Canindé, Poti e Longá." (CARVALHO, 2008).

3 RELATOS

"Ô menino, eu sou ruim pra contar essas historias, mas minha vó contava que a mãe dela, minha bisavó, foi pega a dente de cachorro, era caboco brabo, como o povo chamava antigamente" "também um dia, eu andando, um caboco 'véi' me parou uma vez e perguntou se eu era caboca, ai eu disse: não senhor... Ai ele disse, pois tu parece."(ILDA, MAIO, 2014).

"Uma parente da vó de minha mãe, é... vó da vó de minha mãe... era parente desses índios... nóis tem sangue de índio. Tinha uma que sumia direto, passava três, quatro ou três dias fora da casa, saia e num dizia pra onde ia, só saia, ai um dia, ela era casada, um dia ela saiu e o marido dela deu fé, e foi atrás, passou o dia todim caminhando atrás dela. Aí ela chegou em um lugarzão limpo, cheio de tronco pra se assentar e umas concha feita de madeira chei de mel com carne podre dentro. Eles comia de tudo. Aí quando ela chegou lá eles fazia festa, chegava e pintava o rosto dela todo. Aí o marido dela subiu em cima de um pé de pau. Aí cortou três caroá e botou assim pra se ele cochilar batia a cabeça e acorda. Aí quando foi de madrugada, quando a lua tava alta ele falô: é, eu vou é mim bora, que se esses cabocos me pegar eles fazem é me comer. Ai ele saiu, caminhou um dia todim pra chegar na casa dele. Aí, uns dias depois, ela chega com um monte de fruta do mato, tipo Guabiraba e marmelo que eles dava pra ela. Ai toda vez que ela ia, voltava com um monte de fruta, mel e outras coisa lá que eles dava pra ela. O nome dela era Lindauri. Ele pegou ela novinha, enganchada num buraco de pé de mamona, ai ele pegou ela pra criar e casaram." (ZENAIDE, SET. 2014).

"Tem outra história que eu sei também. Um dia três caçador estava caçando no mato. Aí viram um barulho no mato. Aí foram ver. Quando chegaram lá, tinha uma morena linda, linda, linda, dos cabelo bonito que só, a pele dela era aquela pele morena mesmo, bem bonita. Aí ela estava cortando uma arvore com uma filepona de pedra, bem afiada. Aí um dos caçador falô: bora pegar essa morena pra nóis? Ai o outro disse: eu não. Aí o outro falô: eu vou. Aí foram pegar ela. Aí, quando um agarrou ela, ela deu uma mordida nele. Ela tinha os dentes fortes e bem afiados. Aí ela deu uma mordida bem na garganta que o caçador caiu no chão. Quando ele caiu, os outros dois correram. Aí foram buscar outros caçadores pra ir lá. Aí, quando chegaram lá, não tinha mais nada. Ela tinha levado ele e o cavalo dele. Eles comia gente, comia de tudo. Aí tinha levado ele pra comer." (ZENAIDE, set. 2014).

"Fui uma pessoa nascida e criada num lugar chamado Zabelê. Então, esse Zabelê foi criado por os meus antepassados, que eu já sou da quinta geração lá daquela região. E **era um lugar que eu sempre adorava; achava muito bom**. Aí, depois que a Doutora tirou nossas terras, nós viemos tudo embora pro São Raimundo. Aí uns foram embora pra

Flores, outros pro Mato Grosso, outros pra Brasília, pro Pará e foram embora um bocado de gente. Outros ficaram aqui no São Raimundo." (KELÉ, JAN. 2014)

4 EXPURGO DO POVO DE SUAS TERRAS

O parque foi criado através do decreto de nº 83.548, com a finalidade de proteger um dos mais importantes exemplares do patrimônio pré-histórico do país. Com a Criação do Parque no ano de 1979 As pessoas que moravam dentro da área tiveram que se retirar de suas residências deixando toda uma vida lá.
Com a dispersão do povo zabelê, as atividades que o grupo costumava fazer em conjunto foram acabando. Sua cultura foi "extinta" e seu patrimônio imaterial perdido. A criação do Parque Nacional Serra da Capivara beneficiou muita gente mas prejudicou, também, muita gente.

5 CONSEQUÊNCIAS

O expurgo gerou um sentimento de perda e angústia na população. A desapropriação promoveu a exclusão da população residente da área preservada, causando um sentimento de não pertencimento e de revolta que ate hoje prevalece.
A perda das tradições, das coisas que haviam construído e que iam construir, das plantações que foram perdidas, as criações de animais que não puderam usufruir pelo fato de não ter mais onde os criar. Onde tudo era felicidade, de uma hora para outra virou tristeza e sofrimento.
"Não houve a preocupação dos órgãos administradores do Parque em preservar a cultural local, em dar pelo menos as condições necessárias para tal, apenas se preocuparam com os seus interesses particulares, como costuma ser a relação entre dominantes e dominados. A cultura imaterial do povo do Zabelê sofreu um grande desfalque. Práticas como o reisado, a dança de rodo, o futebol, sempre acompanhado de muita alegria, a quadrilha, todas se perderam no palco da desapropriação. Pois quando desapropriados em 1986, a população se dispersou. Quanto à cultura material, a prática da criação de animais, como o bode, a vaca, o porco, foi deixada de lado, devido à impossibilidade destas no novo local de moradia, onde as casas são acompanhadas por pequenas extensões de terras". (BRITO, 2011).
O povo zabelê se espalhou por vários lugares do Brasil, acabando com as tradições que tinham no decorrer dos anos, alguns chegando a nem conhecer como era a vida lá. Havia necessidade de tirar o povo de suas terras? Eles cuidavam bem do lugar em que moravam e zelavam o ambiente. Pela pouca população, tinham consciência de onde viviam.
O patrimônio que eles construíram no decorrer dos anos suas casas, igreja etc., foi tudo destruído com exceção da escola e do cemitério. Além de se destruir os bens materiais também se destruíram as memórias daquele local e a cultura de um povo humilde que perdeu quase tudo que tinha. O povo zabelê era um povo unido e alegre. Tudo se acabou com a expulsão de suas terras. Com cada geração que passa e cada membro daquela comunidade que se vai perde-se um pouco de sua história, de sua memória e de seu patrimônio. O que resta de lá são vagas lembranças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma boa iniciativa para que esses conflitos não aconteçam mais, é investir-se na educação patrimonial nas escolas de ensino fundamental e médio de toda a região. Isso evitaria muitos acontecimentos como o expurgo do Zabelê. O povo valorizaria e imporia respeito à cultura local.
O patrimônio material e imaterial do Zabelê foi invisível para os órgãos que decretaram seu êxodo (Fig. 1 a 4).

Figura 2 – Escola do antigo povoado de Zabelê



Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Timóteo Macêdo Barbosa

Figura 3 – Ruínas de uma das casas mais velhas do antigo povoado de Zabelê



Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Timóteo Macêdo Barbosa

Figura 4 – Ruínas de uma das casa mais velhas do antigo povoado de Zabelê



Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Timóteo Macêdo Barbosa

REFERÊNCIAS

BRITO, Ariel da Mata**. Implantação do Parque Nacional Serra da Capivara e a Criação Forçada de uma Nova Identidade, o Novo Zabelê**. Monografia. São Raimundo Nonato. 2011.

PARENTE, Iva de Miranda. **Desapropriação e Memória do Povoado Zabelê (São Raimundo Nonato – PI - 1989-2009).** Monografia. São Raimundo Nonato. 2009.

ARAÚJO, Helena Macêdo de Sousa. **Parque Nacional Serra da Capivara: uma visão histórica**.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. **O Povo do Zabelê e o Parque Nacional Serra da Capivara no Piauí: tensões, desafios e riscos da gestão pincipiológica da complexidade constitucional**. Dissertação de Mestrado, Brasília, 2009.

CARVALHO, João Renôr F. de. **Resistência Indígena no Brasil Colonial (1718-1774).** 2. ed. Terezina: EDUFPI, 2008.

MATOS, Tereza Cristina Coelho, FERREIRA, Maria D'alva M. **Imperativos Político-normativos da Política Ambiental e da Reforma Agrária: impactos na Comunidade Zabelê**. Teresina, 2012.

AÇUDE DAS NAÇÕES EM SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Lucas Ribeiro dos Santos Assis
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET. E-mail: lucasrsa3@gmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF).
E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

No ano de 1910, a Inspetoria de Obras Contra as Secas atuou na então Vila de São Raimundo Nonato no estado do Piauí, construindo o Açude das Nações no leito do Rio Piauí. Essa construção conhecida regionalmente como Tanque foi de grande utilidade às famílias da vila, e das regiões próximas que sofriam os efeitos das grandes secas do sertão piauiense. Muitas espécies de peixes como a piranha, o mandi e a curumatã, além de répteis, anfíbios, pássaros e mamíferos encontraram ambiente favorável à sua sobrevivência e reprodução no tanque e no seu entorno. Durante quase todo o ano de 2013, após três anos de seca, suas águas evaporaram, expondo o leito antigo do riacho e suas margens próximas. Aproveitou-se o evento para realizar uma prospecção que resultou no encontro de diversos artefatos líticos pré-coloniais como pilões em rocha e lascas em sílex, bem como outros artefatos coloniais e pós-coloniais como forquilhas e artifícios. A partir de pesquisas em fontes primárias e secundárias relacionadas à história da fazenda Jenipapo que deu origem ao distrito, à freguesia, à vila e à cidade de São Raimundo Nonato encontraram-se relatos da presença de indígenas pimenteiras alguns dos quais foram capturados, outros expulsos e mortos alguns. Diz-se que o capitão de mato José Dias Soares foi o responsável pela missão de extermínio indígena na região. Os dados sugerem, porém, que muitos índios sobreviveram física e culturalmente pela estratégia de negação de sua etnicidade. Fizeram-se escravos para se dedicar às lides da vaqueirama e da agricultura de subsistência nas fazendas de gado implantadas na região sudeste do Piauí desde a segunda metade do século XVII.

Palavras-chaves: São Raimundo Nonato – PI. Açude das Nações. Índio pimenteira. Etnicidade.

Porque os pimenteiras não podem ser esquecidos.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1910, a Inspetoria de Obras Contra as Secas atuou na então Vila de São Raimundo Nonato no estado do Piauí, construindo o Açude das Nações no leito do Rio Piauí. Essa construção é conhecida regionalmente como Tanque.
O Açude das Nações localiza-se no atual bairro Aldeia, na então cidade polo de São Raimundo Nonato - PI, antiga fazenda Jenipapo que se tornou, sucessivamente, distrito, freguesia, vila e município.

2 PESQUISA CARTORIAL

Por meio de escrituras obtidas em cartório, foi possível ter uma autêntica descrição dos acontecimentos de venda, compra e quitação dos terrenos pertencentes ao atual território do tanque, até em tão Fazenda Jenipapo,
A vendedora e “inspectiva” de obras contra as secas no então município foi Dersa Quitéria Piauhylino de Macêdo Sousa, esta por intermédio do Engenheiro chefe Doutor Júlio de Melo Rezende.
A escritura da compra, venda e quitação do terreno da fazenda Jenipapo para a construção do açude encontra-se, no livro de notas do ano de 1912 a 1913, quando se iniciou a construção da barragem. Este se encontra no cartório da cidade de São Raimundo Nonato (Fig. 1 a 6).

Figura 1 – Açude das Nações completamente seco, no ano de 2013



Foto: Lucas Ribeiro dos Santos Assis (2013)

Figura 2 – Restos de um quelônio no Açude das Nações



Foto: Lucas Ribeiro dos Santos Assis (2013)

Figura 3 – Abertura do livro de notas onde se encontra o registro de venda do terreno do Açude

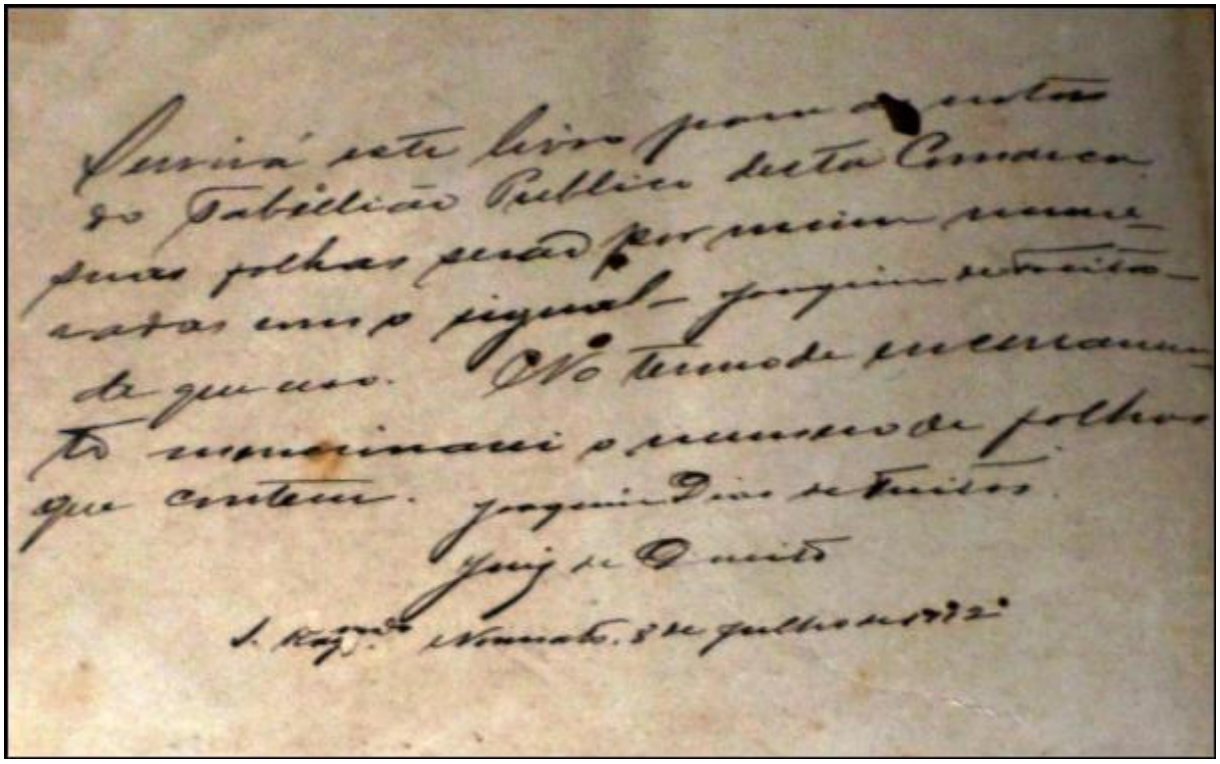
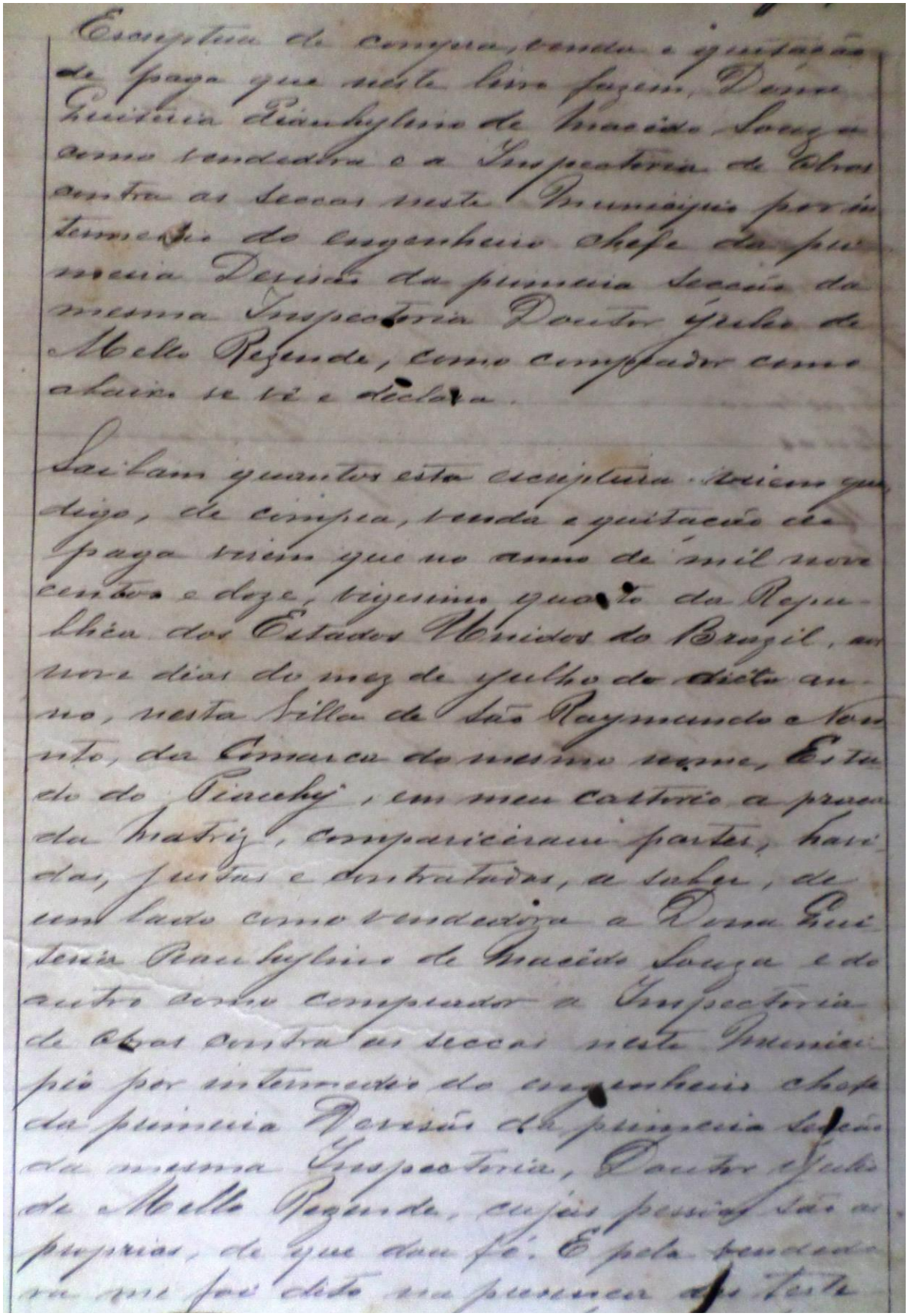


Foto: Lucas Ribeiro dos Santos Assis (2014)

Figura 4 – Escritura de compra, venda e quitação do terreno do Açude das Nações



Escriptura de compra, venda e quitação de paga que entre si fazem, Dona Thereza Cavalcanti de Macedo Souza e outro vendedora e a Inspectoria de Obras contra as Secas neste Municipio por intermedio do engenheiro chefe da primeira Divisão da primeira Secção da mesma Inspectoria Doutor Julio de Mello Rezende, como comprador como abaixo se vê e declara.

Saibam quantos esta escriptura virem que diz, de compra, venda e quitação de paga virem que no anno de mil novecentos e doze, trigesimo quarto da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos nove dias do mez de julho do dicto anno, nesta Villa de São Raymundo e Convento, da Comarca do mesmo nome, Estado do Piauhy, em meu cartorio a prova da lei, compareceram partes, havidas, juntas e contratadas, a saber, de um lado como vendedora a Dona Thereza Cavalcanti de Macedo Souza e do outro como comprador a Inspectoria de Obras contra as Secas neste Municipio por intermedio do engenheiro chefe da primeira Divisão da primeira Secção da mesma Inspectoria, Doutor Julio de Mello Rezende, cujas pessoas são as proprias, de que dou fé. E pela vendedora em mi foi dito na presença de

Foto: Lucas Ribeiro dos Santos Assis (2014)

Figura 5 – Escritura de compra e venda do terreno do Açude das Nações

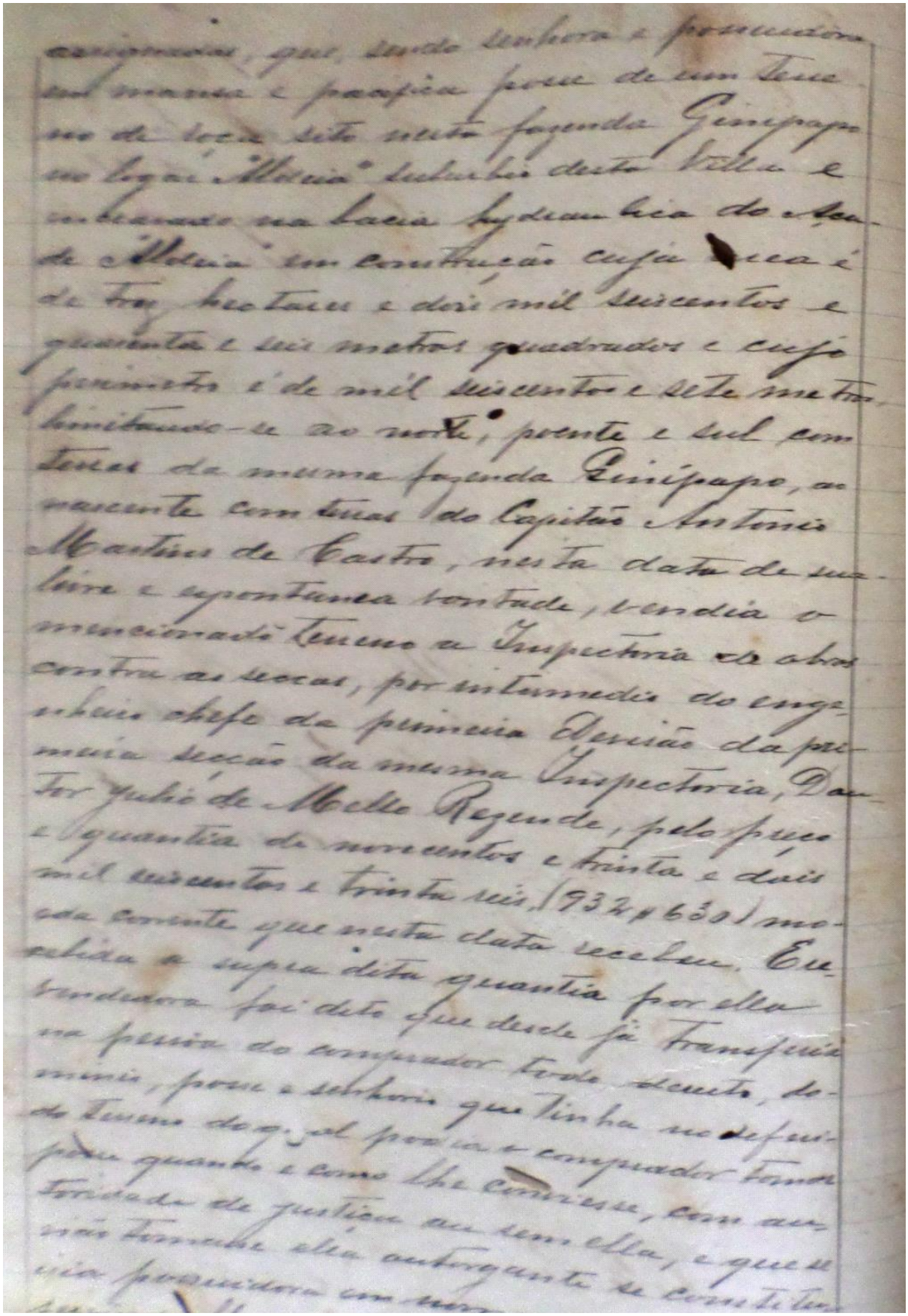


Foto: Lucas Ribeiro dos Santos Assis (2014)

Figura 6 - Escritura de compra e venda do terreno do Açude das Nações

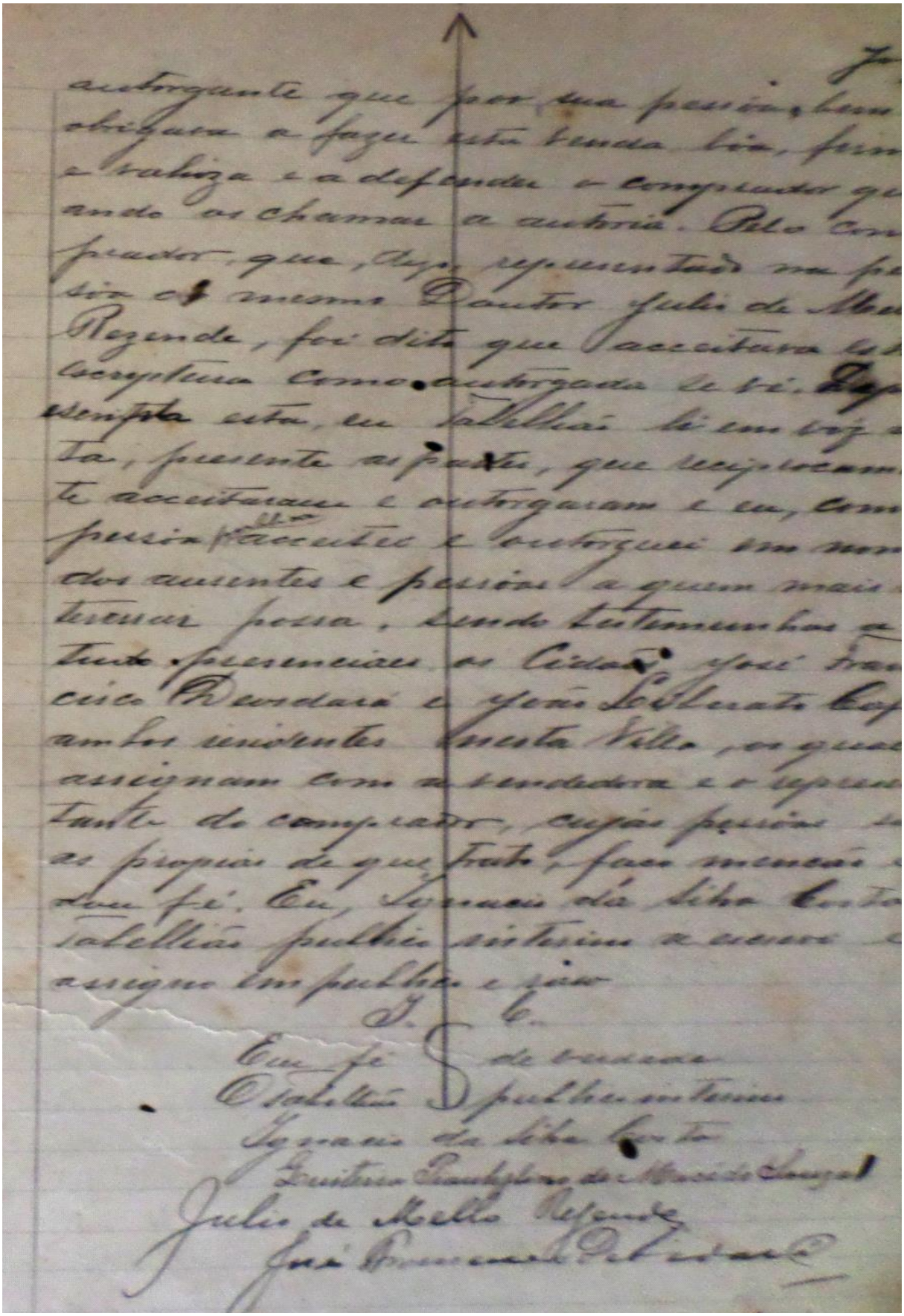


Foto: Lucas Ribeiro dos Santos Assis (2014)

HISTÓRIA, MEMORIA E CONSERVAÇAO DO PATRIMONIO NATURAL NA FAZENDA ITAÚ EM REMANSO - BA

Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy
Ana Caroline Teixeira Maciel
Augusto Cesar de Souza Pereira
Erivaldo Araújo Costa
Rafael Gonçalves
Celito Kestering

Discente do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: vanis2maah@gmail.com
Discente do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail:anacarolineteixeiramaciel1@gmail.com
Discente do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail:
Discente do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: erivaldojunior65@hotmail.com
Discente do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail:
Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF).
E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

O trabalho de visita pedagógica de estudantes do Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), na fazenda Itaú, junto à divisa do município de Remanso – BA com a região Sudeste do Piauí, teve como resultado a assimilação de conhecimentos sobre a relação de uma família com o patrimônio natural. Essa propriedade familiar vem sendo conservada pela família Modesto Coelho porque faz parte de sua história e possui recursos que fomentam práticas de convivência com o Semiárido. Neste trabalho enfatiza-se o zelo da família Modesto Coelho pela sua história e pela preservação de conhecimentos populares de harmonia com a paisagem. Fez-se o registro fotográfico do que se observou e anotaram-se os relatos orais para preservar a memória da relação familiar com o patrimônio natural e cultural que modelaram e modelam a superfície da sua propriedade. Uma das tendências de investigação na área do patrimônio geomorfológico é analisar as relações entre as atividades humanas e o contexto geomorfológico onde os humanos se inserem. Considera-se a perspectiva arqueológica que aborda as atividades humanas como expressões culturais relacionadas com a paisagem. Nessa relação, consideram-se os humanos como partes integrantes do meio natural. A pesquisa conclui-se, em parte. Constata-se a existência de um patrimônio natural que demanda a necessidade de ser conhecido e reconhecido pela importância da atividade de conservação promovida por uma família comprometida com a harmonia social e ambiental.

Palavras chave: Patrimônio natural. Modelagem. Interação. Homem-ambiente.

1 INTRODUÇÃO

As atividades de reconhecimento do patrimônio natural ocorreram em um percurso na fazenda Itaú, conduzido, no dia 17 de julho de 2014, por Alcides Modesto Coelho e seus familiares que nos acompanharam pela vegetação típica do semiárido e feições preservadas ha quase um século. O local caracteriza-se pela beleza natural como é o caso das formações geológicas, algumas ainda bem conservadas no decorrer do tempo e outras em fase de deterioração promovida pelo intemperismo.
Alcides e alguns dos seus irmãos deram começo ao pensamento de conservar a fazenda Itaú.

2 A FAZENDA ITAÚ

A fazenda Itaú localiza-se no estado da Bahia próximo à divisa com a fazenda Queimada Nova que se situa no atual município de Dirceu Arco Verde, no Sudeste do Piauí. A fazenda dista 50 km do Lago de Sobradinho, na extensão que banha o município de Remanso - BA. Alguns membros da família Modesto retornaram à localidade nos anos de 1990. A partir de então eles vêm aplicando várias técnicas de conservação do patrimônio natural como um meio de convivência com o semiárido. Servem-se da natureza com o prisma da sustentabilidade. Conservam e edificam estruturas de arquitetura vernácula como é o caso de uma barragem de terra posteriormente reforçada com concreto, caixilhos e caldeirões naturais em lajedos (Fig. 1).

Figura 1 – Localização da Fazenda Itaú



Fonte: Google Earth (2014), modificado pelos autores

3 OBJETIVOS

A preservação do patrimônio natural da fazenda Itaú evidencia-se nas práticas aplicadas no ambiente, na paisagem, nos trabalhos de arquitetura vernácula e nas geoformas. Em tudo

se insere a memória dessa família que se preserva na conservação da natureza e das técnicas de convivência com o semiárido.
Uma das tendências de investigação na área do patrimônio geomorfológico é observar as relações das atividades humanas com o contexto geomorfológico. Na perspectiva arqueológica consideram-se as atividades humanas como expressões culturais relacionadas com a paisagem sendo o homem parte do meio natural.

4 MÉTODO DE PESQUISA

A equipe realizou: levantamentos fotográficos; coleta de relatos orais de moradores; análise de paisagem através de observação e pesquisa bibliográfica.

5 O QUE É PATRIMÔNIO NATURAL?

O patrimônio pode ser cultural ou natural. Consideram-se os dois patrimônios com igual importância. Da mesma forma que se avalia um edifício histórico como um bem cultural a preservar (monumento), também os elementos e processos naturais podem ser considerados como bens a se valorizar e preservar. O patrimônio cultural tem natureza humana, podendo designar-se de construído. São os bens que pelo seu interesse relevante para a permanência e identidade de uma cultura, devem ser objeto de regime próprio de proteção (FERNANDES, 2004).
O ambiente natural constitui a base de todas as formas de vida e dos humanos em particular. Pela sua complexidade, dinâmica e sensibilidade, o ambiente natural e a sua história representam um patrimônio para as sociedades humanas (MARTINI, 1994; GRANDGIRARD, 1997a). Este contém dois componentes fundamentais: o biótico e o abiótico. O patrimônio biótico é constituído pelos seres vivos que, pelas suas características únicas, de ameaça de extinção ou de equilíbrio dos ecossistemas necessitam de uma valorização e proteção. O patrimônio abiótico é a parte da natureza cujas características são fundamentais para a preservação da biodiversidade. Neste inclui-se o patrimônio geológico.

6 LEI DO PATRIMÔNIO NATURAL

Duas razões justificam ações de preservação do patrimônio natural. A primeira, de cunho ético, fundamenta-se no respeito e na solidariedade que os humanos devem a todos os seres que os rodeiam, sobretudo às diferentes formas de vida com as quais compartilham o espaço e o tempo. A segunda, de cunho pragmático, origina-se no interesse e na dependência dos humanos pelos recursos da natureza sem os quais não podem subsistir. A preservação dos recursos naturais assegura aos humanos a sustentável fruição desses bens.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de ouvir as explicações de Alcides Modesto sobre as técnicas de convivência com o semiárido foi relevante porque se viram práticas conservadas durante séculos ou milênios. É provável que algumas delas tenham sido repassadas pelos índios tapuias aos portugueses quando chegaram à região para implantarem as primeiras fazendas de gado. É provável, também, que Alcides Modesto, avô de Alcides Modesto Coelho tenha aprendido e aplicado na fazenda Itaú, algumas dessas técnicas repassadas de geração em geração durante séculos (Fig. 2 a 11).
Reiteradas vezes ouvimos de Alcides Modesto Coelho, como um marcador de memória: **“Faço hoje o que observei meu avô fazendo. É um trabalho de formiguinha, eu sei. Mas me sinto realizado em contribuir com a mãe natureza”.**

Figura 2 - Alcides coordenando o trajeto junto aos estudantes



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 3 - Caixilho construído para a retenção de água da chuva



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 4 - Cruzeiro sobre estrutura rochosa



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 5 - Vista da fazenda a partir do cruzeiro



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 6 - Passagem entre estruturas rochosas contendo imagem religiosa



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 7 - Caldeirão natural apresentado por Celito Kestering



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 8 - Geoforma dentro dos limites da Fazenda



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 9 - Formação rochosa entre as trilhas



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 10 - Alcides ao explicar a construção da Barragem



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 11 - Exposição do método de construção da barragem



Foto: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

REFERÊNCIAS

DELPHIM. C. **O Patrimônio Natural do Brasil**. IPHAN, Brasília, 2004.

GRANDGIRARD V. **Géomorphologie, protection de la nature et gestion du paysage**. 1997b.

GRAY M. *Geodiversity.* **Valuing and conserving abiotic nature**. *Wiley*, p. 412. 2004.

PEMBERTON M. **Conserving Geodiversity, the Importance of Valuing our Geological Heritage. Geological Society of Australia National Conference**, p. 7. 2001.

PEREIRA P; PEREIRA D; ALVES M. **Patrimônio geomorfológico: Da actualidade internacional do tema ao caso português**. Centro de Ciências da Terra, Universidade do Minho, 2005.

O FOLCLORE E AS FESTAS POPULARES DE REMANSO - BA

Ítalo Barbosa de Souza (Fig. 1)
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: iteras@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF).
E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo divulgar a riqueza cultural de Remanso - BA. Desde os tempos da velha cidade até hoje se preservam rituais relacionados com a levada do santo, as músicas típicas, o artesanato e o folclore que vai dos apelidos incomuns às festas e canções populares. O mesmo acontece com relação às rodas de São Gonçalo, ao rei-de-boi, aos reisados, aos cerrados e às quadrilhas juninas. Até hoje se realizam essas festas com datas específicas para cada uma delas. Muitos seresteiros que cantavam e encantavam as mulheres da vela cidade morreram. Preserva-se, porém, a banda Real Som, primeiro grupo musical de Remanso - BA. De uns tempos para cá, inventaram-se os carnavais fora de época. Essas festas atraem turistas que aquecem o comércio hoteleiro e gastronômico local. Em Remanso velho, quando os viajantes chegavam com seus vapores prenhes de gente de outras cidades, as rendeiras e as farinheiras afluíam ao cais onde vendiam seus produtos aos visitantes e turistas. Todas essas histórias fazem lembrar como eram as festividades e o comércio na velha cidade de Remanso e permitem estabelecer vínculos comparativos com os folguedos e a base econômica da cidade atual.

Palavras-chaves: Remanso – BA. Folclore. Festa popular.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Ítalo Barbosa de Souza



Foto: Celito Kestering (2014)

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo divulgar a riqueza cultural de Remanso - BA. Desde os tempos da velha cidade até hoje se preservam rituais relacionados com a levada do santo, as músicas típicas, o artesanato e o folclore que vai dos apelidos incomuns às festas e canções populares (Fig. 2).

Figura 2 – O Museu do Sertão é um dos lugares onde se preserva a memória de Remanso



Foto: Ítalo Barbosa de Souza (2014)

As “rodas de São Gonçalo” são feitas em ação de graças por bom inverno. Elas têm sua origem em Portugal. O organizador e guia de São Gonçalo em Remanso era o Sr. Tolentino Ribeiro Viana, vulgo Pombo da Veneza, que hoje não se encontra mais em vida (Fig. 3).
O “rei-de-boi” representa atividades, lendas e crenças dos fundadores dos currais no vale do São Francisco.
O “reisado” também chamado “terno” era apresentado em janeiro, na festa de Reis.
As “levadas de santo” eram feitas em agradecimento pela chuva.
As “cerrações” eram feitas na noite de sexta-feira santa, em frente das casas de pessoas amancebadas.
Entre todas essas culturas e tradições as rendas feitas por Sinhá também foram cobertas pelas águas do Lago de Sobradinho. Sinhá era uma senhora que, com suas mãos de fada, tecia as mais lindas rendas (Fig. 4). Estas eram vendidas, especialmente, nos vapores que por lá passavam. Infelizmente, desapareceu este lindo artesanato que ajudava as mulheres pobres na manutenção de suas famílias.
Não se pode esquecer dos seresteiros da época da velha cidade. Tozim, Hermes e Zé Boneta foram boêmios que, com seus violões, despertavam o amor e a saudade das donzelas sertanejas, nas serenatas das noites enluaradas (Fig. 5).
No Remanso Velho havia o “Cordão das primas”. No carnaval, todas as mulheres de vida fácil entravam nesse cordão, tipo os blocos atuais de carnaval, e saiam andando pelas ruas até chegarem ao cabaré.
Hoje, na nova cidade de Remanso faz-se a Remafolia. Essa festa é uma das micaretas de tradição na região. Ela acontece, todos os anos, no mês de abril ou maio. São três dias de folia com blocos e a tradicional pipoca na praça principal da cidade.
Na Nova Remanso existe, também, a festa de devoção a Iemanjá. Com ela concorre a festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade, no dia 21 a 30 de outubro. A ela antecedem as novenas em que toda a cidade vai à igreja matriz.

Figura 3 – Roda de São Gonçalo



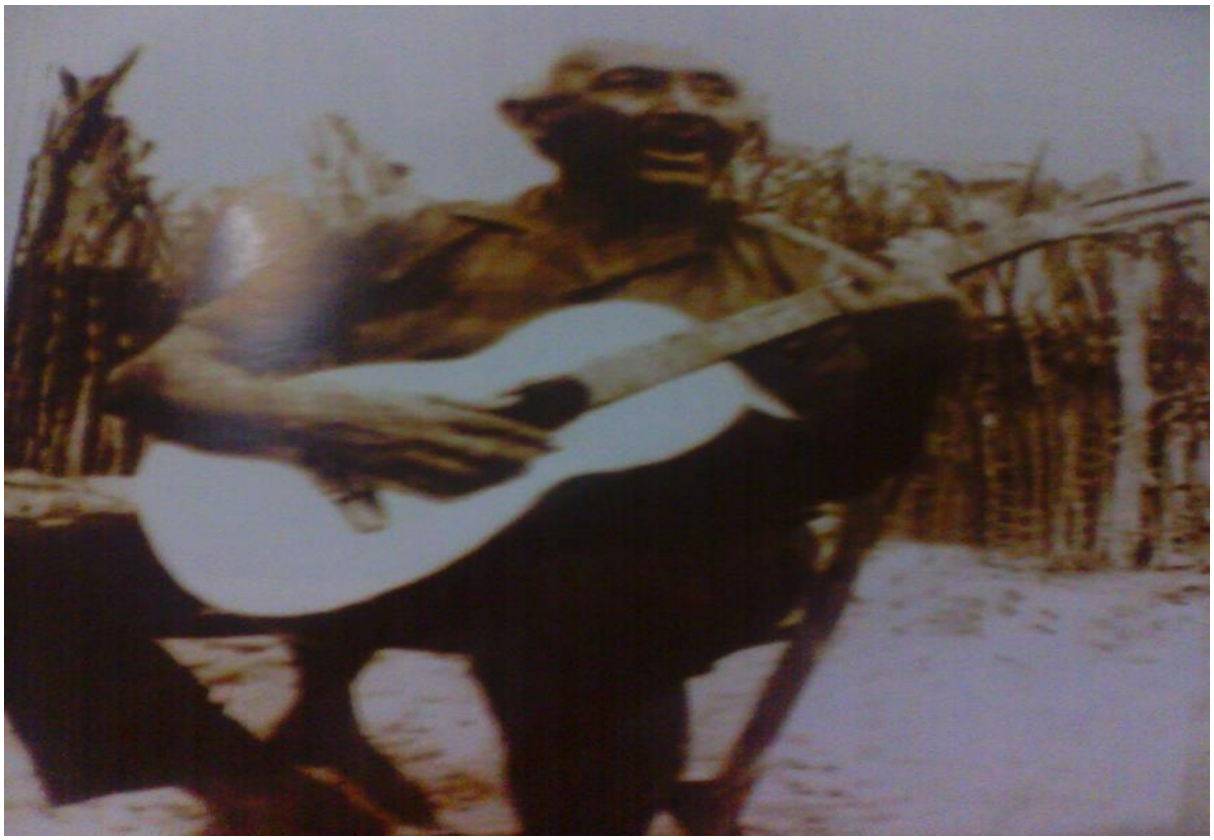
Foto: Acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho

Figura 4 – Renda tecida por Sinhá



Foto: Acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho

Figura 5 – Seresteiro Zé Boneta



Fonte: Acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho

SÃO RAIMUNDO NONATO ALÉM DOS CEM ANOS: UM LEVANTAMENTO ETNO-HISTÓRICO

Mariana Zanchetta Otaviano
Celito Kestering

Graduanda em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista PET Arqueologia. E-mail: mzo_ufop@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF). E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

A cidade de São Raimundo Nonato, localizada no Sudeste do Estado do Piauí, possui em sua área o Parque Nacional Serra da Capivara, grande testemunho da ocupação humana tardia nas Américas. É, por isso, muito visitada por estudiosos e curiosos em busca de vestígios materiais cuja autoria é difícil de identificar por ser muito recuada no tempo. Essa dificuldade não impede, porém, a partir de dados etno-históricos, identificar os povos nativos quando o Piauí foi colonizado pelos europeus. É com esse objetivo que se está fazendo um levantamento etno-histórico com base na leitura de obras que versam sobre os povos nativos da região Sudeste do Piauí. Os dados obtidos evidenciam que no Piauí havia três troncos linguísticos: Macro-Jê, Tupi e Caraíba. Há, porém, uma grande divergência quanto a nomeação de grupos. Os Acoroás são denominados como: Akroás, Corerás, Coroás, Coroados, Acaroás, Acaroases e Acrás. Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundar os dados apresentados de maneira não conectada entre diversos pesquisadores dos povos nativos do Piauí. Com a pesquisa que ainda se encontra em curso, conseguiu-se levantar dados relevantes para a compreensão dos grupos que habitavam esse território e do processo de colonização do Estado do Piauí. O próximo passo da pesquisa destina-se a um cruzamento desses dados a fim de conferir quais as permanências ou continuidades físicas e culturais.

Palavras-chaves: São Raimundo Nonato. Piauí. Etnohistória. Nativo.

1 INTRODUÇÃO

Quando o português chegou debaixo de uma bruta chuva vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol o índio teria despido o português.

Erro de português. Oswald de Andrade

2 QUE É ETNO-HISTÓRIA?

Etno-história é como uma metodologia que se utiliza principalmente de evidências documentais e tradições orais para estudar as transformações nas culturas das sociedades sem escrita da América, sobretudo para o período posterior ao processo de conquista europeia da América.

Trigger

Etnohistória prescinde das fontes documentais produzidas e legadas pelos viajantes naturalistas estrangeiros, bem como dos resultados de investigação etnográficas que possam oferecer subsídios para o entendimento dos vestígios de culturas extintas.

Loures Oliveira

Nesta pesquisa, a etno-história foi tomada como uma fonte de informações acerca dos povos nativos que ocupavam o território do atual Estado do Piauí.
Este levantamento teve como principal objetivo compilar dados para melhor compreender quem eram as pessoas que estavam nessa área quando dos movimentos de colonização portuguesa.

3 POVOS NATIVOS

A história dos povos nativos do Brasil muitas vezes é negada pela historiografia oficial.
Encontraram-se dificuldades para fazer este levantamento porque são poucas as obras que versam sobre essa questão. Além de a herança cultural indígena ser, por vezes, negada, observa-se que em especial, no Estado do Piauí, pouco se escreveu sobre seus povos nativos.

4 AUTORES

BAPTISTA, João Gabriel; CARVALHO, João Renôr; CASTELO BRANCO, Moysés; CHAVES, Joaquim; DIAS, Claudete Maria; DIAS, William Palha; MARTIUS, Carl Friedrich; MIRANDA, Reginaldo; MEDEIROS, Guilherme; MOTT, Luiz; NUNES, Odilon; OLIVEIRA, Cláudia; OLIVEIRA, Ana Stela Negreiros; SANTOS, Patrícia de Sousa; SPIX, Johann Baptist; SURYA, Leandro.

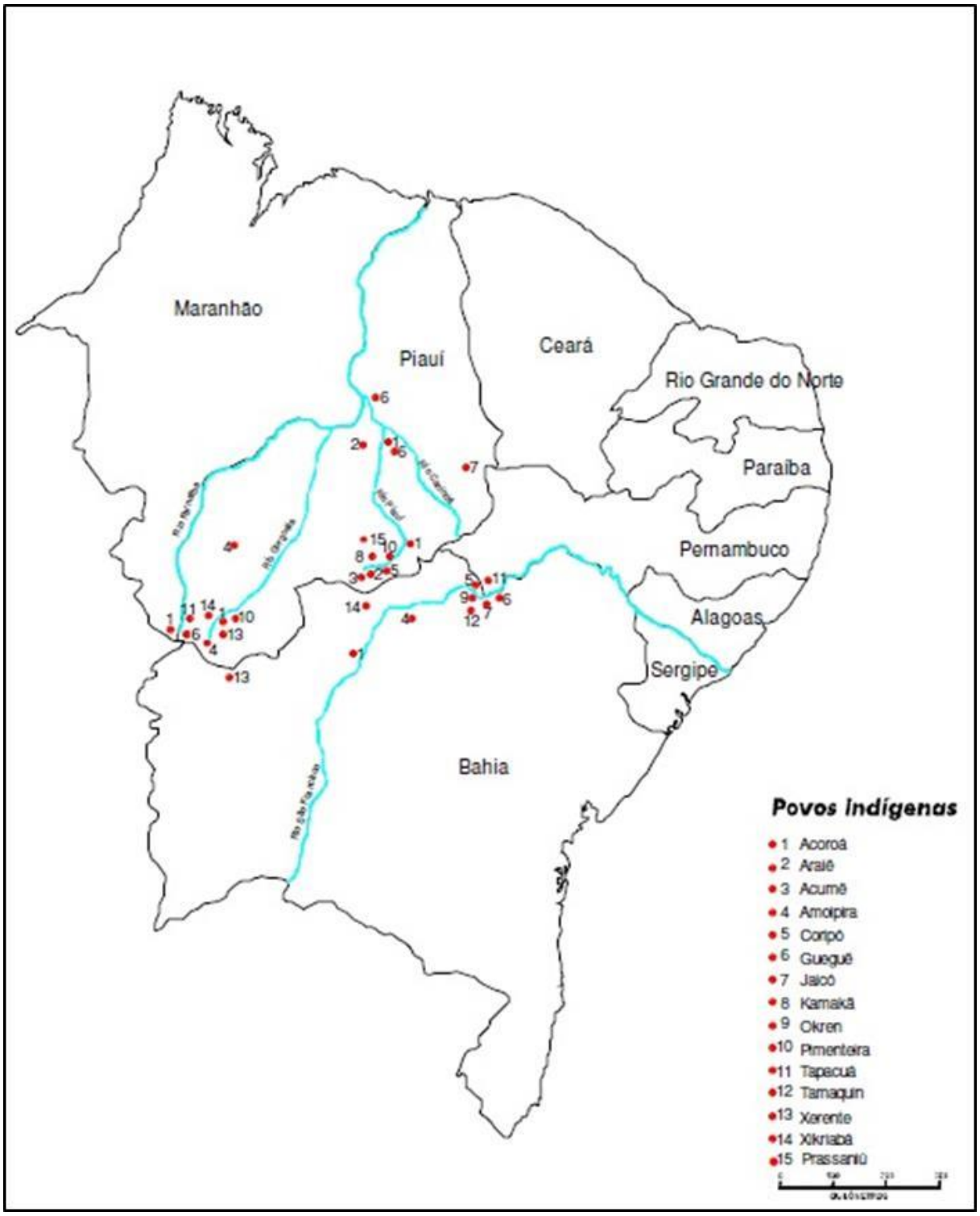
5 TUPÍ X TAPUIA

Tupi = faz referência a definições étnicas, linguísticas e culturais.
Tapuia = não faz referência a quaisquer categorias classificatórias, mas somente a um contraste estabelecido pelos povos de língua Tupi em relação aos seus vizinhos e inimigos.

6 POVOS INDÍGENAS DO SUDESTE DO PIAUÍ

Acoroá, Araiê, Acumê, Amoipira, Coripó, Gueguê, Jaicó, Kamakã, Pimenteira, Tapacuá, Xerente, Xikriabá e Prassaniú. Dentre esses povos, os mais citados nas fontes pesquisadas são: **Acoroá, Gueguê, Jaicó e Pimenteira** (Fig. 1).

Figura 8 - Mapa IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)



Fonte: Ana Stela de Negreiros Oliveira.

7 DESTAQUE

Dentro da bibliografia pesquisada, destacam-se os seguintes aspectos frequentemente encontrados: etnia, tronco linguístico, populações, nações, grupos e povos.

Etnia: Nos primeiros tempos da colonização, os nativos povoavam todo o Piauí. Havia quatro etnias: Jê, Caraíba, Cariri e Tupi (DIAS, 2005).

Tronco linguístico: Três troncos linguísticos parecem compor os diversos grupos na área do Piauí: o Tupi, o Macro-Jê e, possivelmente, da família Karibe, o Caraíba ou karib. (SURYA, 2006).
Populações / povos, nações e grupos: As populações nativas que habitavam o Piauí nessa época (final do século XVIII e começo do XIX), faziam parte do grupo dos Tapuias e também Tupis. Supõe-se que pertenciam ao tradicional grupo JÊ. Havia no Piauí numerosas tribos e nações como os Tremembés, Jenipapos, Anapurus, Cupinharós, Amanajás, Precatis, Aramis, Alongás, Aroás, Amoipiras, Gueguês, Jaicós, Pimenteiras, Gilbués, Tapecuás e Timbiras (DIAS, 2005).

8 JAICÓS

São também encontradas as grafias: **Jeicó, Jaikó e Geicó**.
"Os geicós foram aldeados na freguesia de Nossa Senhora das Mercês, a oeste de Oeiras" (SPIX e MARTIUS, 1981).
A documentação do Arquivo Público do Piauí faz referência a alguns Jaicós, em 1771, voltando ao aldeamento no Piauí, depois de ficarem durante algum tempo espalhados pelo São Francisco. Em 1774, o governador da Capitania do Piauí, Lourenço Gonçalo Botelho de Castro, em carta para o governador do Grão-Pará e Maranhão, refere-se aos Jaicó da seguinte maneira: "vão continuando sem remédio no seu antigo viver vadiando e furtando" (OLIVEIRA, 2007).

9 GUEGUÊS

São também encontradas as grafias: **Goguês, Gogues, Guasguaes, Gueguez, Guenges, Goegoe, Gogués, GuêGuê e Guoguê.**
"(...) os Gueguês eram índios tapuias, na antiga classificação linguística dos jesuítas e primeiros viajantes, ao qual pertenciam todos os índios não tupis. Inclusive as duas tribos (Acoroás e Gueguês) pouco divergiam quanto à língua que seria caraíba. Foram conhecidos no Piauí desde 1678." (MIRANDA, 2012).

10 ACOROÁS

São também encontradas as grafias: **Acaroás, Acroá, Akroá, Acaroázes, Acuruás, Acrás, Corerás, Coroás e Coroados.**
Os Acoroá viveram também na região Centro-Sul do Piauí e foram aldeados em 1772 em São Gonçalo do Amarante, nas cabeceiras do rio Mulato, próximo ao município de Oeiras. Por duas vezes, em 1773, vários índios fugiram de São Gonçalo do Amarante. Em janeiro de 1773, ocorreu uma grande fuga dos Acoroá do aldeamento; e, em abril, uma nova leva de índios deixa o São Gonçalo do Amarante acompanhando o cacique Bruenque. A repressão à fuga foi de extrema violência, gerando um grande massacre (OLIVEIRA, 2007).

11 PIMENTEIRAS

Essa etnia seria uma junção dos Prassaniú e Coripó.
"Somente depois de algum tempo, o grupo passou a ser denominado de *Pimenteiras*, nome do local onde se encontravam na segunda metade do século XVIII. Foi-lhes atribuído, então, o nome do local onde se encontravam e permaneceram por mais tempo." "As características culturais dos Pimenteiras apontam para um processo de alteração de seus costumes, que pode ser atribuído tanto à influencia da cristianização como à de grupos culturais diferentes. Pode ter ocorrido um processo de formação de um novo grupo, com a reinvenção e reelaboração das tradições desses grupos." (OLIVEIRA, 2007). "Dos mais robustos e ágeis índios que até agora nos haviam aparecido, e tinham nos traços da fisionomia, assim como na linguagem muito rica em sons palatinos, uma certa franqueza e energia, que debalde procuramos nos índios aldeados em São Gonçalo do Amarante" (SPIX e MARTIUS, 1981).

CULTURA IMATERIAL AGREGADA AO CARREIRO DOS MENINOS

Alan Alves Ribeiro
Sarah Tayran Guerra de Araújo

Graduando em Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: allanalves763@gmail.com

Graduanda em Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: sarahtayran@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa que se está realizando no município de São Raimundo Nonato – PI, especificamente na localidade de Baixão do Floriano, a fim de fazer uma ligação entre a memória, e os relatos orais sobre o carreiro dos meninos. Utilizam-se registros orais na tentativa de resgatar a memória, a história e o simbolismo agregado a esse carreiro. Entrevistam-se moradores mais velhos da localidade e levantam-se dados através dos depoimentos que permitam recontar a história que cerca esse local. Este trabalho contribuirá para destacar a localidade e o significado do carreiro dos meninos na memória da sociedade de São Raimundo Nonato – PI, já que o mesmo não tem destaque para a população atual, o que demonstra ainda um claro distanciamento por parte das novas gerações. Enfatiza-se que as pessoas só valorizam, respeitam e se apropriam daquilo que elas conhecem e desenvolvem uma relação de pertencimento. É o que a arqueologia colaborativa chama de *"conhecer, entender para pertencer".* Utiliza-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e a pesquisa direta (*in locu*). A pesquisa bibliográfica supre questionamentos básicos sobre o assunto. Pela pesquisa direta aferem-se as problemáticas do objeto de estudo e se fazem registros fotográficos e entrevistas como forma de documentar e caracterizar esses relatos. Com o decorrer da pesquisa pretende-se estendê-lo à comunidade para a obtenção de referências que mostrem o quanto essa modalidade de cultura é relevante para construção e divulgação do patrimônio cultural regional.

Palavras-chaves: Memória. São Raimundo Nonato – PI. Patrimônio edificado. Preservação.

1 APRESENTAÇÃO

O projeto PET- Arqueologia foi implantado na UNIVASF com o proposito de fortalecer a memória regional. É por esse motivo que escolhemos este evento para apresentar nossa pesquisa que tem como objetivo o fortalecimento da memória.

2 HISTÓRIA DO CARREIRO DOS MENINOS

A criança sepultada no Carreiro dos Meninos chamava-se Constantino. Ela faleceu perdida quando, em companhia de seu primo Gregório, na década de 1950, procurava ovelhas perdidas no mato.
Gregório que por alguma ventura sobreviveu, foi encontrado por Raimundo Negreiros e seu "compadre", também Raimundo, na Lagoa do Sapo, em um sábado de manhã (Fig. 1).

Figura 1 – Lagoa do Sapo onde se encontrou Gregório e a sepultura de Constantino



Fonte: Google Earth (2014), modificada pelos autores.

3 OBJETIVOS

Buscar a cultura imaterial relacionada ao local através de uma pesquisa direta, para atribuir simbolismo ao lugar. Pretende-se contribuir no fortalecimento do sentimento de pertença (conhecer, entender para pertencer e proteger);
Fazer uma conexão entre os relatos orais e as memórias coletivas individuais, a fim de identificar uma identidade cultural;
Tornar o local conhecido, para que o mesmo seja estudado por outros pesquisadores;
Tornar pública a degradação e falta de conservação do local;
Entender a relação direta dos moradores locais com o sítio, contribuindo para a prática de uma arqueologia colaborativa.

4 METODOLOGIA

O método utilizado para realização deste trabalho foi a pesquisa direta em campo, com o recolhimento dos relatos orais da população local, pois não tínhamos conhecimento algum do assunto, com fins de gerar informações para que assim outros pesquisadores tenham acesso ao local. Esses levantamentos *in loco* foram subsidiados pela bibliografia histórica regional e amadurecidas com o contato *in situ*.

5 JUSTIFICATIVA

Quer-se contribuir no resgate da história local e proporcionar uma ponte entre o passado antigo e recente da região.
Quer-se contribuir no desenvolvimento de afeição e pertencimento na relação com o passado, numa tentativa de fortalecer os valores culturais locais. Isso permitirá ampliar a autoestima coletiva dos sertanejos da região, para que assim possam despertar a noção de preservação do patrimônio cultural e arqueológico que lhes pertence.

6 RESULTADOS

Com o levantamento de dados, chegamos à conclusão de que a oralidade é capaz de responder vários questionamentos sobre a cultura imaterial. Ela é uma ferramenta eficaz de pesquisa para a compreensão de determinados eventos ou momentos do passado humano regional (Fig. 2 a 10).

Figura 2 – Entrada de acesso ao túmulo de Constantino



Fonte: Informação oral de Vaneide de Araújo Negreiros (2014). Foto: Acervo dos autores (2014)

Figura 3 - Vista geral do carreiro que dá acesso ao túmulo



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2014)

Figura 4 – Roupas deixadas pelos devotos em forma de ex-voto



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2014)

Figura 5 – Túmulo de Constantino



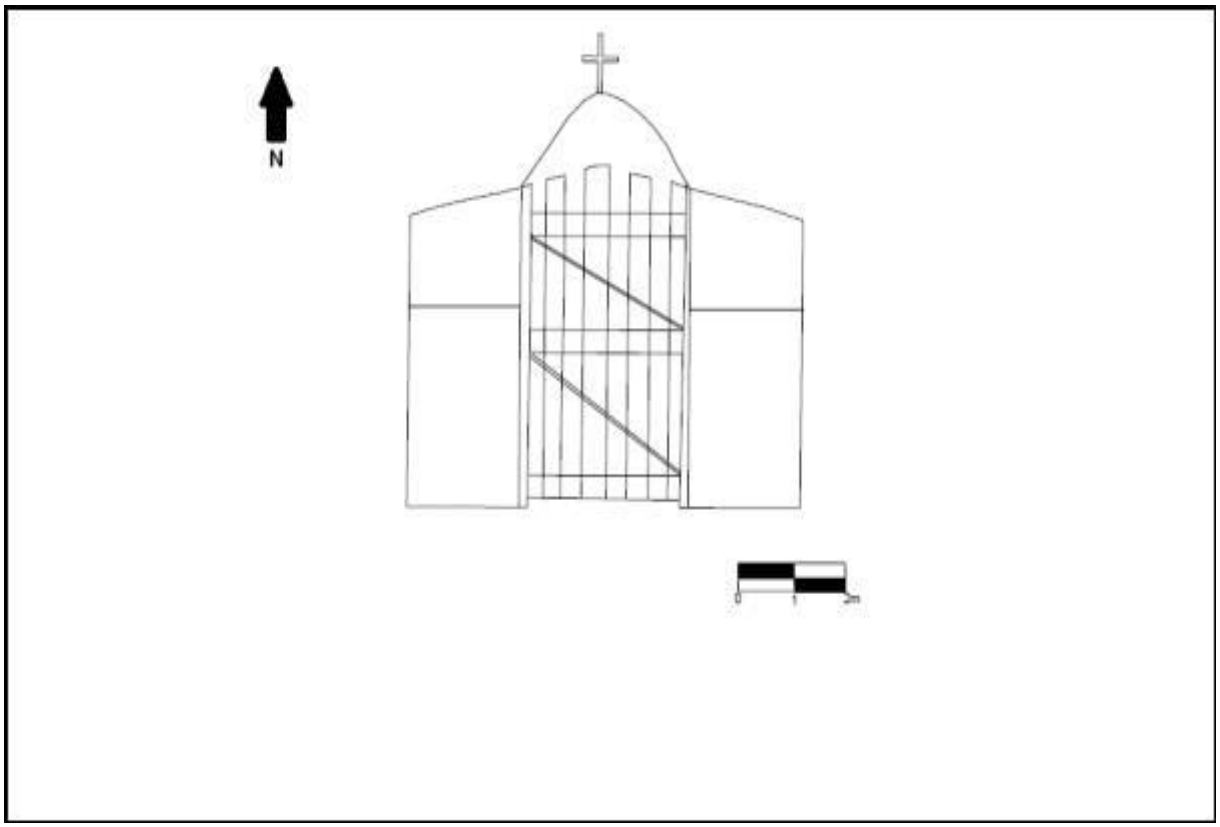
Fonte: Acervo pessoal dos autores (2014)

Figura 6 – Túmulo construído pela devota Zilda



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2014)

Figura 7 – Croqui da fachada do túmulo de Constantino



Autoria: Allan Alves Ribeiro e Sarah Tayran Guerra de Araújo (2014)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propõe-se que a cultura imaterial é facilmente reconstruída, tomando por base a cultura popular e as memórias a ela agregadas. Ela integra parte da identidade cultural do município por mais que seja desconhecida até o presente momento.
Sugere-se que outros trabalhos dessa natureza sejam iniciados na mesma região, contribuindo a para construção de um quadro histórico e arqueológico bem embasado. Dessa forma o passado, seja ele antigo ou recente, pode se fazer presente, contribuindo para o fortalecimento da identidade coletiva regional.
Os resultados preliminares levantados na pesquisa em questão é apenas um ponto de partida, frente à diversidade de material que pode ser encontrado em toda a região Sudeste do Piauí.
Avalia-se a pesquisa como promissora porque ela permitiu definir e inventariar uma parcela desse patrimônio que durante muito tempo permaneceu desconhecido no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Crisvanete de Castro. **Misticismo e Simbologia na "Cova da Tia": um olhar sobre o patrimônio imaterial da região de São Raimundo Nonato – PI**. UNIVASF, 2009.

CASTRO, Maria Laura Viveiros. **Patrimônio Imaterial no Brasil. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência, e Cultura**. 2008.

GUERRA, Nathalia Brayner. **Patrimônio Cultural Imaterial / para saber mais**. Brasília – DF: IPHAN, 2007.

FUNARI, P.P.A. **Os Desafios da Destruição e Conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Separata dos trabalhos de Antropologia e etnologia. Volume XLI. Porto, 2001.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Editora Nova Fronteira, 2006.

OOSTERBEEK, Luiz. **Arqueologia Pré-Histórica: entre a cultura material e o patrimônio intangível**. Tomar e Lisboa, 2004.

MARTINS Edson. **O Sentido da Religião: ensaio de filosofia da religião e de teologia**. Revista Eletrônica da Faculdade Cristã de Curitiba.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FONSECA, M.C.L. **O patrimônio em processo**. UFRJ/IPHAN, Rio de Janeiro, 1997.

FOLIA DE REIS EM JUREMA - PI (1950-1990): CANTOS COMO TESTEMUNHO HISTÓRICO

Eilane de Castro Cavalcante (Fig. 1)
Kalliany Moreira Menezes

Graduanda em História na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus São Raimundo Nonato. E-mail: eilanedecastrocavalcante@gmail.com

Mestre em História pela (UFC); Professora na Universidade Estadual do Piauí (UESP) - Campus São Raimundo. E-mail: kalliany_menezes@yahoo.com.br

RESUMO

O Reisado é de origem portuguesa, tendo suas primeiras manifestações nas festas denominadas janeiras, que no Brasil era celebrada até o final do século XIX, essa se configura como uma manifestação remanescente da tradição oral, que congrega performance, dança, dramatização e gestualidade para transmitir de geração em geração a herança dos antepassados. Este normalmente é celebrado nas datas natalinas até chegar ao dia de Santos Reis, seis de janeiro. Porém, estas datas de celebrações variam de região para região, pois cada lugar possui suas adaptações e adequações ao meio. Em Jurema – PI, esta folia acontecia de 1 a 6 de janeiro. Pretendemos aqui com esta pesquisa, registrar na medida do possível a existência de uma cultura repleta de magia e beleza atrelada à fé, que era praticada no município de Jurema Piauí, e que está desaparecendo por falta de continuadores. Analisamos a prática do Reisado que acontecia em Jurema - PI entre os anos de 1950-1990. Sendo que, para realizarmos a pesquisa fazemos uso da memória das pessoas que participaram das festas de Reis no município entre as décadas de 50 a 90, pois a memória pode ser vista como uma seleção do que os indivíduos guardam do passado, podendo esta ser manifestada ou não, quando são impostos a relembrar. Ao longo das pesquisas constatamos que nos anos 50, o modelo de Reisado praticado na região manteve-se com a mesma configuração desde a sua chegada, quando foi trazida pelos primeiros povoadores da cidade, e, posteriormente até os anos 90 esta cultura começa-se a obter algumas transformações em virtude do passar do tempo, sendo que esta manifestação cultural teve que adaptar-se a este fato. Outro motivo de haver estas adaptações decorre do fato de que o Reisado vem de uma longa tradição, passado de geração em geração pelas famílias e assim uns vão ensinando aos outros. Vimos que essas manifestações quando praticadas eram transmitidas oralmente pelas gerações, onde recebiam adaptações até chegar ao Reisado que existia na década de 90, logo, percebemos que as inovações faziam-se necessárias ao longo do tempo, mas apesar disso, o Reisado de Jurema não resistiu as transformações sociais.

Palavras-chaves: Reisado. Manifestação cultural. Adaptação.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Eilane de Castro Cavalcante



Foto: Celito Kestering (2014)

1 PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O interesse em realizar esta pesquisa surgiu com o intuito de registrarmos o Reisado, pois esta prática cultural está somente na memória do povo juremense. Visto que não é mais praticado na cidade.
Buscamos entender, por que o Reisado deixou de ser praticado na cidade de Jurema, Piauí.
Portanto, pretendemos aqui com esta pesquisa, registrar na medida do possível a existência de uma cultura repleta de magia e beleza atrelada à fé, que era praticada na cidade de Jurema Piauí, e que esta desaparecendo por falta de continuadores.
Assim a realização desta pesquisa será uma forma de documentar o Reisado.

2 OBJETIVOS

Geral:
Analisar o fato da prática do Reisado ter desaparecido durante as últimas décadas do século XX.
Específicos:
Descrever a prática do Reisado em Jurema – PI.
Identificar os principais motivos que contribuíram para o esquecimento desta prática cultural.
Levantar possibilidades de uma futura continuação desta cultura.

3 FONTES E INDICAÇÕES METODOLÓGICAS BÁSICAS

A presente pesquisa está se desenvolvendo através de: pesquisa bibliográfica; História Oral: entrevistas; Comparações das Letras dos cantos do Reisado e Fotografias (Fig. 1).

Figura 1 – Grupo de reisado de Senhor do Bonfim - BA



Fonte: Dissertação de Sara Carneiro

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. (LARAIA, 2009, p. 45)

Para Le Goff: “A Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2006, p.387).

5 RESULTADOS PARCIAIS

No decorrer da pesquisa, contatamos entre os anos de 1950 a 1990 diferentes cantos de Reisados em Jurema - Piauí, fator resultante das transformações sociais ocorridas ao longo do tempo.

Os primeiros cantos por volta dos anos 50, 60 e 70, era praticado da mesma forma desde sua chegada à região, trazidas pelos primeiros povoadores da cidade;

Já os cantos que permearam os anos de 1990, adquiriram suas adaptações ao longo dos anos, modificando- se dos primeiros cantos de Reis praticados na cidade.

De acordo, com o Mestre de Reisado Júlio Sousa (2014), os Reisados que ele conhecia nos anos 50, 60 e 70 eram conhecidos como Terno de Reis:

“na época em que eu fui lá pra Baixa Grande era diferente desse dagora nóis chamava de Terno de Reis, [...], o Terno de Reis a gente canta quando vai chegano na casa, eu vou cantar pra senhora vê, agente canta antes de chegar na casa”. (SOUSA, Júlio, 2014)
Neste Reisado, o canto possuía as partes como: canto de chegada, abrição de porta, despedida.
Os cantos de Reis considerados mais recentes, praticados até meados dos anos 90.
Conforme aponta o Sr. Júlio Sousa (2014), é o canto em que os brincantes de Reis tinham que chegar em silêncio para surpreender o dono da casa, tarefa difícil devido a empolgação dos participantes do grupo. Neste canto, possuía as partes como: abrição de porta e despedida.

6 ENTREVISTAS

Antônia Pereira Xavier, 70 anos, trabalhadora rural aposentada, casada, cantadeira do Reisado reside no povoado Lagoa Rasa, Jurema - PI, entrevista concedida a Eilane de Castro Cavalcante no dia 06 out. 2013.
Delvanir Rodrigues Lima, 53 anos, trabalhadora rural, casada, contramestre do Reisado, reside no povoado Lagoa da Caraíba Jurema - PI, entrevista concedida a Eilane de Castro Cavalcante no dia 06 out. 2013.
Júlio José de Sousa, 77 anos, trabalhador rural aposentado, casado, mestre de reisado Caracol – PI, entrevista concedida a Eilane de Castro Cavalcante no dia 05 ago. 2014.
Valdenora da Silva Oliveira, 52 anos, vereadora, casada, cantadeira do Reisado, reside no povoado Baixa Grande, Jurema – PI, entrevista concedida a Eilane de Castro Cavalcante no dia 13 out. 2013.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

CARNEIRO, Sarah Roberta de Oliveira. **O Reisado Senhor do Bomfim sob a ótica do espetáculo.** Salvador- BA, 2006. Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia. Disponível em < http://www.ppgcs.ufba.br/site/db/trabalhos/2732013085349.pdf>.
Acesso em 18 mar 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa: (re)significações simbólicas dos brincantes do Reisado de congo em Barbalha - CE (1960-1970)**. João Pessoa, 2011. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: http://www .cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_simone_silva.pdf.>. Acesso em 25 set. 2013.

RAMOS, Eliana Maria de Queiroz, et al. **O Reisado de Caetés e Garanhuns: um olhar folkcomunicacional pelas lentes da identidade e do imaginário**. Campina Grande – PB, 2010. Artigo publicado no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB. Disponível em:
www .intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010rumores/R23-0684-1.pdf. Acesso em 10 out. 2013.

WHITE, Leslie A. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

MEMÓRIAS DE CARNAVAL: SÃO RAIMUNDO NONATO-PIAUÍ (1970-1990)

Jeisa de Sousa França (Fig. 1)
Francisco Chagas Oliveira Atanásio

Graduanda em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: jeisasf@live.com

Mestre em História; Professor na Universidade Estadual do Piauí (UESPI. E-mail: franciscoatanasiojr@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa, em desenvolvimento, visa analisar as memórias dos Carnavais comemorados entre as décadas de 1970 a 1990, em São Raimundo Nonato - PI. Durante esse período esta manifestação cultural teria sido praticada com muito fervor e teria exercido papel de destaque na vida social e econômica da referida cidade. O interesse em escrever acerca desta temática partiu da carência de trabalhos referentes À prática do Carnaval em São Raimundo Nonato. Prática cultural esta que revelaria uma perceptível fronteira entre classes em torno da festa. Nos anos de 1970 se destacaria por ter sua comemoração realizada em clubes, com bailes a fantasias, promovidos pela elite da cidade. Ao longo dos anos de 1980, teria passado a ser praticado em espaço aberto com desfiles de escolas de samba, apontadas por ex-praticantes como escolas de samba de ricos e escolas de samba de pobres, baseados nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, ocorrendo então na Avenida Professor João Menezes. Nos anos de 1990, também na Avenida Professor João Menezes, tem sua realização por meio de trio elétrico. Para o desenvolvimento desta pesquisa a metodologia quem vem sendo utilizada é a História oral, visto que permite identificar aspectos desta manifestação cultural em São Raimundo Nonato. Além disso, a análise de fotografias referentes à época vem contribuindo com esse estudo.

Palavras-chaves: Carnaval. Memória. Sociedade.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Jeisa de Sousa França



Foto: Celito Kestering (2014)

1 OBJETIVO

Analisar as memórias dos Carnavais comemorados entre as décadas de 1970 a 1990, em São Raimundo Nonato - PI, enfatizando a relação desta manifestação cultural com a sociedade da época.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Como e onde era praticado o carnaval em São Raimundo Nonato, nas décadas de 1970 a 1990? O que representava para a sociedade da época? Qual a sua importância? Que influências exerceu para com os seus participantes?

3 JUSTIFICATIVA

A prática do carnaval, entre as décadas de 1970 a 1990, em São Raimundo Nonato – PI ocorria com muito fervor e exercido papel de destaque na vida social e econômica. O interesse em escrever acerca desta temática partiu da carência de trabalhos referentes à prática do Carnaval em São Raimundo Nonato.

4 METODOLOGIA

História oral (entrevistas) e análise de fotografias.

5 ENTREVISTA

TOMAZ, Ana Maria da Silva Castro: depoimento [12 out. 2013a]. Entrevistadora: Jeisa de Sousa França. São Raimundo Nonato, 2013a. MP3 (25 min). Entrevista concedida ao

Projeto de Pesquisa “Memórias de Carnaval: São Raimundo Nonato-Piauí (1980-1990)” do curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Jacques Le Goff: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete - nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (1990, p. 366).
Para Roberto DaMatta: “O carnaval é a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social. De realmente inverter o mundo em direção à alegria, à abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade. Pena que tudo isso só sirva para revelar o seu justo e exato oposto” (2001, p. 67)

7 RESULTADOS

A prática do carnaval nesta cidade revelaria uma perceptível fronteira entre classes em torno da festa. Nos anos de 1970 se destacaria por ter sua comemoração realizada em clubes, com bailes a fantasias, promovidos pela elite da cidade (Fig. 2).
Ao longo dos anos de 1980, teria passado a ser praticado em espaço aberto com desfiles de escolas de samba, apontadas por praticantes como escolas de samba de ricos e escolas de samba de pobres, baseados nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, ocorrendo então na Avenida Professor João Menezes (Fig. 3).
Nos anos de 1990, também na Avenida Professor João Menezes, tem sua realização por meio de trio elétrico passando então a reunir em um mesmo bloco indivíduos de varias classes sociais.

Figura 2 – Memórias do carnaval realizado em clubes de São Raimundo Nonato - PI



Fonte: Arquivo particular de Ana Maria da Silva Castro Tomaz

Figura 3 – Memórias do carnaval em espaço aberto de São Raimundo Nonato - PI



Fonte: Arquivo particular de Ana Maria da Silva Castro Tomaz

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil** / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. 12. ed. Rio de Janeiro: Racco, 2001.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

RETALHOS HISTÓRICOS E VESTIGIOS ARQUEOLÓGICOS DO SOBRADO DA CONCEIÇÃO EM BOMFIM DO PIAUI

Dalina Maria Rodrigues de Oliveira Diógenes (Fig. 1)
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do vale do São Francisco (UNIVASF). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET – Arqueologia) E-mail: dalina.diogenes@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF). E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Localizada no município de Bonfim do Piauí, a Fazenda Conceição tem um contexto histórico que remete ao processo de colonização do Piauí. Passa pelo período Jesuíta e chega à guerra de conquista contra os índios, Em meados do século XVII, começaram as penetrações colonizadoras no Sudeste do Piauí feitas por bandeirantes e religiosos. A partir de então, organizaram-se numerosas expedições, com a finalidade de conquistar as terras dos nativos, escravizá-los nas fazendas de gado e reduzi-los em aldeamentos. Domingos Afonso Mafrense foi o descobridor e povoador da região entre o rio Piauí e o Rio Canindé. Depois da sua ida para a Bahia, deixou um testamento legando a administração das fazendas de gado no Piauí aos padres da Companhia de Jesus que nelas se instalaram em 1711 para desenvolver trabalho missionário e educativo. Em registros mais antigos de que se tem conhecimento, a fazenda Conceição data de 1766, quando ela estava em posse dos jesuítas. Há relatos de que ela foi atacada pelos indígenas no período de 1779 e 1782, em 1790 e em 1809. Há registros de que ela foi abandonada em decorrência desses ataques. Atualmente identifica-se o local do sobrado, provável sede da fazenda Conceição na cabeceira do riacho Conceição, afluente do rio Piauí onde há fragmentos de cerâmica, tijolos de adobe, um alicerce remanescente e, nas imediações, as estruturas de um possível cemitério de caboclo. Pela abordagem da Arqueologia Histórica e pela análise do material arqueológico escavado na primeira campanha de escavação do Sobrado Conceição visa-se entender a relação de contato entre o colonizador e o nativo. Quer-se compreender como a imposição ideológica, o sistema de produção baseado na mão de obra escrava, as práticas sociais, culturais e políticas implicaram na construção do discurso dominante. A partir destas observações, propõe-se a produção de uma pesquisa de caráter local, para compreender as raízes multiculturais da identidade influenciada pelos fatores trazidos com a colonização e as formas de resistência indígena.

Palavras-chaves: Arqueologia Histórica. Historia Indígena. Identidade. Discurso.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Dalina Maria Rodrigues de Oliveira Diógenes



Foto: Celito Kestering (2014)

1 ENTREVISTA

Nome: João Ferreira Lima
Idade: 82 anos (07-09-1932)
Filiação: Simão Ferreira Lima e Maria da Glória Ferreira de Assis
Profissão: Vaqueiro e lavrador

1.1 O que o senhor sabe sobre a Fazenda Conceição?

João: Eu sei que a fazenda era da Joaquina Borges mais Severino, mais agora sobrenome eu não sei. Era dela a fazenda aqui. Até em 10 (1910) a fazenda existia, mais eu não sei de 10 pra cá, que tempo acabou. Meu avô Marciliano Ferreira Lima era vaqueiro aqui da fazenda. Meu pai era menino. Papai é de 09 (1909). Ele trabalhou na fazenda.

1.2 Depois da Joaquina Borges morou outra pessoa na fazenda?

João: Depois dela meu avô, pai da mamãe morou aí. Alexandre pai da mamãe, ele morou aí. Mais eu não sei como ele arranjou, se foi comprada ou não. Naquele tempo o camarada não tinha posse de terra reservada. Era uma posse de terra na fazenda. Agora, na fazenda você tirava a posse te terra onde fosse desocupada. Não tinha demarcação da terra. Foi daí pra cá. Papai mesmo tinha posse de terra. Veio demarcar aqui. Foi em 60 (1960).

1.3 Hoje, a quem pertencem as terras da fazenda?

João: A Oseas. Um tirou prum lado, outro pra outro. O pedacinho aí no meio é de Oseas. Falam que o Manoel Dias comprou ela (a terra). Falam que andou vendendo por aí, mas não dava escritura. Depois ficou na mesma. Manoel Dias morreu. Não sei pra quem ficou. Dizem que quiseram vender aí. Mas gente de sessenta, setenta anos que morava aí toda vida disseram: Daqui não saio. Nem comprou e nem saiu daqui.

1.4 O que o senhor sabe sobre a comunidade de Conceição?

João: Os barros velhos da Conceição é aqui. Onde foi situado primeiro é aqui. Ali na capoeira tava a casa da fazenda. Eu não conheci a casa. Conheci só o lugar. Era um predinho (sobrado), mas quando eu vi foi só o barro.
La do outro lado chamava de capoeira. Lá, onde aquele povo mora, chamavam capoeira. Depois do entendimento destes mais novos, não queriam que chamasse capoeira.
Quando o Bonfim passou a município, batizou como Conceição 1 e aqui Conceição 2. Mas aqui que é a legítima. Mas ficou lá com 1 porque era mais perto.

1.5 O que o senhor sabe sobre a barragem?

João: Ela quebrou em 10 (1910). Meu pai falava que foi em 10. A barragem que tinha aí na fazenda. Foi que começaram a construr aquele pra lá. Meu pai falava que ia vender leite lá.
Começaram a construir em 10 (1910). Foram terminar em 13 (1913). Mas foi muito ligeiro. Foi feito por braço de homem. Não tinha maquinário, nada pra trabalhar, além dos braços de homem. Não tinha ferramentas.
A Fazenda Grande (Conceição) vai até quase a extrema da Bahia, ou até perto da divisa do Piauí com Campo Alegre.

ENTENDENDO A OCUPAÇÃO COLONIAL DO PIAUÍ A PARTIR DE UM DOCUMENTO HISTÓRICO: O DIÁRIO DE ANTÔNIO DO REGO CASTELO BRANCO

Mariana Zanchetta Otaviano Fig. 1)
Celito Kestering

Graduanda em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET - Arqueologia. E-mail: mzo_ufop@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF). E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Quando realizava pesquisas para seu doutorado, a então estudante Ana Stela Negreiros Oliveira deparou-se com um documento inédito para os estudiosos dos movimentos de colonização do Piauí, dentro da lata 222 da pasta 27, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ela encontrou o “Diário dos mais notáveis acontecimentos da guerra aos Pimenteiras, escrito por Antônio do Rego”, um documento de 1779 que narra em 25 páginas, detalhes da expedição que saiu da atual cidade de Oeiras e alcançou o sudeste do Estado. Nesse documento de fonte primária, encontram-se estratégias de dominação territorial, como por exemplo, a formação de alianças com povos nativos para a orientação das trajetórias e localização de outros grupos, além do relato diário das dificuldades que essa entrada enfrentou. A pesquisa mais detalhada desse documento justifica-se pelo pouco estudo dedicado ao mesmo, tendo como objetivo ampliar o conhecimento do dia a dia das expedições colonizadoras do Piauí, além de compreender melhor os trajetos, estratégias traçadas, objetivos e olhares dos colonizadores. A metodologia utilizada possui embasamento na leitura e marcação de pontos relevantes para o objetivo da pesquisa além da comparação de dados contidos em outros documentos. Com esta pesquisa obtêm-se informações relevantes para entender o pensamento e a realidade dessa expedição colonizadora. Observam-se dados que não seriam passíveis de obtenção em outras fontes. Eles mostram detalhes transparentes para uma melhor compreensão desses movimentos, além das descrições de aspectos específicos da localidade, tais como a fauna, a flora, a geologia e, inclusive, as pinturas rupestres. A pesquisa encontra-se em curso. O próximo passo é traçar o mapa do trajeto percorrido, a partir dos relatos obtidos nesse diário.

Palavras-chaves: Colonização do Piauí. Pimenteiras. Gueguê. Acoroá.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Mariana Zanchetta Otaviano



Foto: Celito Kestering (2014)

1 INTRODUÇÃO

Quando se resolve aldear numa colônia uma tribo de índios, quer para torná-los inofensivos ou úteis ao estado quase sempre acontece uma prévia guerra, cuja consequência é a submissão da tribo. Para esse fim, são formadas bandeiras de tropas de linha e de voluntários; o Estado fornece-lhes armas e munições, e os lavradores armazenam provisões, que para as grandes expedições precisam ser carregadas durante meses.

SPIX e MARTIUS, 1981

2 DIÁRIO DOS MAIS NOTÁVEIS ACONTECIMENTOS DA GUERRA DOS PIMENTEIRAS, ESCRITO POR ANTÔNIO DO REGO

Documento encontrado pela pesquisadora Ana Stela Negreiros Oliveira no IHGB;
Narra dia a dia detalhes de uma bandeira que saiu de Oeiras em busca dos Pimenteiras;
Compreensão das atividades de exploração e dominação no período do Brasil Colonial a partir de documentos escritos pelos próprios protagonistas e
Detalhes que não encontramos em livros de história: vida do homem no Sudeste do Piauí no século XVIII.

3 O TEXTO

A entrada comandada por João do Rego levou mais de 130 homens caatinga adentro em busca dos Pimenteiras.
A jornada iniciou no dia 15 de abril, saindo da cidade de Oeiras (essas expedições recebiam o aval para saírem quando se encerrava o período chuvoso).
Somente João do Rego seguiu a cavalo porque, no momento, encontrava-se praticamente cego.

Longas caminhadas: mais de quatro léguas por dia (uma légua é igual a 6Km)
Personagens:
Tangedores de gado
Índios exploradores
Condutores de água
Alimentação: carne de gado (rês) e farinha / mel foi abundantemente encontrado
Uma refeição por dia: jantar, por volta de 14h
Água: já escassa na época, barrenta.
Doenças e mortes ao longo do trajeto

4 DESTAQUES

Religiosidade;
Utensílios;
Alimentação;
Insubordinação e castigos;
Aspectos Naturais (fauna, flora e geologia);
Locais;
Enfermidades.

5 RELIGIOSIDADE

A 17 de abril se expediu o soldado Luiz Antônio ao Brejo do Padre Capelão para nos vir encontrar e **ir confessando** logo a tropa.
A 21 de abril (...), à noite se fez uma grande conferencia sobre ser, ou não útil à divisão da Tropa, e ouvidos os oficiais, dois moradores, e índios, e o padre Capelão, e havendo pareceres opostos, enfim se concordou não ser útil a divisão: **o que Deus determinou** pelo que adiante se verá...
(...) chamar o padre Capelão para **uma confissão** o que prontamente fez o dito padre chegando outra vez pelas onze horas da noite, tendo **caminhado ida e volta quatro léguas**.
(...) no dia 23 domingo do Espírito Santo depois da **missa** haviam de seguir, e por esta razão se pôs o nome do lugar de **Lagoa do Espírito Santo**.
(...) em uma destas subidas revirou o cavalo com o Comandante, que só milagrosamente escapou se não fora o prodígio de **Maria Santíssima**.

6 UTENSÍLIOS

Viramundo, Golilha e Cangalha.

7 ALIMENTAÇÃO

(...) neste dia se repartiu com a tropa um rolo de fumo, e se matou três bois.
A 21 se mataram cinco reses (...) também se deram três arrobas de fumo a toda tropa.
(...) 13 alqueires de farinha, que se compraram.
A oito viemos jantar à Vargem dos Paus, onde se deu uma arroba de fumo aos soldados, e viemos dormir à Fazenda Grande onde se mataram quatro reses.
A 17 (...) se deu a última farinha que aqui se comprou.
(...) se mataram sete reses para fornecimento de toda a Tropa.
(...) e ali dormimos sem água.
A 25 (...) dormimos sem água com uma áspera caatinga.
(...) no fim de nove dias de excessiva sede, por só beberem água de algum oco de pau, e de tão grande fome que chegaram a comer bruacas de couro de boi assadas (...) sendo a travessia do sertão tudo catinga, e sem água, nem caça.

8 INSUBORDINAÇÃO E CASTIGOS

(...) prendeu-se um soldado por não querer ir servir.
(...) chegou com o desertor preso, ao que o comandante mandou meter no viramundo.
(...) a jantar chegou o desertor Braz, e como por malícia se fazia molesto.
(...) chegou João do Rego com o Anastásio mestiço preso.
(...) foi a golilha um tangedor.
(...) foi o soldado Braz a golilha por deixar no rancho uma arma de El Rey.
(...) se prenderam dois soldados por maltratarem os cavalos.
(...) se prenderam os tangedores, e um soldado que queria desertar.
(...) nesta noite fugiu o mestiço Atanásio.
(...) e se prendeu o mestiço Timóteo, por não querer ir com a tropa.
(...) foram ao viramundo os pretos da administração, por não darem conta dos cavalos. Se meteu de golilha o soldado Braz.
(...) se prendeu um tangedor por deixar fugir o gado.
(...) pela madrugada foi a golilha o soldado José Ignácio por achá-lo a ronda dormindo na sentinela.
(...) neste dia se deram dois banhos, ao soldado Braz, por nunca se querer lavar, e andar sempre porco.

A 28 jantamos na serra, onde nos veio entregar João Pereira da Costa três tangedores, dos que haviam desertado, e se achavam presos, os quais tornaram a ficar entregues ao dito João Pereira em uma corrente com três colares, para que conservados nela sirvam em toda qualidade de serviço (...)

Na Lagoa do Tabuleiro nos vieram aparecer os dois Dragões expedidos a prender o soldado Luiz Cardoso o que não fizeram por não quererem ou por frouxidão, por cujo motivo o Comandante lhes deu uma forte repreensão.

9 ASPECTOS NATURAIS

(...) havia grande catinga, pouca água.
(...) este sertão é bom de pasto, porém muito seco, e falta de caça, porém abundantíssimo de mel e bom.

A 29, cortando o sertão, sempre abrindo picada, tudo por catinga sumamente fechada, fabricada de unha de gato, caroá e toda qualidade de cipó assim seguimos, e depois de três léguas e meia, demos em um baixão no qual tinha havido grande enxurrada, e por ela acima se foi formando um riacho, com formas e recantilados de pedra tão altos que faziam admirar (...). Toda esta catinga é fabricada de morros, que se sobem e descem com suma dificuldade, e há alguns baixões de matas altas com almecegas, jaqueiras e outros paus dos agrestes.

A mata é alta de paus de almecegas, biriba.

No cimo deste boqueirão demos com um caldeirão de água que dava pelos peitos a qualquer homem, porém não podiam ali subirem algumas reses, que levamos nem os cavalos para beberem, foi preciso quebrar muita pedra, e abrir canal para correr água para baixa, o que fez ao outro dia com mesmo trabalho.

Nesta falha andei observando o que a natureza obrou nesta serra, que parecerá fábula o dizer o inferninho de pequenos boqueirões, que aqui há dentro deste grande, que parece labirinto, todos altíssimos, e talhados, e tão juntos que em parte não aparece sol nunca em baixo na terra: em cima do caldeirão grande entre uma e outra parede caiu uma tão grande pedra de riba, que ficou ali bem encaixada (...).

À noite, chegaram os condutores de água, e carne com más notícias e poucas esperanças, por ser tudo catinga cruelíssima, sem água, e sumamente cerrada.

(...) catingas asperíssimas, (...) sem a menor esperança de água.

A 20 (de maio), nos arranchamos em distância de três léguas, tudo por uma vargem muito bonita de pastos singulares; e daqui entramos em matos de angicais, aroeiras, juazeiros, umbuzeiros por entre o mato, o qual é alto e fabricado de bom capim.

(...) vi grandes canários, araras; e alguns paus agrestes; e matos de mulungu. É de advertir que nesta mata faz imenso frio, à noite, e neste lugar foi onde vi muriçocas amarelas ao meio dia.
(...) a maior parte da catinga sem água alguma senão no fim das ditas serras, onde também achou alguns cacos de louça muito velha, e uma lagoa com bastante água que dava pelo umbigo; comprida com muito capim bom.
Adverte-se que nesse sertão todos os dias se matam muitas cobras, cascavéis, jibóias e caninanas.
(...) neste lugar foi onde vi grande número de papagaios e jacu e emas.
Este lugar é abundante no último extremo de onças; cujos rastros e urros, víamos e ouvíamos a cada passo.
Neste lugar se veem emas e seriemas.
(...) **partimos sempre por uma muito áspera catinga, passando o que se não pode por papel explicar, e não se relata por não parecer fábula**...

10 LOCAIS

Olho d'água das Embaúbas, Fazenda das Itans, Cajazeiras de Cima, Fazenda da Gameleira, Fazenda da Cachoeira, Riacho Fundo, Fazenda dos Macacos, Retiro da Vargem Grande, Riacho Santa Maria, Lagoa do Gentio, Serra Grande, Vargem dos Paus, Fazenda Grande, Retiro da Amargosa, Fazenda da Onça, Fazenda Santo Antônio, Tombadouro, Fazenda Conceição Lagoa do Encontro, Formiga, Lagoa dos Guaribas, Lagoa de Santo Antônio, Olho d'água do Defunto, Lagoa Santo Antônio e Lagoa da Cruz.

11 ENFERMIDADES

(...) um soldado doente de mal de Amores.
(...) repentinamente deu uma grande dor ao Comandante que julgamos morto, e só pela madrugada lhe passou...
Neste lugar se acha a Tropa bem carregada de enfermos, de várias moléstias.
(...) e neste lugar adoeceram vários índios; e com o frio chegou um a queimar uma mão toda.
(...) aonde ia morrendo de sede o Soldado Ignácio da Silveira.
Aqui morreu um Acroá, ficando a este lugar o nome de Olho d'água do Defunto.

12 PINTURAS RUPESTRES

Deram por notícia os soldados que na serra grande do Norte viram várias pinturas de Tauá, feitas pelo gentio, de pássaros vários, onças, ratos estes tudo muito perfeitos; porém antigo; e também pinturas desonestas.

13 ENCONTRO DA TROPA COM OS PIMENTEIRAS

6 de julho de 1779
(...) o Sargento Mor João Marcelino, com cinco companheiros exploradores, repentinamente se encontram com 12 homens do gentio; e se vendo no mesmo passo uns aos outros e abaixando-se o dito Marcelino, chegaram os tais índios a tempo que o Sargento Mor olhando para traz se achou só com seu ajudante Jerônimo Rodrigues e ambos acometeram valorosamente os inimigos; sem os querer ofender; e fazendo alguns sinais de paz; responderam os Pimenteiras com três taquaradas juntas, de que se viraram ligeiramente e disparando o Sargento Mor a arma, matou um homem de guerra, e fazendo o mesmo o seu ajudante lhe faltou a arma fogo; e arrojando-a ao chão, partiu desarmado a pegar as mãos de um índio; e certamente o fizera; se não fora a infelicidade de já na catinga o flecharem em uma emboscada, que ferindo-o em uma mão, veio a flecha a feri-lo no lado direito do peito, porém sem perigo.

14 CARTA DO COMANDANTE AOS PIMENTEIRAS

13 de julho de 1779
Moradores deste sertão das Pimenteiras “Tenho procurado vocês por três vezes com esta **para a paz**, que pretendem os brancos ter com vocês e só agora ultimamente os vim a topar em tempo tal, que não pudemos conversar coisa alguma sobre a paz, a qual muito desejo **e nem reparem vocês as mortes que houveram de parte a parte** a que eu não dei causa, antes os meus soldados fazendo-lhes a vocês sinais de paz, **vocês os ofenderam primeiramente**, porém **de tudo me esqueço, só por querer sua amizade**, e espero que vocês apenas leiam este aviso, vão os que puderem a fazenda Conceição onde deixo gente para logo logo me irem chamar a minha casa onde moro; **e por sinal de amigo com esta carta lhes deixo uma espada e duas facas**: e no caso, que **vocês não queiram a minha amizade**, ponham-se prontos com muita flecha, trincheiras novas, e toda qualidade de armas, que vocês souberem manejar porque eu infalivelmente para os ver**, aqui os venho procurar para os amarrar, tomar suas mulheres, e filhos, para os entregar ao meu Governador e ultimamente levar a chumbo, e bala, a todos os que não quiserem ser amigos dos brancos**; e quando queiram ser nossos amigos, eu os irei arranchar, onde há muita terra, e boa, e há muita gente vermelha, e também tem padre; e o **meu Governador dará a vocês toda a qualidade de ferramentas que precisam, e tudo que vocês quiserem e vejam que isto tudo é verdade.”**

João do Rego Castelo Branco

CONTEXTO GEOAMBIENTAL DA LAGOA DA PONTA BAIXA, EM JAGUARARI – BA

Tamires Daniele de Jesus (Fig. 1)
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF): E-mail: tamires.danielejesus@gmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF). E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho objetiva relatar o início do estudo acerca da Lagoa da Ponta Baixa, em Jaguarari – BA. É uma breve caracterização da área, com a descrição de aspectos geológicos, geomorfológicos e ambientais, como pré-requisitos para o estudo das gravuras rupestres que existem no local. Quer-se apresentar os resultados preliminares das atividades que se está fazendo para desvendar o contexto ambiental pré-colonial com o qual se relacionaram os autores das gravuras. Apresentam-se dados que se registraram nas atividades de campo quando se fizeram tomadas fotográficas e se preencheram fichas cadastrais, bem como outros que se obtiveram em pesquisas bibliográficas.

Palavras-chaves: Lagoa da Ponta Baixa. Jaguarari – BA. Geologia. Gravura rupestre.

Figura 1 – Comunicação oral feita por Tamires Daniele de Jesus



Foto: Celito Kestering (2014)

1 INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho expõem-se dados obtidos no início do estudo acerca da Lagoa da Ponta Baixa, em Jaguarari – BA. faz-se uma breve caracterização da área, com a descrição de aspectos geológicos, geomorfológicos e ambientais, como pré-requisitos para o estudo das gravuras rupestres que existem no local. Apresentam-se os resultados preliminares das atividades que se está fazendo para desvendar o contexto ambiental pré-colonial, colonial e pós-colonial com o qual se relacionaram os autores das gravuras.
Segundo BUTZER (1984), o estudo do ambiente ou do contexto é fundamental para a Arqueologia. Contexto é uma trama espacial e temporal que influencia a cultura. Ele promove caracteres específicos nos artefatos e no conjunto de achados arqueológicos. Partindo desse pressuposto, busca-se identificar tributos culturais resultantes da relação dos grupos com o ambiente (BAHN E RENFREW, 1998).

2 A LAGOA DA PONTA BAIXA

A Lagoa da Ponta Baixa situa-se nas proximidades do povoado de Abóboras, município de Jaguarari – BA. Ela é constituída de rochas de ortognaisse do Complexo Mairi. Sua feição caracteriza-se como um conjunto de matacões angulosos e afloramentos de maciço. Seu sedimento constitui um vertissolo. (Fig. 2).

Figura 2 – Localização da Lagoa da Ponta Baixa



Fonte: Google Earth (2014) modificado pelos autores.

Compondo a vegetação da Lagoa da Ponta Baixa e entorno, encontram-se espécies como o xiquexique (*Cephalocereux gounelli*), o cansanção (*Cnidoscolus vitifolius)*, o mandacaru facheiro *(Pilosocereus pachycladus*), a coroa de frade (*Melocactus bahiensis*) e o mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*). (Fig. 3 e 4).

Figura 3 – Vista parcial da Lagoa da Ponta Baixa



Foto: Celito Kestering (2014)

Figura 4 – Xiquexique



Foto: Celito Kestering (2014)

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

BICHO (2006) diz que o objetivo primordial de uma prospecção arqueológica é compreender como os povos pretéritos relacionaram-se com o espaço e a paisagem. Com esse intuito foram realizadas prospecções em superfície, com observação sistemática da área. Assim encontraram-se os grafismos rupestres em afloramentos rochosos e matacões. Fez-se, então, o registro fotográfico dos sítios arqueológicos e da paisagem.

4 SÍTIO ARQUEOLÓGICO PONTA BAIXA 1

É um sítio a céu aberto, com orientação norte - sul. Mede 36 m de comprimento, 4,8 m de largura e 0,7 m de altura. Localiza-se nas coordenadas UTM24L 383162, UTMN 8911104, a 442 m de altitude. Possui muitos painéis de gravura rupestre. (Fig. 5 a 7).

5 SÍTIO ARQUEOLÓGICO PONTA BAIXA 2

É um sítio a céu aberto, com orientação norte - sul. Mede 38 m de comprimento, 4,5 m de largura e 0,8 m de altura. Localiza-se nas coordenadas UTM24L 383183, UTMN 8911168, a 443 m de altitude. Possui um único painel de gravura rupestre. (Fig. 8 e 9).

6 SÍTIO ARQUEOLÓGICO PONTA BAIXA 3

É um sítio a céu aberto, com orientação norte – sul. Mede 68 m de comprimento, 23 m de largura e 3 m de altura. Localiza-se nas coordenadas UTM24L 383381, UTMN 891238, a 413 m de altitude. Possui um conjunto de pilões em rocha (Fig. 10 e 11).

Figura 5 – Sítio arqueológico Ponta Baixa 1



Foto: Celito Kestering (2014)

Figura 6 – Painel de gravuras do sítio arqueológico Ponta Baixa 1



Foto: Celito Kestering (2014)

Fig. 7 – Painel de gravuras do sítio arqueológico Ponta Baixa 1



Foto: Celito Kestering (2014)

Figura 8 – Sítio arqueológico Ponta Baixa 2



Foto: Celito Kestering (2014)

Figura 9 – Painel de gravura rupestre no sítio arqueológico Ponta Baixa 2



Foto: Celito Kestering (2014)

Figura 10 – Sítio arqueológico Ponta Baixa 3



Foto: Celito Kestering (2014)

Figura 11 – Pilão em rocha no sítio arqueológico Ponta Baixa 3



Foto: Celito Kestering (2014)

7 SÍTIO ARQUEOLÓGICO PONTA BAIXA 4

É um sítio a céu aberto, com orientação norte - sul. Ele mede 8 metros de comprimento, 4 metros de largura e 5 metros de altura. Localiza-se nas coordenadas UTM24L 383165, UTMN 8911112, a 337 metros de altitude. Possui um caldeirão em rocha com 6 metros de profundidade. (Fig. 12).

Figura 12 – Sítio arqueológico Ponta Baixa 4



Foto: Celito Kestering (2014)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho apresentaram-se os resultados preliminares das atividades que se está fazendo para desvendar o contexto ambiental da Lagoa da Ponta Baixa em Jaguarari – BA. Demandam-se pesquisas bibliográficas para situar o presente trabalho no bojo das pesquisas arqueológicas da região Nordeste do Brasil. Tem-se o objetivo de encontrar atributos da identidade dos autores das gravuras rupestres que foram realizadas nas rochas e matacões daquela lagoa.

REFERÊNCIAS

BAHN, Paul; RENFREW, Colin. **Arqueología, Teorias, Métodos y Práctica**. Madrid, Espanha: Akal, 1998.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Lisboa, Portugal: 70, Compêndio, 2006.

SOUSA, Mariana; KESTERING, Celito. **Temática dominante no Serrote do Pote, no município de Sento Sé – Ba**. Evolvere Scientia, V. 3, N.1, 2014.

CONSTRUÇÃO DE TERRA CRUA: UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA DA TAIPA DE MÃO NA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Iderlan de Souza
Sara Oliveira de Souza
Semírames Santos Freire
Leonardo de Farias Leal

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: iderlaz@hotmail.com

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: sara.sosouza@gmail.com

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: mirafreire@hotmail.com

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: cordelflorestano@hotmail.com

RESUMO:

O trabalho de pesquisa tem como principal objetivo fazer um apanhado das técnicas construtivas arquitetônicas da Cidade de São Raimundo Nonato, focando a técnica de terra principalmente a taipa de mão distribuída espacialmente na malha urbana e sua utilização. Para desenvolvermos essa pesquisa realizamos uma prospecção de superfície, e em mapas, nos bairros da Cidade de São Raimundo Nonato, fez – se também pesquisa bibliográfica e levantamento fotográfico, para detalhar melhor o estudo das edificações. Conseguimos identificar três casas de taipas ainda habitadas e uma que se encontra desabitada e fechada, outras não existem mais, mas, podem ser localizadas. A técnica de taipa de mão quase não é aplicada atualmente, esta relacionada à baixa renda e o seu descarte se dá a melhoraria financeira e motivos insalubres.

Palavras-chaves: Arquitetura, Taipa de mão, Patrimônio.

SOB A ÓTICA ARQUEOLÓGICA: ARQUITETURA POPULAR, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO EM SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

Jaqueline Lima de Amorim
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PUT – Arqueologia / UNIVASF. E-mail: linneamorim@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor adjunto 4 na Universidade Federal do VBale do São Francisco e Tutor do grupo PET – Arqueologia / UNIVASF. E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

A unidade objeto de estudo desse trabalho corresponde a uma casa, detentora de arquitetura popular, localizada à Avenida Professor João Meneses, nº 151, no centro de São Raimundo Nonato - PI. A presença de arquitetura popular nessa rua é recorrente. Adjacentes ao imóvel estudado há casas, nitidamente vernáculas. Na memória da senhora Hercília de Castro Macedo, de 77 anos, a Avenida Professor João Meneses, uma das primeiras da cidade era marginalizada, permeada de casas de prostituição e drogas. Do ponto de vista arqueológico, a casa 151 é patrimônio cultural, pois tem um valor significativo para um determinado grupo ou grupos. A arqueologia pode desempenhar um papel significativo mostrando a diversidade, evidenciando a pobreza no passado, celebrando a arquitetura comum, fortificações que são comuns em vez das geralmente valorizadas. Dessa maneira a pessoa comum pode se reconhecer no discurso da Arqueologia (FUNARI; GONZALES, 2008). O objetivo central deste trabalho é identificar no imóvel de tipologia popular um patrimônio. São objetivos específicos: buscar no relato oral a memória do imóvel; resgatar na memória coletiva dos moradores das adjacências a lembrança da rua inserida no contexto de formação da cidade de São Raimundo Nonato; caracterizar o imóvel com os elementos que compõem sua arquitetura; identificar as patologias do imóvel; identificar as técnicas construtivas; entender a implantação da unidade na malha urbana; apresentar um quadro teórico testável que conecte os conceitos de patrimônio, memória e arquitetura popular. A Arqueologia Histórica utiliza uma serie de fontes de informação em sua investigação. As principais são: os artefatos, as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, os relatos orais e as imagens pictóricas. Cada uma delas é usada de uma maneira particular (ORSER, 2004). O relato oral é particularmente importante para documentar estilos de arquitetura vernácula que, de um modo geral, não mereceram comentários escritos na sua própria época (ORSER, 2004). A arquitetura vernácula é todo o tipo de arquitetura em que se empregam materiais e recursos do próprio ambiente em que a edificação é construída, caracterizando uma tipologia arquitetônica com caráter local ou regional. No processo de planejamento e ordenação do crescimento urbano, as edificações históricas vernáculas são como artefatos na afirmação de identidade. De acordo com essa abordagem, a importância da conservação, não se limita somente a monumentos arquitetônicos, mas abrange também a arquitetura popular de qualquer época que reflete momentos históricos da cidade relacionando-os à formação e crescimento da sua malha urbana (MARQUES *et a*l, 2009).

Palavras-chaves: Arqueologia. Arquitetura popular. Memória. Patrimônio. Identidade.

1 INTRODUÇÃO

A unidade objeto de estudo desse trabalho corresponde a uma casa de arquitetura popular, localizada à Avenida Professor João Meneses, nº 151, no centro de São Raimundo Nonato - PI. A presença de arquitetura vernácula nessa rua é recorrente. Adjacentes ao imóvel estudado há casas nitidamente vernáculas. Na memória da senhora Hercília de Castro Macedo, de 77 anos, a Avenida Professor João Meneses, uma das primeiras da cidade era marginalizada, permeada de casas de prostituição e drogas. Do ponto de vista arqueológico, a casa 151 é patrimônio cultural, pois tem um valor significativo para um determinado grupo ou grupos.

2 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

A arqueologia pode desempenhar um papel significativo mostrando a diversidade, evidenciando a pobreza no passado, celebrando a arquitetura comum, fortificações que são comuns em vez das geralmente valorizadas. Dessa maneira a pessoa comum pode se reconhecer no discurso da Arqueologia (FUNARI, GONZALES, 2008). O objetivo central deste trabalho é identificar no imóvel de tipologia popular um patrimônio. São objetivos específicos: buscar no relato oral a memória do imóvel; resgatar na memória coletiva dos moradores das adjacências a lembrança da rua inserida no contexto de formação da cidade de São Raimundo Nonato; caracterizar o imóvel com os elementos que compõem sua arquitetura; identificar as patologias do imóvel; identificar as técnicas construtivas; entender a implantação da unidade na malha urbana; apresentar um quadro teórico testável que conecte os conceitos de patrimônio, memória e arquitetura popular.

3 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

A Arqueologia Histórica utiliza uma serie de fontes de informação em sua investigação. As principais são: os artefatos, as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos, os relatos orais e as imagens pictóricas. Cada uma delas é usada de uma maneira particular (ORSER, 2004). O relato oral é particularmente importante para documentar estilos de arquitetura vernácula que, de um modo geral, não mereceram comentários escritos na sua própria época (ORSER, 2004).

4 ARQUITETURA VERNÁCULA

A arquitetura vernácula é todo o tipo de arquitetura em que se empregam materiais e recursos do próprio ambiente em que a edificação é construída, caracterizando uma tipologia arquitetônica com caráter local ou regional. No processo de planejamento e ordenação do crescimento urbano, as edificações históricas vernáculas são como artefatos na afirmação de identidade. De acordo com essa abordagem, a importância da conservação, não se limita somente a monumentos arquitetônicos, mas abrange também a arquitetura popular de qualquer época que reflete momentos históricos da cidade relacionando-os à formação e crescimento da sua malha urbana (MARQUES; OLIVEIRA, 2007).

REFERÊNCIAS

FUNARI, Paulo; GONZÁLEZ, EriKa. **Ética, Capitalismo e Arqueologia Pública no Brasil.** História, São Paulo, 27 (2). 2008.

ORSER, C. E. **Historical Arquaeology**. New Jersey: Upper Saddle, 2004.

MARQUES, Marcélia; OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **Espaços Revisitados: Cruzeiros, ex-votos, ossos e túmulos em sítios arqueológicos de arte rupestre nos estados do Piauí e Ceará, nordeste do Brasil**. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul – RAM. Porto Alegre: Anais da VII RAM, 2007.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA APICULTURA NA REGIÃO SUDESTE DO PIAUÍ

Erivaldo Araújo Costa Júnior
Celito Kestering

Graduando do Curso de Bacharelado em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) Campus Serra da Capivara; bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: erivaldojunior65@hotmail.com

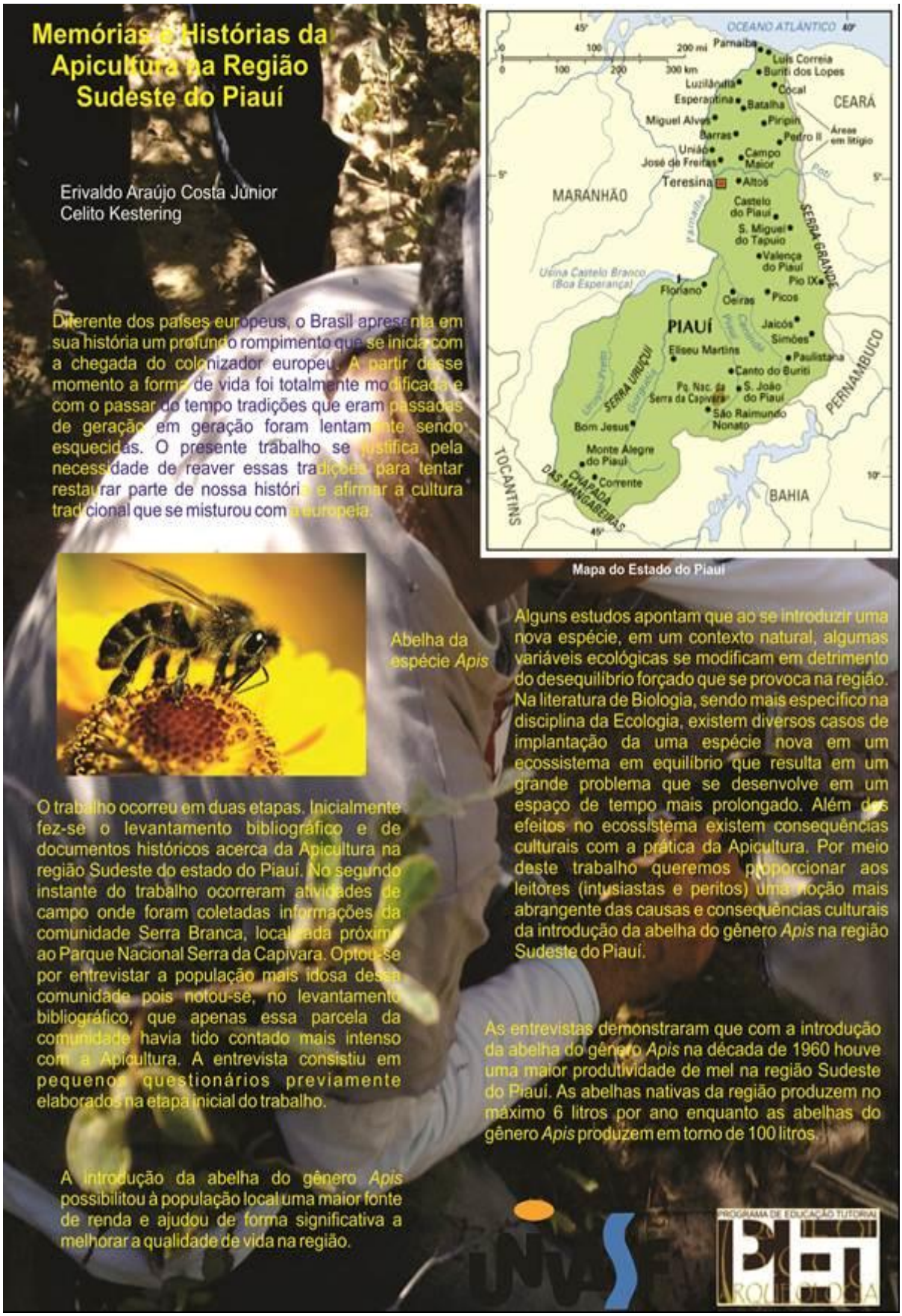
Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES ,1981); Mestre em História (2001) e Doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE); professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia. E-mail: celito.Kestering@gmail.com

RESUMO

O mel é usado como fonte de alimentação pelo homem desde o período pré-colonial. Por vários séculos ou milênios foi retirado de forma predatória e extrativista dos enxames, na maioria das vezes levando as colmeias à morte. Com o passar do tempo, os humanos aprenderam a proteger seus enxames, instalados em colmeias racionais e cultivar de forma que houvesse maior produção de mel sem causar prejuízo para as abelhas e para o meio ambiente. Nascia, assim, a apicultura. O presente trabalho tem como objetivo o estudo das causas e consequências da introdução da abelha do gênero *Apis* no sudeste do estado do Piauí. O trabalho divide-se em dois momentos. No primeiro, faz-se o levantamento da documentação histórica sobre o assunto e, no segundo, fazem-se entrevistas com moradores idosos da comunidade Serra Branca localizada próxima ao Parque Nacional Serra da Capivara. Os resultados parciais da pesquisa indicam que, com a introdução do gênero *Apis* na região, houve uma melhora significativa na vida da população.

Palavras-chaves: Mel. Apicultura. Memória. História.

Figura 2 – E-pôster apresentado por Erivaldo Araújo Costa Júnior



Autoria: Erivaldo Araújo Costa Júnior e Celito Kestering (2014)

HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS MÁQUINAS DE DATILOGRAFIA DO MUSEU DO SERTÃO ANTONIO COELHO, EM REMANSO - BA

Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy
Celito Kestering

Discente do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: vanessa.iguatemy@gmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF; Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF). E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a preservação do patrimônio cultural no Museu do Sertão Antônio Coelho. O nome dessa entidade é uma homenagem ao padrinho de Mariza Muniz, incansável mulher que luta pela preservação de objetos significativos da história de Remanso – BA. O projeto de Mariza tem como finalidade resgatar a cultura remansense submersa pelas águas do Lago de Sobradinho. Ele visa reconstruir o passado para firmar a identidade do povo remansense. Muitos dos objetos que ali se encontram, devido ao avanço da tecnologia, não são mais utilizados. Há esteiras de palha, câmeras fotográficas analógicas, celas de montaria, oratórios e outros artefatos que foram muito úteis no passado relativamente recente. No presente trabalho, foca-se na historicidade das máquinas datilográficas com respaldo em relatos orais. Descrevem-se os contextos em que elas foram utilizadas na antiga cidade de Remanso. Aborda-se o tema a partir das características distintas de museu, quais sejam: lugar de memória, espaço de pesquisa e produção de conhecimento, lugar de preservação do patrimônio e ambiente de cidadania, cultura e respeito ao passado. O museu pode ser constituído em torno de temáticas extremamente variadas da produção humana. O conhecimento que o museu se propõe a difundir é majoritariamente centrado na visualidade dos objetos exibidos através de exposições. O valor que esses objetos adquirem está na sua capacidade de tornar presentes muitas realidades cronologicamente distantes. Eles são fragmentos ou vestígios factuais das mentes que participaram do sistema de relações interpessoais que teceram capítulos da história de Remanso - BA.

Palavras-chave: Memória. Datilografia. Museu do Sertão. Remanso - BA.

1 INTRODUÇÃO

A memória é a imagem *viva* de tempos passados. Os bens, que constituem os elementos formadores do patrimônio, são ícones da memória. Eles permitem que o passado interaja com o presente, transmitindo conhecimentos e formando a identidade de um povo. As máquinas de datilografia fazem parte desses bens e se incluem nos elementos técnicos e culturais de um passado recente. Desta forma, considerando sua significância, são válidos os estudos que as inserem como patrimônio, sobretudo quando elas fazem parte da trajetória de uma cidade que teve parte de sua história inundada pela construção de uma grande barragem. Essa cidade é Remanso – BA que dista 98 km de São Raimundo Nonato – PI. Este trabalho integra a linha de pesquisa "Patrimônio, História e Memória de Remanso - BA".

2 OBJETIVOS

Com o presente trabalho discorre-se sobre a preservação do patrimônio cultural no Museu do Sertão Antônio Coelho. O nome dessa entidade é uma homenagem ao padrinho de Mariza Muniz, incansável mulher que luta pela preservação dos objetos significativos da história de Remanso com a finalidade de resgatar a cultura remansense submersa nas águas do Lago de Sobradinho. Ela visa reconstruir o passado para firmar a identidade do povo remansense.
O trabalho é um dos esforços para a contextualização do acervo do museu. Com ele, busca-se dar sentido às coleções para legitimar a luta por sua preservação. Busca-se, também, fazer o reconhecimento de objetos do passado por parte da população da nova Remanso, além de mostrar a autenticidade do museu junto ao poder público e exigir dele as ações de apoio adequadas.
Objetiva-se realizar o cadastro dos componentes do acervo conforme os métodos apropriados para fortalecer o caráter museológico.
Fez-se levantamento fotográfico, registro oral, pesquisa bibliográfica e elaboração de uma planilha para o cadastro dos materiais do acervo do Museu do Sertão.
Focou-se na historicidade das máquinas de datilografia com o objetivo de conhecer sua utilização na cidade de Remanso antiga para que se exponha o seu valor simbólico e se ressalte a importância de sua preservação no Museu do Sertão. Além disso, valoriza-se a história da cidade através da divulgação do museu em eventos acadêmicos.

3 O MUSEU DO SERTÃO

O Museu do Sertão tem como principal finalidade resgatar a cultura remansense inundada pelas águas da Barragem de Sobradinho e reconstruir a memória do passado para firmar a identidade do povo remansense. Os objetos que ali se encontram já não são mais utilizados devido ao avanço da tecnologia, porém são cheios de significados. No museu existem: máquinas de datilografia, radiolas ou vitrolas, aparelhos de televisão em preto e branco, rádios, máquinas fotográficas, telefones, fogões a lenha, casa de farinha, potes de barro, oratórios, castiçais, trajes dos penitentes e instrumentos, palmatórias, esteiras de palha, cabaças, almofadas de renda, redes de caroá, representação do vaqueiro, selas para montar, perneiras, gibão, couros, cambitos, cangalhas, catracas, arado, enxadas. Há, também, a representação do armazém do Senhor Bertim Zoim, um senhor que vendia tudo o que se produzia nas roças: feijão, milho, arroz, mamona, etc.
O Museu é um acervo digno da lembrança de um povo que veio da cidade antiga para a nova Remanso que já completou 33 anos. Muitas pessoas visitam o Museu, entre elas estão os mais idosos que ao chegar sentem grande emoção ao ver tudo aquilo

que viveram há anos, encontrando seus valores e identificando-se comopassado.

4 MÁQUINAS DE DATILOGRAFIA

As máquinas de datilografia representam as antigas práticas de registro e publicação dos acontecimentos do Remanso antigo. Elas eram usadas nas principais instituições governamentais como prefeitura, cartório, escolas, bem como nos escritórios particulares da burguesia dacidade.
Com o passar do tempo a modernidade veio junto com a mudança da antiga Remanso para a nova cidade. O que era datilografado, agora é digitado em computadores.

5 RESULTADOS

Esta pesquisa repercutiu na população remansence de forma a ter sido exibida, por Mariza Muniz, durante uma missa. No local, vários seguimentos da população puderam apreciar e conhecer sua história.
Dona Mariza foi instruída na questão do cadastro dos elementos do acervo.
Desta forma, somos gratos por participar deste processo. A contextualização está em andamento através das pesquisas que incluem o Museu do Sertão Antônio Coelho (Fig. 1).

Figura 1 – Museu do Sertão Antônio Coelho



Fotos: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

Figura 2 – Peças do Museu



Fotos: Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (2014)

ÍNDIOS DE SENTO SÉ – BA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII

Celito Kestering
Amanda Nunes Cavalcante

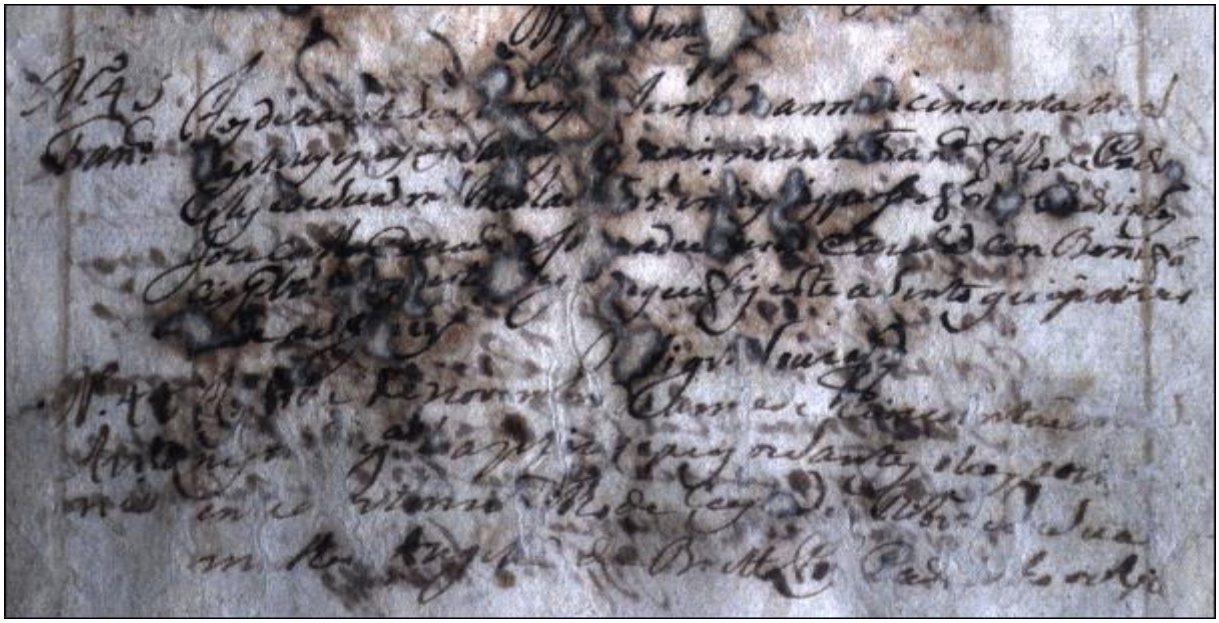
Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL - 1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF - 1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Tutor do grupo PET – Arqueologia; E-mail: celito.kestering@gmail.com

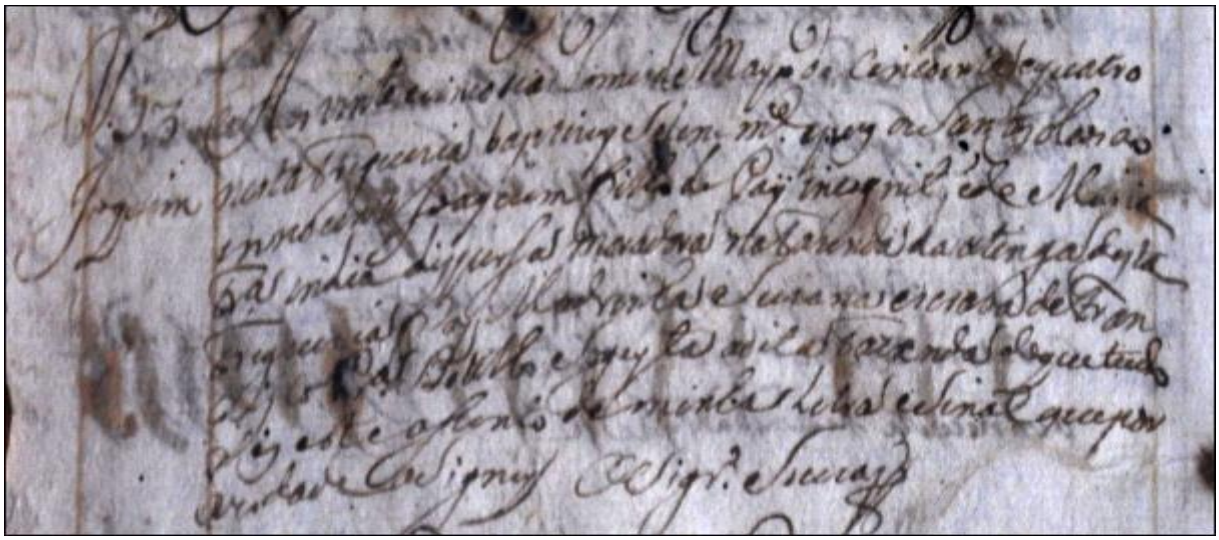
Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia da UNIVASF; E-mail: amnuca@gmail.com

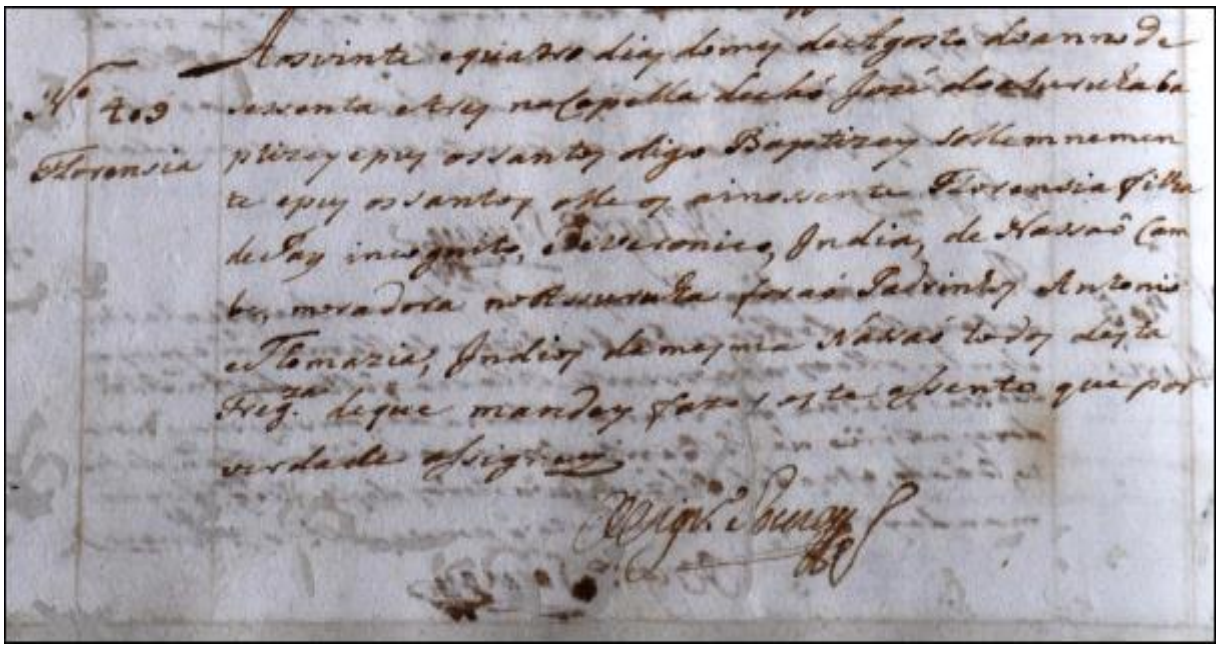
RESUMO

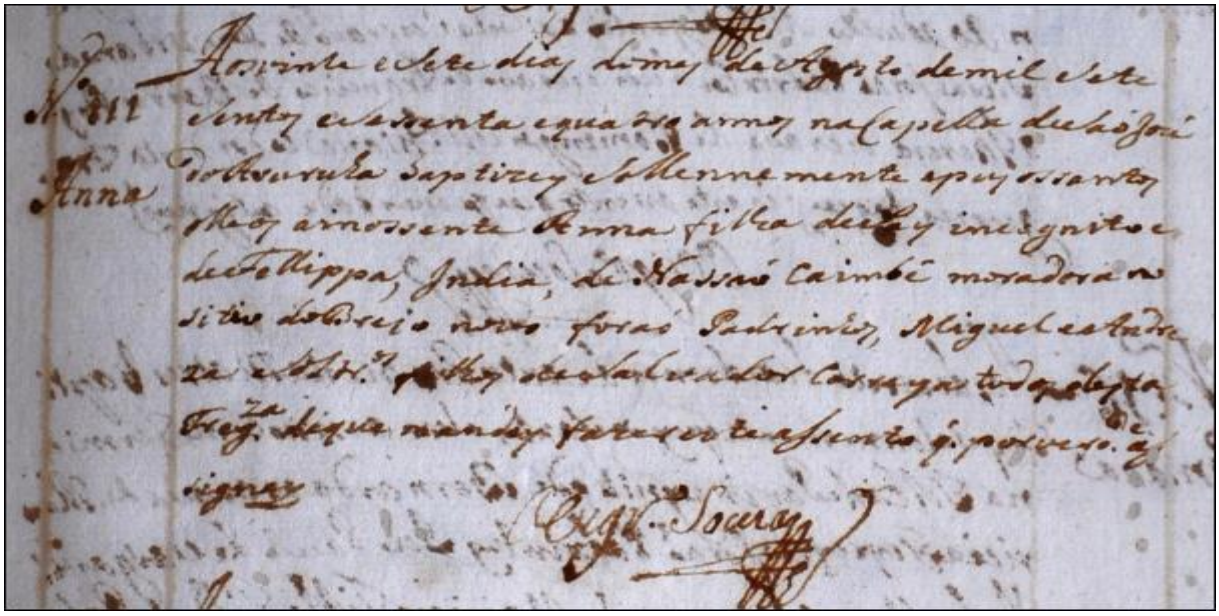
Até recentemente, prevalecia a concepção da historiografia oficial de que os índios da região semiárida do Nordeste do Brasil teriam sido dizimados, quando se implantaram as fazendas para a criação de animais domésticos. Novas abordagens da história sugerem que, no processo colonizador europeu, os povos indígenas tiveram participação ativa. Defende-se a proposição de que eles garantiram a sua sobrevivência física e cultural pela estratégia da negociação, relegando a sua identidade étnica. Com o presente trabalho, pretende-se apresentar dados documentais para mostrar que os tapuias do Médio e do Submédio São Francisco miscigenaram-se e fizeram-se vaqueiros, sem abandonarem as crenças, os rituais e as práticas milenares da caça, da pesca e da agricultura de subsistência. São fortes os indicativos de que sobreviveram, assim, muitas famílias cujos ancestrais participaram efetivamente na produção do abundante patrimônio cultural pré-colonial do Médio e do Submédio São Francisco.

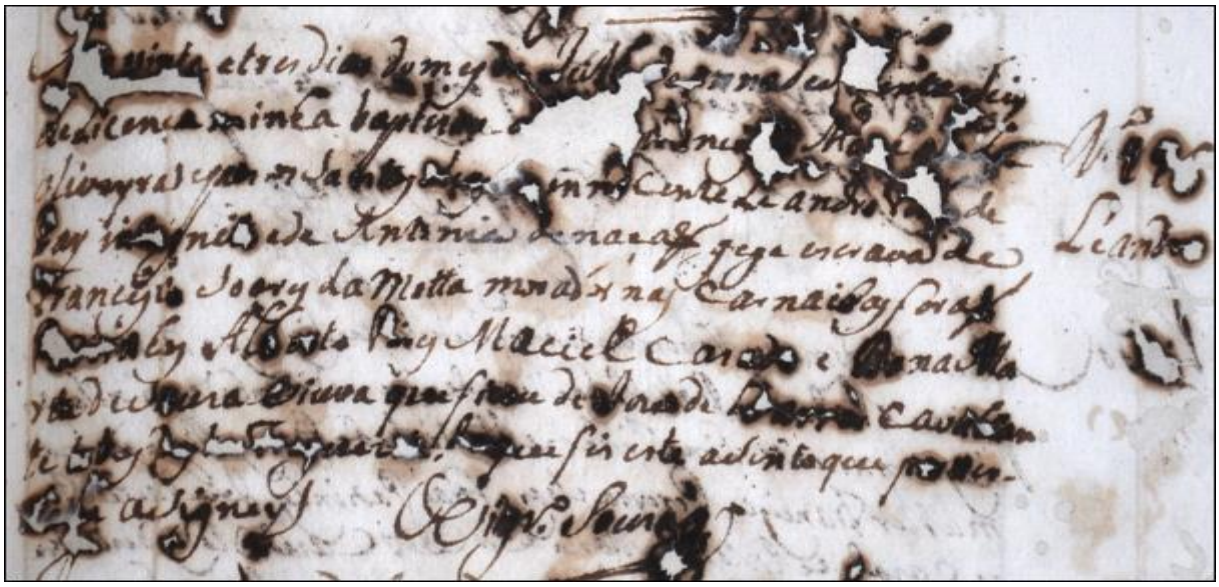
Palavras-chaves: Identidade. Índio. Tapuia. Sento Sé - BA.

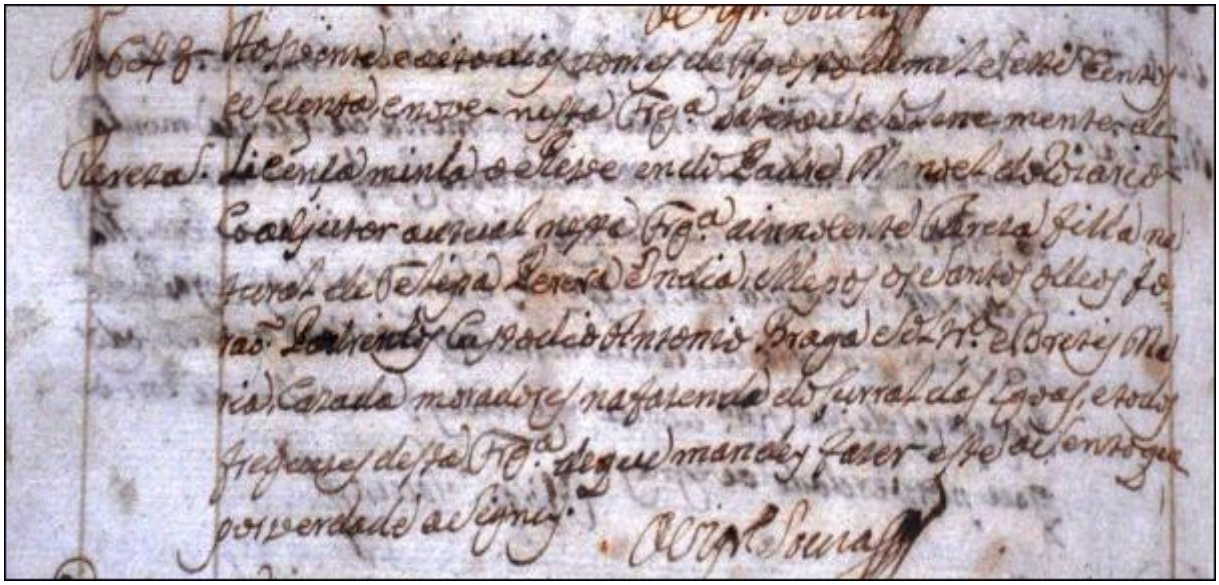


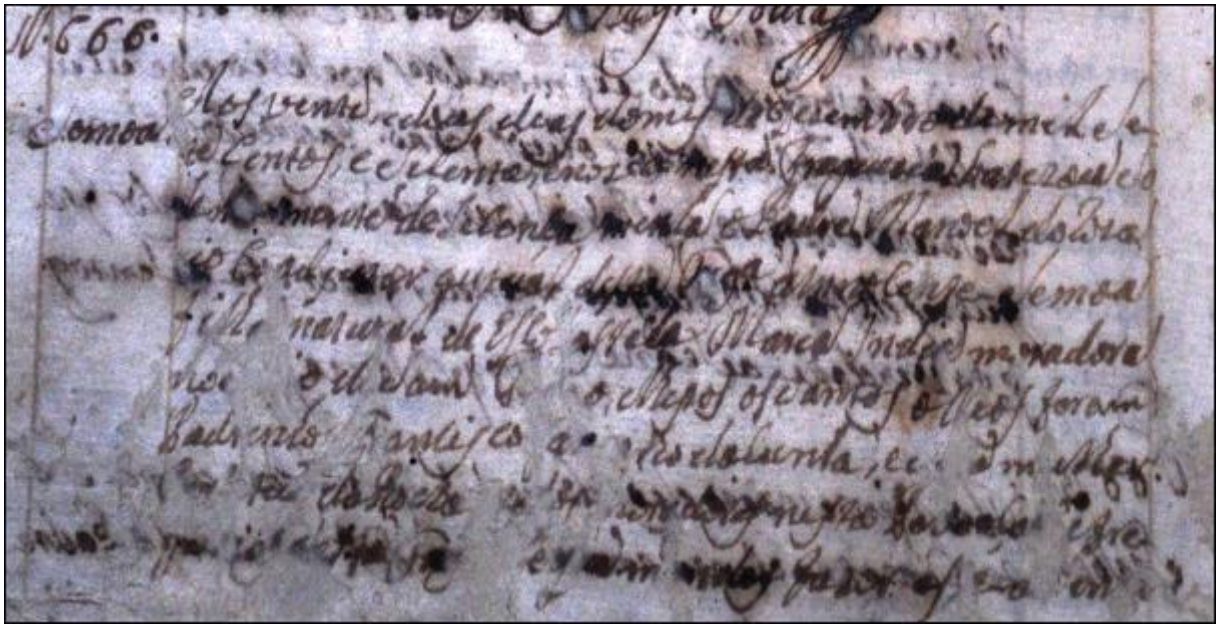


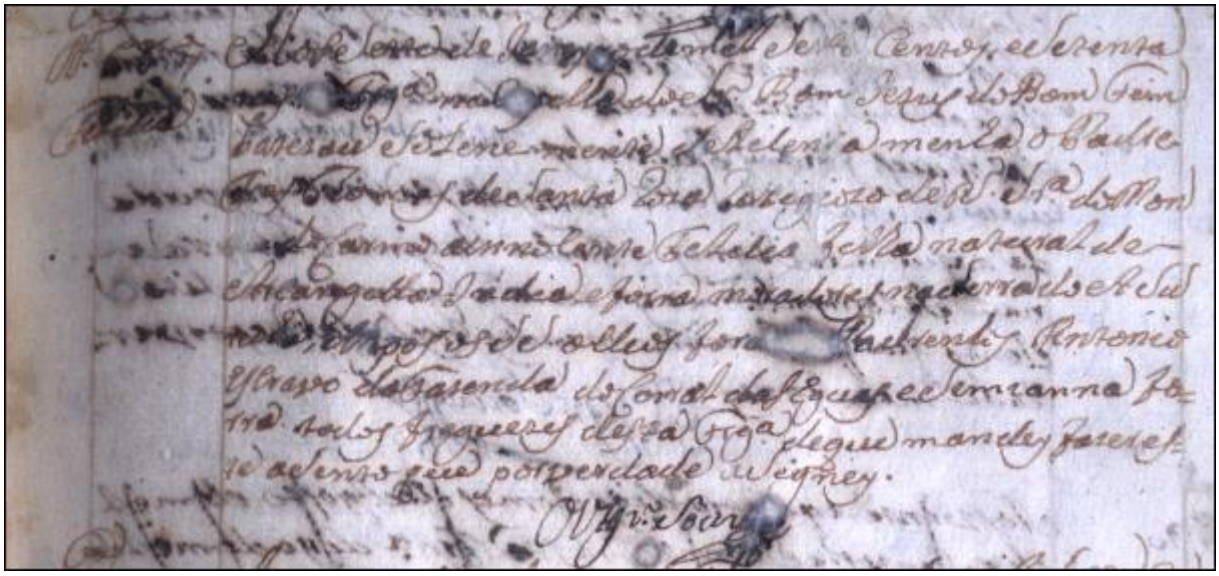


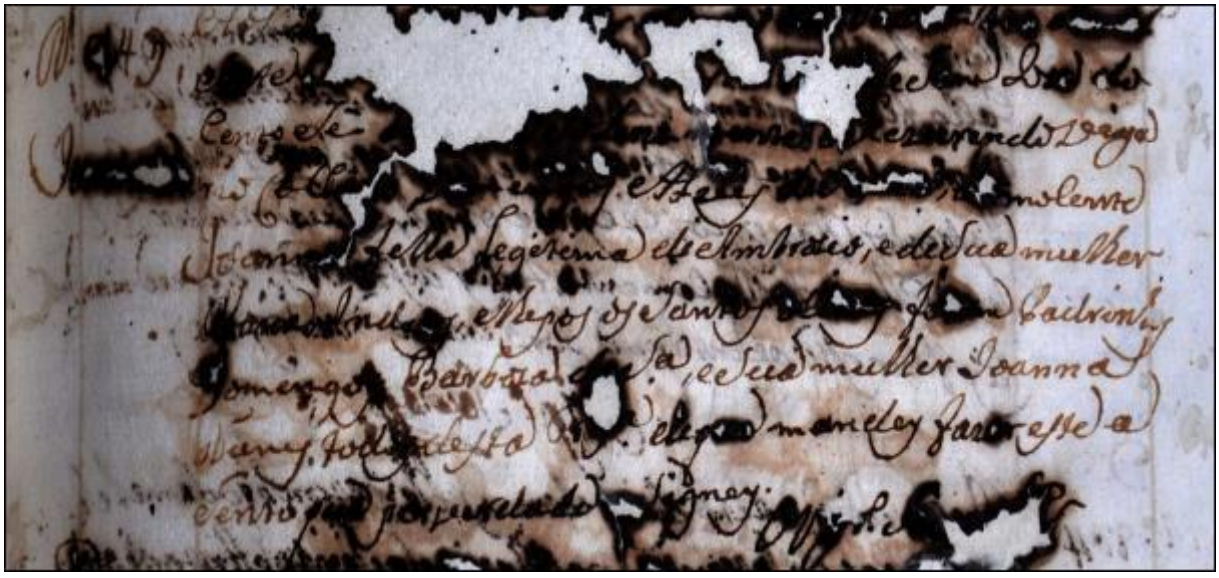


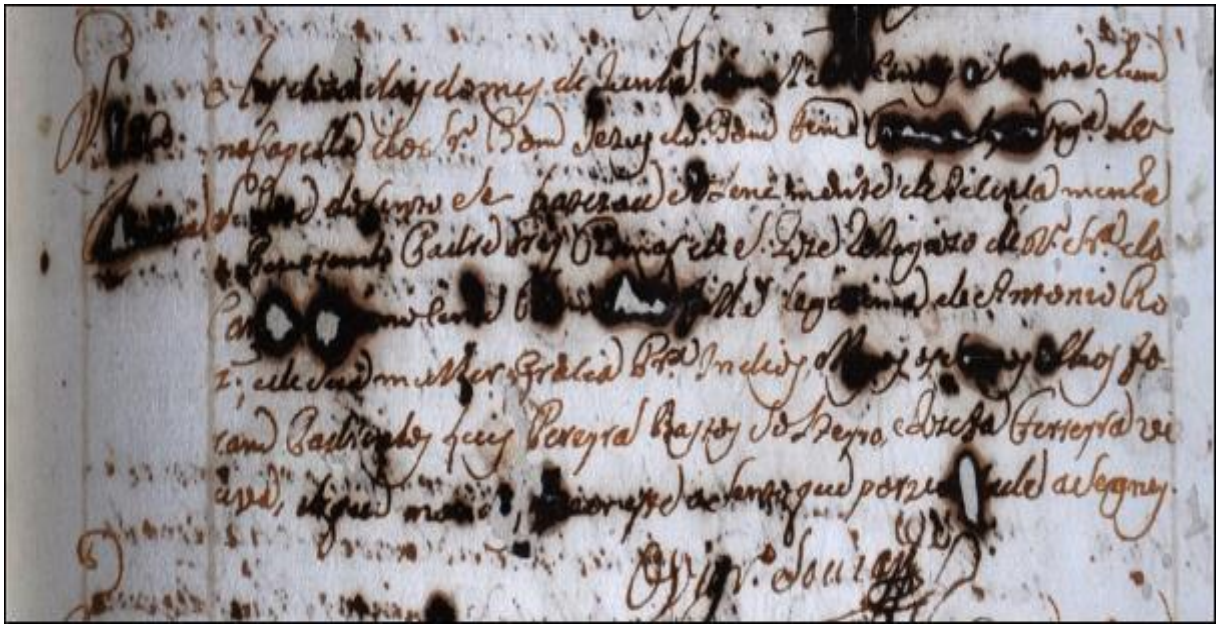


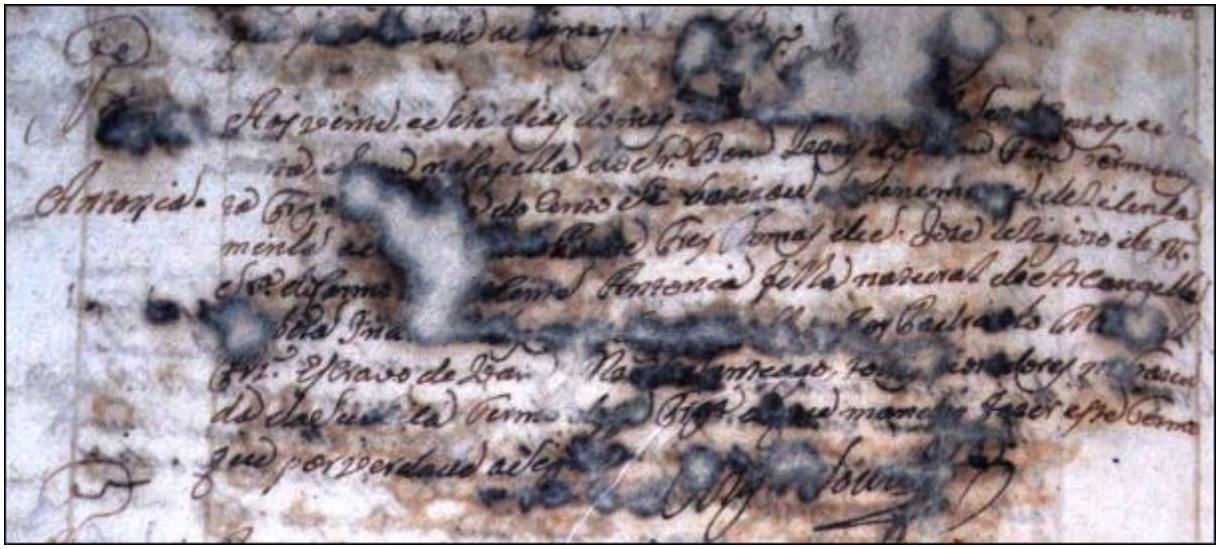


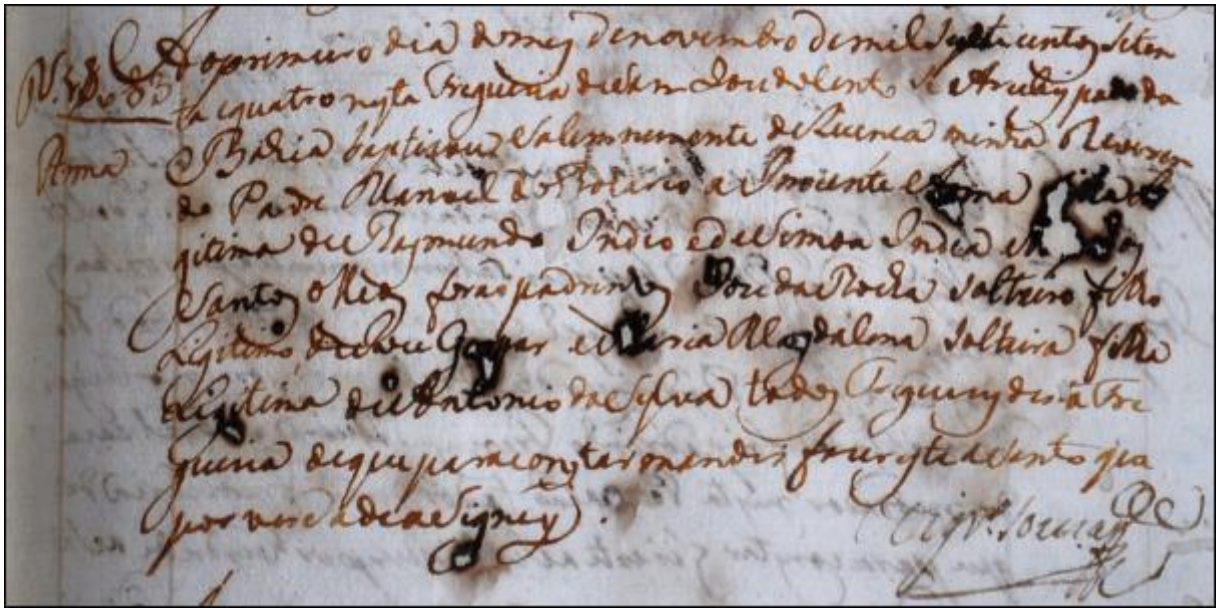


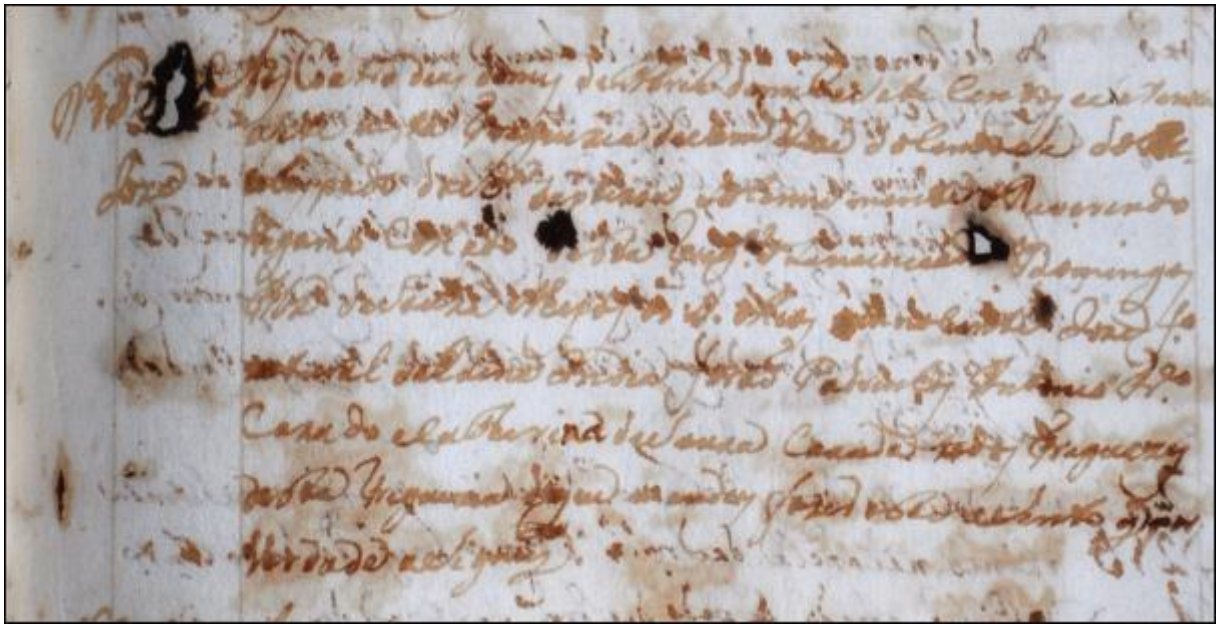




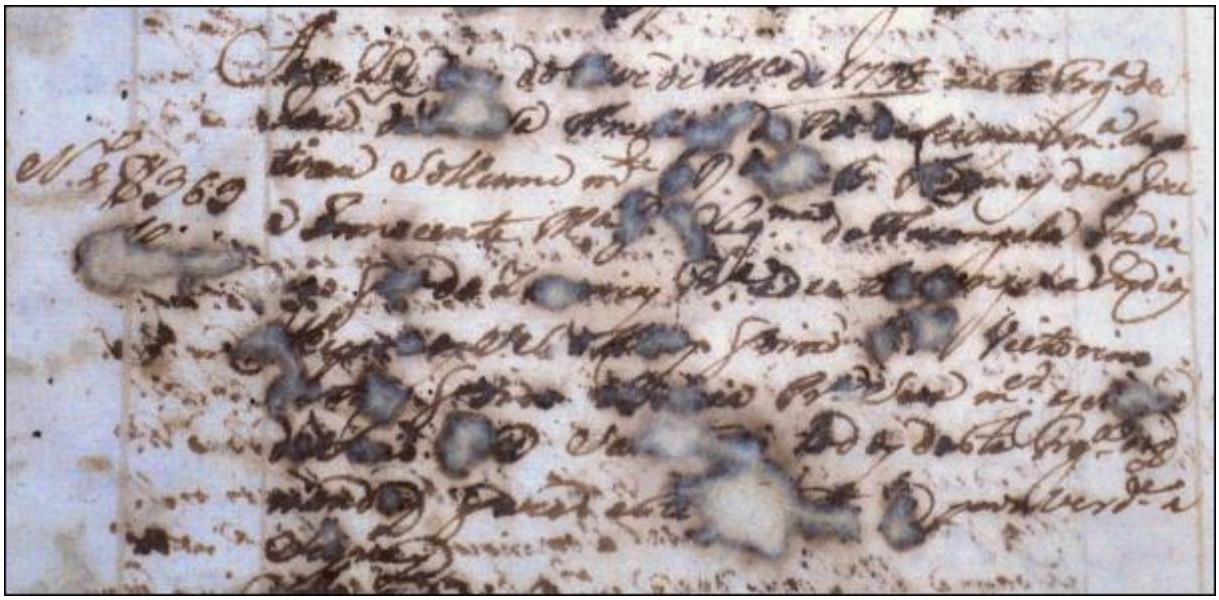


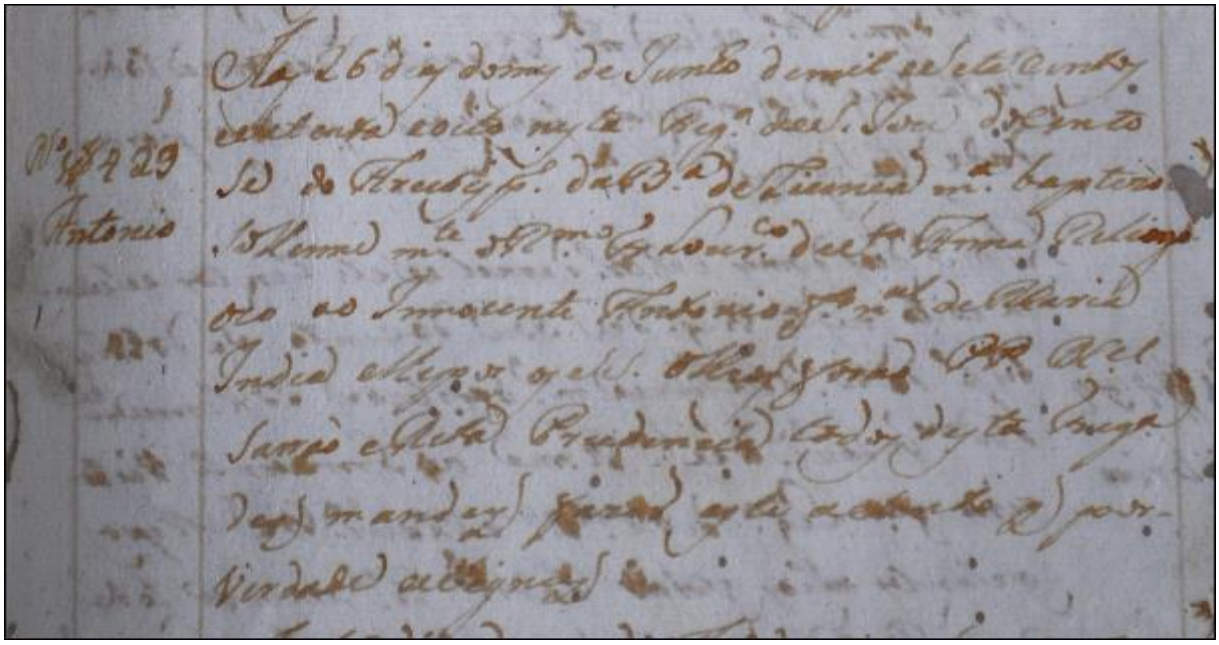






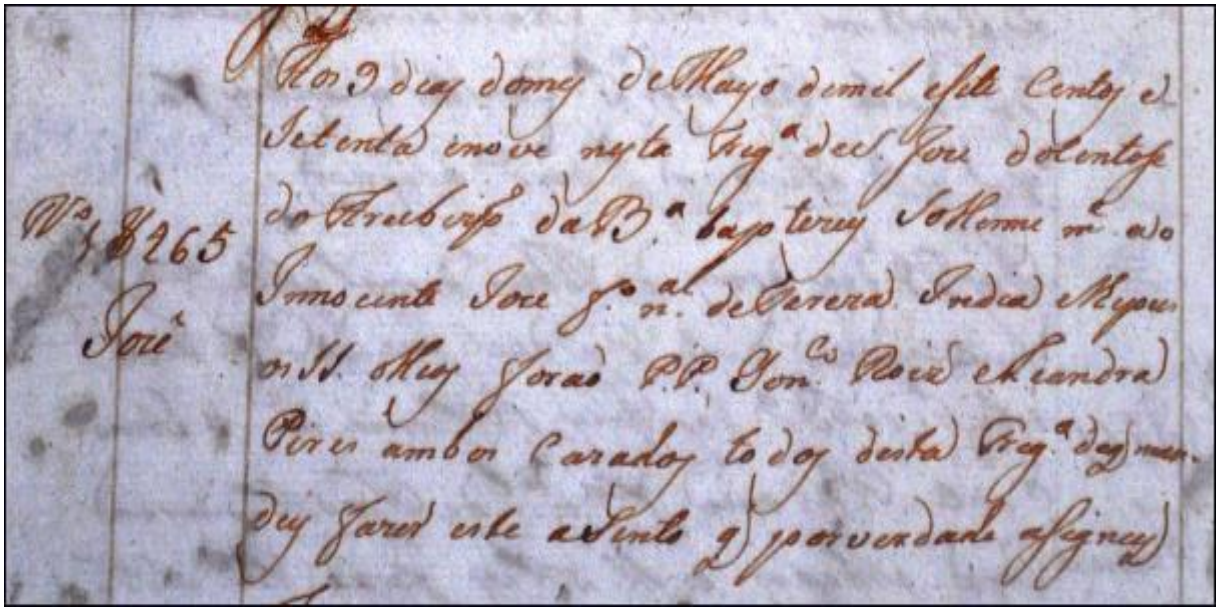






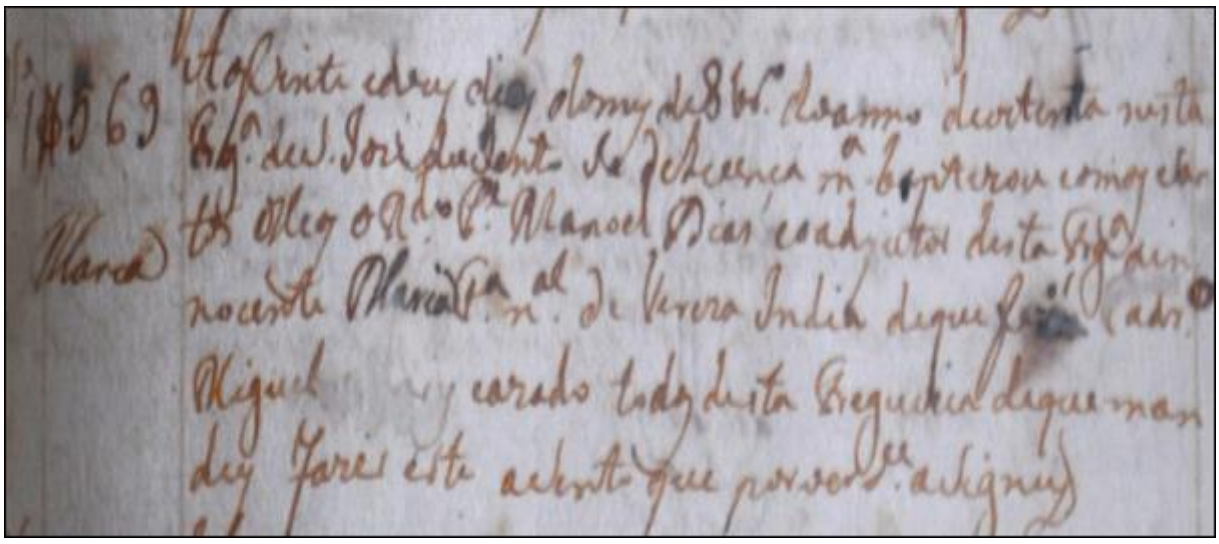
Nº 4929
Antonio

En 26 dias domy de Junio de mil setecientos
setenta y cinco yo el Rey. Dor. Jose d Cantos
Cura de Arucas fr. de la B.a de Extremadura m.a bapticé
solemne m.te a Antonio fr.o de Sr. Dor. Cano
y de su Muger Ana Maria fr.a nat.s de Canaria
India Mayor y de esclavos fueron Padrinos Dn Abel
Sanz de Lucia Presbitero y Dor. de dha Regd
a quien mande yo el Cura arriba dho y por
verdad lo firmé



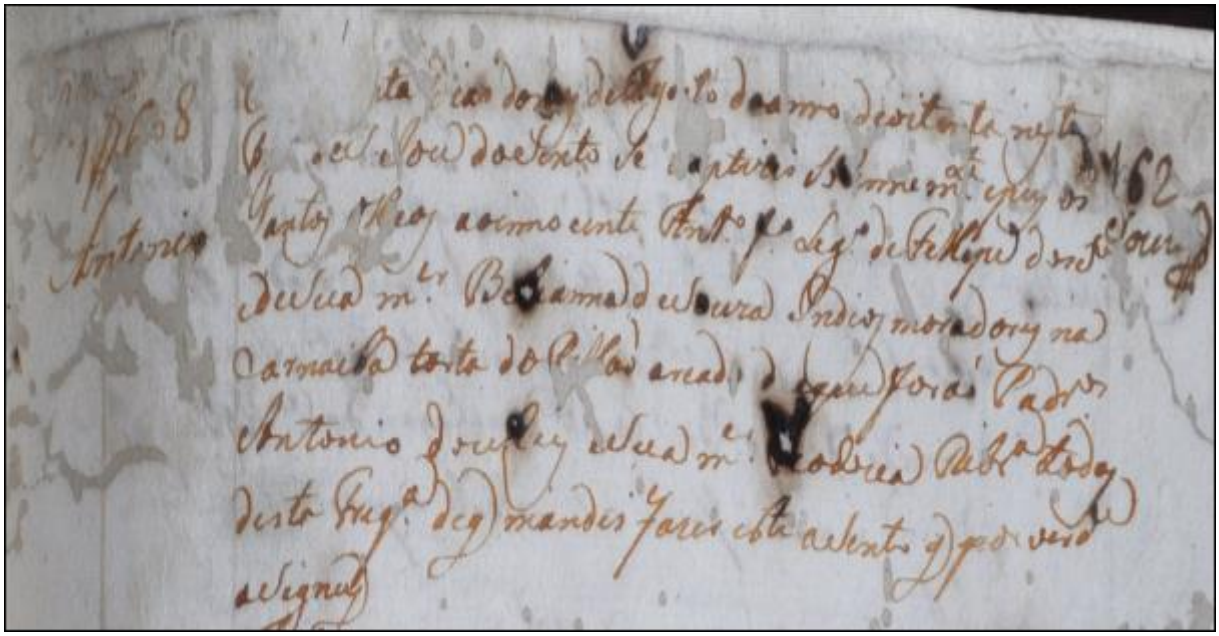
Nº 4265
Josè

En 3 dias domy de Mayo de mil setecientos
setenta y nueve yo el Rey.a Dor. Jose d Cantos
de Arucas fr. de la B.a bapticé y solemne m.te a
Innocente Jose fr.o nat.l de Canaria India Mayor
de N. Muy Jorge P.e Dor.o Rosa de Alexandra
Perez ambos casados todos de dicha Rey.a de quien
doy fee este acento y por verdad lo firmé



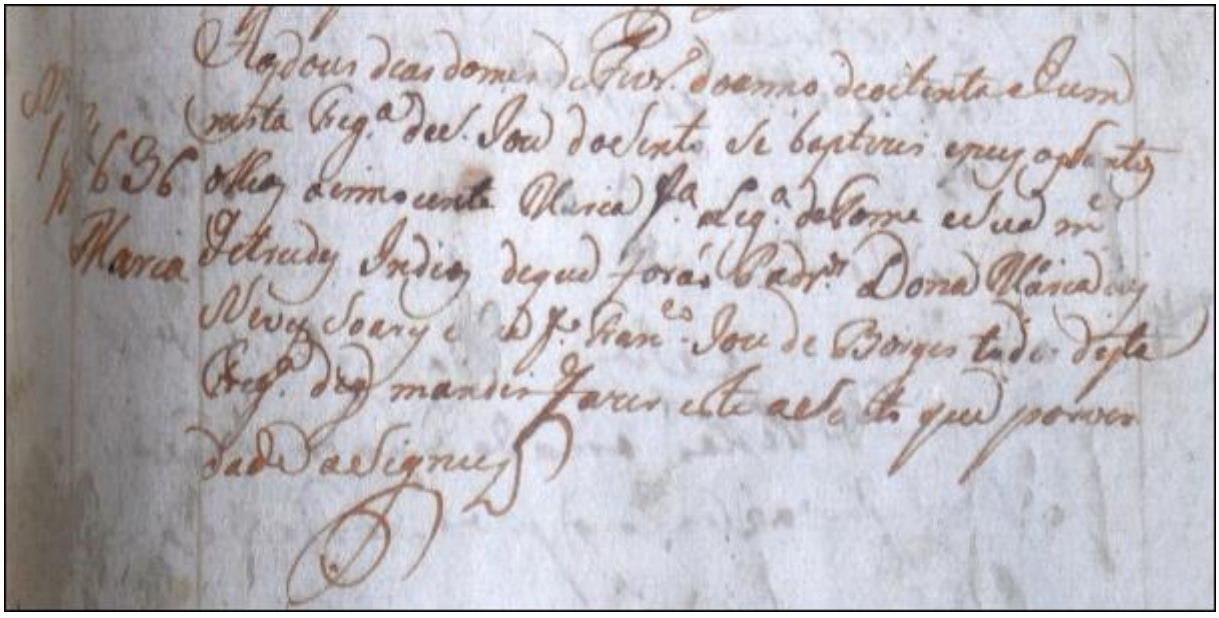
Nº 4569
Maria

En Arucas en dies dias domy de Sbre. de mil
Rey.a Dor. Jose de Cantos de Cerpa m.a bapticé con
de Muy O.dn Dr. Manuel Dias cura rector de esta Rey.a
Maria fr.a nat.l de Canaria India de que fue Padrino
Miguel [illegible] casado todos de esta Regueira de que man
doy fee este acento que por verdad lo firmé



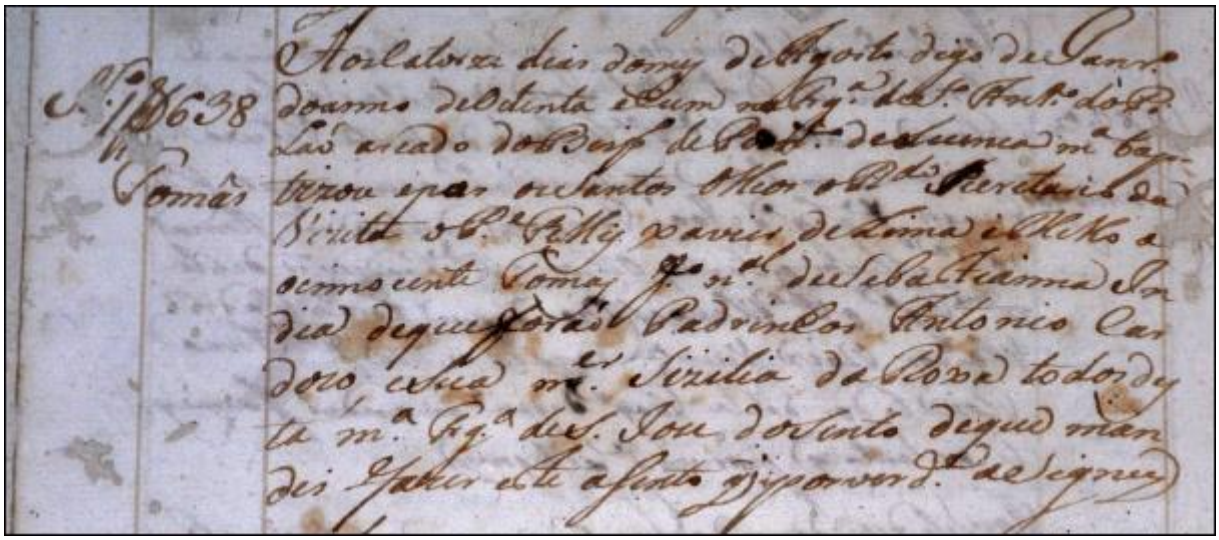
1638
Antonio

[illegible] dias do mez de Agosto do anno de mil e seis centos e trinta e oito annos
Eu o Padre Fr. Antonio de Santa Maria Religioso Capuchinho da Provincia
da Conceição baptizei e pus os santos oleos a hum menino que nasceo
aos vinte e dous dias do mez de Julho deste presente anno filho legitimo
de Bertholameu de Moura Indio morador na Carnaiba termo da Villa
de [illegible] e de sua mulher Joanna Indias moradores na
Aldeia de Antonio de Couto e foi padrinho Antonio de Couto e sua mulher
Isabel Ribeira todos desta freguesia e por verdade mandei fazer este assento
que assignei



1636
Maria

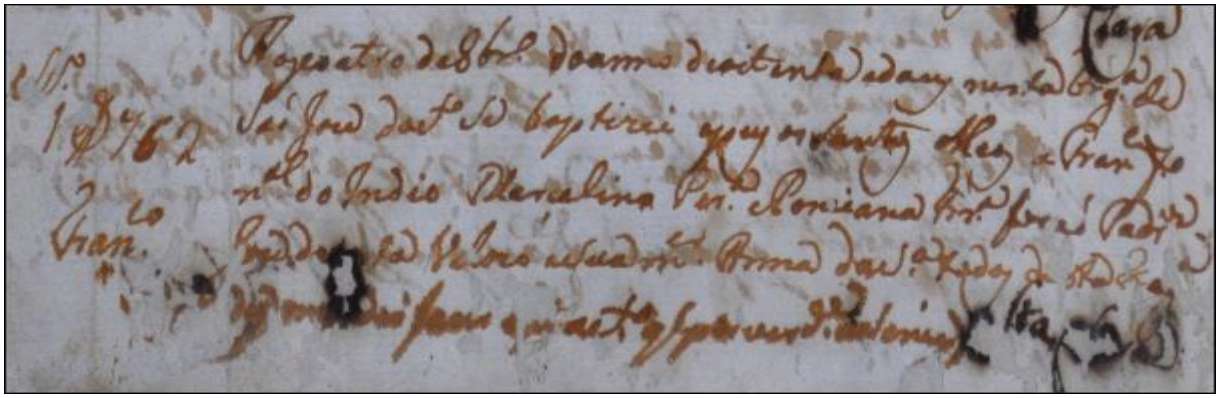
Aos dous dias do mez de Fevereiro do anno de mil e seis centos e trinta
e seis annos eu o Padre Fr. Antonio de Santa Maria Religioso Capuchinho
da Provincia da Conceição baptizei e pus os santos oleos a huma menina
que nasceo aos vinte e seis dias do mez de Janeiro deste presente anno
filha legitima de Bertholameu de Moura e sua mulher Estevão Indios
naturaes da Aldeia de Antonio de Couto e foi padrinho Domingos Alvares
Nogueira e sua mulher Maria Gonçalves todos desta freguesia e por verdade
mandei fazer este assento que assignei



1638
Tomás

Aos vinte e dous dias do mez de Agosto dous de Santo
do anno de mil e seis centos e trinta e oito annos eu o Padre Antonio de
Santa Maria Religioso Capuchinho da Provincia da Conceição baptizei
e pus os santos oleos a hum menino que nasceo aos vinte e hum dias
do mez de Julho deste presente anno filho legitimo de Bertholameu de
Moura e sua mulher Cecilia de Rosa todos da Aldeia de Antonio de Couto
e foi padrinho Antonio Cardoso e sua mulher Cecilia de Rosa todos desta
freguesia e por verdade mandei fazer este assento que assignei







REFERÊNCIA

LIVRO DE REGISTRO DE BATIZADOS DA FREGUESIA DE SENTO SÉ (1752 A 1783). Cúria da Diocese de Juazeiro – BA.

INDICATIVOS DA SOBREVIVÊNCIA FÍSICA E CULTURAL DA NAÇÃO SENTO SÉ NO SERROTE DA GAMELEIRINHA, FAZENDA SÃO ROMÃO

Leylianny Mara Oliveira Paes
Celito Kestering

Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: leila-oliveira17@hotmail.com

Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF. E-mail: celito.kestering@gmail.com

RESUMO

Na região do Médio e Submédio São Francisco há famílias de ancestralidade nativa que não sabem a que nações pertenceram os seus antepassados e sequer concebem-se como índios porque não preservam atributos estereotipados pela sociedade colonialista. Nas igrejas e nas escolas da rede pública e privada reforçou-se, durante séculos, o paradigma do extermínio indígena. Ainda hoje, aprende-se, desde pequeno, que a realidade autóctone brasileira é pré-histórica. Falam-se dos índios de hoje como meros resquícios agarrados ao pouco que lhes resta, em cinco séculos de depredação e espoliação. Fontes documentais primárias atestam que, desde a segunda metade do século XVIII, quando os portugueses ainda investiam na colonização do Submédio São Francisco, a política indigenista desarticulava as nações nativas pelo ritual do batismo cristão católico. Aos muitos neófitos cristãos de origem local e aos poucos de procedência africana atribuíam-se nomes e sobrenomes portugueses. Essa prática, reforçada pelas reformas pombalinas, dificulta hoje reconhecimento das relações filogenéticas das populações atuais com os seus ancestrais pré-coloniais. Duas nações, quais sejam os Sento Sé e os Tupiná negaram-se a adotar sobrenomes portugueses. Muito embora seus remanescentes ainda não se reconheçam enquanto etnias, eles continuam habitando o território herdado de seus antepassados e preservam atributos culturais indígenas. O presente trabalho tem o objetivo identificar atributos hipotética e preliminarmente atribuídos à nação Sento Sé, preservados nas estruturas e artefatos arqueológicos do Serrote da Gameleirinha, Fazenda São Romão, no entorno próximo da antiga cidade de Sento Sé, hoje submersa pelas águas do Lago de Sobradinho. Constata-se a conservação de muitos atributos da identidade indígena que se propõe sejam utilizados para fortalecer a autoestima do sertanejo do vale do São Francisco.

Palavras-chaves: Serrote da Gameleirinha. Fazenda São Romão. Sento Sé - BA.

1 FUNDAMENTAÇÃO

Adotam-se preceitos da Arqueologia Contextual para se chegar aos significados dos artefatos. Utilizam-se pressupostos teóricos e metodológicos da Arqueologia, História, Antropologia e Arquitetura.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO TAPUIA

Tapuia: O outro, o forasteiro, o bárbaro, o inimigo, o sertanejo, o interiorano ou o estrangeiro. Sobreviveu como caçador, coletor, pescador, ceramista, horticultor, criador, vaqueiro, remeiro, canoeiro ou militar.
O Tapuia genérico, sem tribo e sem etnia, surgiu onde houve a colonização portuguesa, com escassa presença de brancos. Nessas regiões, utilizou-se, a mão de obra indígena e grassou a mestiçagem (MOREIRA NETO *apud* PORTO ALEGRE, 1993, p. 312).

3 CONTEXTO AMBIENTAL

O Serrote da Gameleirinha é constituído de metagranito. Localiza-se na Fazenda São Romão, junto à Serra da Ventania, a meia distância entre os riachos da Samambaia, a leste, e de São Peregrino, a oeste. Situa-se ao sul do povoado de Piçarrão, no município de Sento Sé – BA, Submédio São Francisco, região Norte do Estado da Bahia (Fig. 1 a 3).
A vegetação é constituída de Marmeleiro, Jurema preta, Coroa de frade, Umburana de Cambão, Xiquexique, Angelim, Capoteiro, Maniçoba, Cansanção, Alecrim, Miroró, Pinhão roxo, Juazeiro, Baraúna, Aroeira-do-Sertão, Catingueira, Pereiro, Macambira, Caroá, Cana fístula, Angico, Mandacaru de Boi e Mandacaru Facheiro (Fig. 4).

Figura 1 – Serrote da Gameleirinha



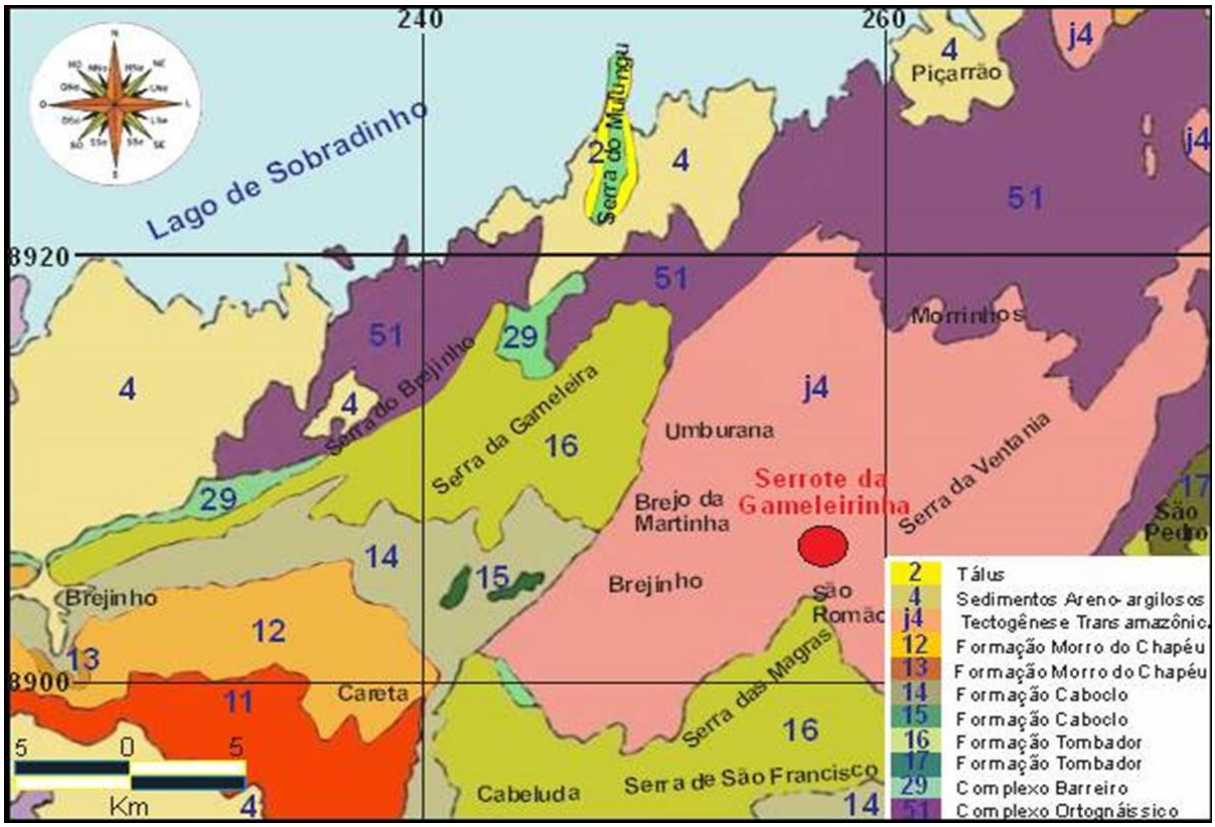
Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 2 – Localização do Serrote da Gameleirinha



Fonte: Google Earth (2014), modificada pelos autores

Figura 3 – Contexto geológico



Fonte: Angelim (1997), adaptado pelos autores

Figura 4 – Vegetação



Foto: Celito Kestering (2013)

A fauna silvestre constitui-se de insetos como cupim, formiga e abelha; pássaros como rolinha fogo apagou, jandaia, cancã, carcará, gavião, sofrê, bem-te-vi, casaca de couro, coruja buraqueira, João-de-barro, galo de campina e juriti; roedores como mocó e preá; tatus como peba e tatu – bola outros mamíferos como o saruê; cobras como jararaca e cascavel e lagartos como iguana, lagartixa e calango de lajedo (Fig. 5).
A fauna doméstica constitui-se de carneiro, bode, cavalo, burro, jumento, porco, boi zebu e boi europeu.

Figura 5 – Carapaça de tatu peba



Foto: Celito Kestering (2010)

4 SÍTIOS PRÉ-COLONIAIS

Gameleirinha 1 (código 030.1); Gameleirinha 2 (código 030.2) e Gameleirinha 3 (código 030.3) (Fig. 6 a 11).

Figura 6 – Gameleirinha 1

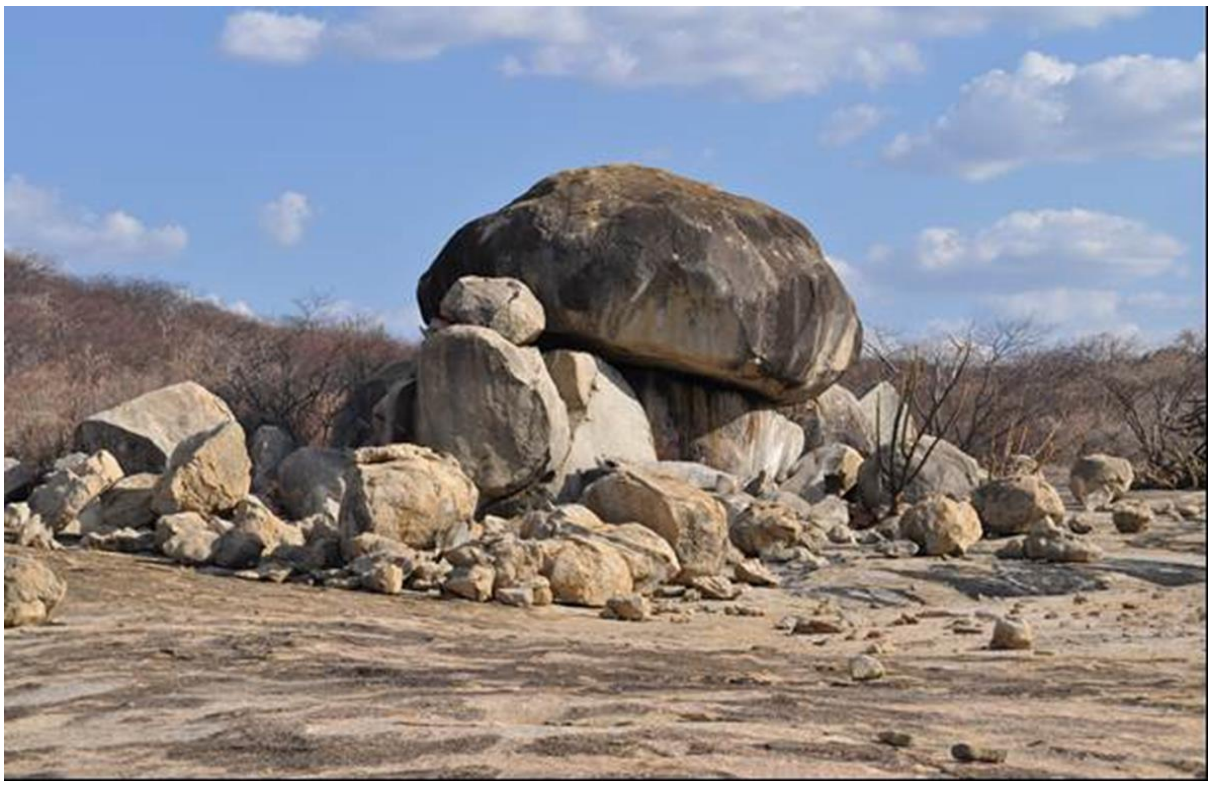


Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 7 – Painel de pintura rupestre



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 8 – Gameleirinha 2



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 9 – Painel de pintura rupestre



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 10 – Gameleirinha 3



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 11 – Painel de pintura rupestre



Foto: Celito Kestering (2013)

5 SÍTIOS MULTICOMPONENCIAIS

Gameleirinha 4 (código 030.4), olho d'água cercado com rama trançada (Fig. 12 e 13);
Gameleirinha 5 (código 030.5), estrutura de residência (Fig. 14 e 15);
Gameleirinha 6 (código 030.6), oficina de tritura (Fig. 16 e 17);
Gameleirinha 7 (código 030.7), estrutura de casa de farinha (Fig. 18 e 19);
Gameleirinha 8 (Código 030.8), oficina de tritura (Fig. 20 e 21);
Gameleirinha 9 (código 030.9), estrutura de residência (Fig. 22 e 23);
Gameleirinha 10 (código 030.10), estrutura de residência (Fig. 24 e 25);
Gameleirinha 11(código 030.11), estrutura de residência (Fig. 26 e 27);
Gameleirinha 12 (código 030.12), sede da Fazenda São Romão (Fig. 28).

Figura 12 – Gameleirinha 4



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 13 – Artefatos da Gameleirinha 4



Fotos: Celito Kestering (2013)

Figura 14 – Gameleirinha 5



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 15 – Artefatos da Gameleirinha 5



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 16 – Gameleirinha 6



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 17 – Artefatos da Gameleirinha 6



Fotos: Celito Kestering (2013)

Figura 18 – Gameleirinha 7



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 19 – Artefatos da Gameleirinha 7



Fotos: Celito Kestering (2013)

Figura 20 – Gameleirinha 8



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 21 – Artefatos da Gameleirinha 8



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 22 – Gameleirinha 9



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 23 – Artefatos da Gameleirinha 9



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 24 – Gameleirinha 10



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 25 – Artefatos da Gameleirinha 10



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 26 – Gameleirinha 11



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 27 – Artefato da Gameleirinha 11



Foto: Celito Kestering (2013)

Figura 28 – Artefatos da Gameleirinha 12



Fotos: Celito Kestering (2013)

Figura 29 – Expositor



Foto: Celito Kestering (2014)

REFERÊNCIAS

ANGELIM, Luiz Alberto de Aquino. (Org.) **Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. Petrolina. Folha SC. 24 –V – C**. Estados da Bahia, Pernambuco e Piauí. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). Brasília, 1997.

FRANCH, José Alcina. **Arqueología Antropológica**. Madrid: Akal S. A., 1989.

HODDER, Ian. **Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology**. London: Cambridge University Press, 1986.

_____. **Interpretación em Arqueología: corrientesactuales**. Crítica, Espanha, 1994

KESTERING, Celito; RIBEIRO, Morgana Cavalcante. **Pinturas Rupestres da Tradição São Francisco, Subtradição São Romão, no Serrote da Gameleirinha, em Sento Sé – BA**. (Prelo).

KESTERING, Celito. Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA. São Raimundo Nonato – PI: UNIVASF, 2014.

LIMA, C. F. **Padrões de assentamento em sítios arqueológicos na zona da mata de Alagoas e sul do Pernambuco**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LIMA, T. A. **Arqueologia Histórica: Algumas considerações teóricas**. CLIO – Série Arqueológica, Recife, p. 87-98, 1982.

ORSER, C. E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

SALES, Felipe Silva. **Arqueologia histórica do contexto maniçobeiro: aspectos do modo de vida nos artefatos de contexto doméstico do sítio Casa do Alexandre**. Monografia (Graduação). UNIVASF, 2011

TRIGGER, B. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.